

Carla Maria Lima Braga

**COMUNICAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE
CLÍNICA DE DIÁRIOS E *BLOGS* DE
ADOLESCENTES**

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARLA MARIA LIMA BRAGA

**COMUNICAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE
CLÍNICA DE DIÁRIOS E *BLOGS* DE
ADOLESCENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências da
Vida – PUC-Campinas, como requisito para a obtenção
do título de Doutor em Psicologia: área de concentração
como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
2009

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

T155.5 B183c Braga, Carla Maria Lima.
Comunicação e isolamento: uma análise clínica de diários e blogs de adolescentes / Carla Maria Lima Braga. - Campinas: PUC-Campinas, 2009.
169p.

Orientador: Leopoldo Pereira Fulgencio Junior.
Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia do adolescente. 2. Adolescentes - Diários.
3. Comunicação - Aspectos psicológicos. 4. Blogs. 5. Isolamento social. I. Fulgencio Junior, Leopoldo Pereira. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia III. Título.

22.ed.CDD – t155.5

Carla Maria Lima Braga

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

Aos meus pais: Noberto e Ilza por serem a base de tudo, por estarem sempre por perto e por acreditarem em meus projetos, me apoiando, me ajudando e fazendo acreditar que a vida vale a pena.

Aos meus filhos pela paciência que tiveram comigo enquanto eu escrevia e viajava. Ao João Felipe pela força e cobrança das minhas notas no Doutorado e ao Lucas pelos seus inúmeros objetos que me entregava, quando eu viajava, para eu não sentir saudades dele. Obrigada meninos, vocês foram demais!!!

Ao João, meu amor, companheiro, que me ajudou em tudo, na escuta, na leitura, e nos cuidados com os nossos filhos. Sua atenção, cuidado e incentivo sempre, é que me permitiu concluir mais esta etapa em nossas vidas.

Aos meus irmãos: Ana Paula, Alexandre e Ana Carolina que me aliviavam em alguns momentos, aos domingos, fazendo com que eu esquecesse um pouco a minha tarefa.

Ao meu Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio pelo apoio e incentivo.

Aos meus amigos que me acompanharam nesta trajetória e que muito me ajudaram fazendo com que o meu tempo em Campinas ficasse mais agradável: uns me acolhendo, outros me ajudando com a burocracia, outros em companhia nos colóquios, nos almoços, cafés ou nas longas conversas e risadas: Dani, Assis, Felipe, Sueli, Fernanda, Priscila, Renata, Lucas, Carol, Saulo e Marília. Obrigada!

Ao Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina pelo apoio e confiança nos anos que seguiram o presente trabalho

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da PUCCampinas pelo estímulo aos estudos e à pesquisa

À CAPES, pela oportunidade de ter usufruído a bolsa de estudo.

Muito obrigada!!

Dedicatória

**Aos meus pais
Aos meus filhos
e
Ao João**

SUMÁRIO

RESUMO	I
ABSTRACT	II
RESUMÉ	III
INTRODUÇÃO.....	1
I. Justificativa.....	10
II. Desenvolvimento.....	11
III. Objetivo.....	12
IV. Consideração sobre o método.....	12
CAPÍTULO I – A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL DE WINNICOTT.	15
1.1. As fases da teoria do amadurecimento.....	19
1.1.1. A dependência absoluta.....	20
1.1.2. A dependência relativa.....	24
1.1.3. Rumo à independência.....	28
1.1.4. Independência relativa.....	30
1.2. O ambiente.....	30
1.2.1. O ambiente inicial.....	31
1.2.2 O ambiente família.....	32
1.2.3. O ambiente sociedade.....	33
1.3. A capacidade para estar só.....	36
CAPÍTULO II – A COMPREENSÃO DA ADOLESCÊNCIA DO PONTO DE VISTA DE WINNICOTT.....	38
2.1. Conceitos históricos.....	38
2.2. O adolescente.....	42
2.3. A agressividade adolescente.....	47
2.4. O isolamento.....	48
2.5 Características antissociais	50
2.6. A sexualidade	52
2.7. O brincar.....	54

2.8. O ambiente.....	56
 CAPÍTULO III – A COMUNICAÇÃO E O ISOLAMENTO NA ADOLESCÊNCIA.....	 60
3.1. A comunicação.....	60
3.2. A comunicação do bebê e da criança.....	61
3.3. Formas de comunicação.....	64
3.4. Casos clínicos de Winnicott.	66
3.5. Formas diferenciadas de expressão.....	67
 CAPÍTULO IV - O PÚBLICO E O PRIVADO NAS ESCRITAS EM DIÁRIOS E <i>BLOGS</i>	 73
4.1 O diário	75
4.2. O <i>blog</i>	79
4.3. A memória.....	83
4.4. O segredo.....	85
4.5. A comunicação.....	89
4.6. O isolamento.....	91
 CAPÍTULO V – DIÁRIOS E <i>BLOGS</i> FALAM POR SI MESMOS, TÁ LIGADO?.....	 95
5.1. O diário de Helena Morley.....	96
5.2. Os <i>Blogs</i> de BiiK e Lovelace.....	111
5.2.1. O <i>Blog</i> de BiiK	112
5.2.2. O <i>Blog</i> de Lovelace.....	114
5.3. O <i>Blog</i> de Natália	117
5.4. O <i>Blog</i> Me deixa.....	130
 CAPÍTULO VI – ANÁLISE CLÍNICA.....	 133
 CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 145
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 152

COMUNICAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE CLÍNICA DE DIÁRIOS E *BLOGS* DE ADOLESCENTES

RESUMO

Na presente pesquisa foram analisadas questões relativas à comunicação e ao isolamento entre adolescentes, tendo como objeto de estudo um diário e blogs. Foi realizada a leitura de um diário de uma jovem, que foi escrito entre 1893 a 1895, e de blogs, escritos por adolescentes e que estão disponíveis na rede Internet. A análise e a interpretação foram feitas por a partir da teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Em ambas as formas de expressão – diário e *blogs* – podemos verificar alguns paradoxos característicos da adolescência, quais sejam: 1) apesar da necessidade de afastamento familiar do adolescente, ele necessita do acolhimento de sua família; 2) há uma busca por uma cura imediata para as suas angústias, mas ao mesmo tempo rejeita todas as curas que encontra, pois as consideram falsas porque não são suas próprias soluções; 3) o adolescente tem a necessidade urgente de se comunicar e necessidade mais urgente ainda de não ser decifrado; 4) o adolescente tem um medo de não ser encontrado, de não ser visto ao mesmo tempo que necessita se esconder das pessoas; 5) o adolescente tem uma incapacidade de ficar só, e esta capacidade é conquistada como fruto do amadurecimento que pressupõe à distinção de si mesmo na relação com os outros, e este ficar só do adolescente contribui para chegar a si mesmo. A partir de tais considerações, vislumbramos que o isolamento pode favorecer o desenvolvimento individual, principalmente neste período da vida; entretanto, a solidão e o retraimento também podem ser considerados como um abandono afetivo, o que pode ser reconhecido nos adolescentes que possuem apenas amigos virtuais. Entendemos também que um ambiente acolhedor e confiável contribui para a construção da identidade de um adulto saudável, e que uma presença potencial, implicada e reservada para acolher as angústias do adolescente, favorece a superação das dificuldades por ele enfrentadas. Assim, o ambiente em que os adolescentes vivem deve ser capaz de estar aberto à sua comunicação assim como ao seu silêncio. Já o ambiente virtual, quando bem utilizado, pode ser visto como um espaço potencial para a experiência lúdica e a criatividade, favorecendo a descoberta, por parte do adolescente, de ser alguém em algum lugar.

Palavras-chave: adolescência, Winnicott, ambiente, comunicação, isolamento.

COMMUNICATION AND ISOLATION: A CLINICAL ANALYSIS OF DIARIES AND BLOGS OF ADOLESCENTS

ABSTRACT

In the present research relative questions to the communication and the isolation between adolescents had been analyzed, having as object of study a diary and blogs. We accomplished a lecture of a diary of a youth, that were written among 1893 to 1895, and of blogs, written by adolescents and that are available in the Internet. The analysis and the interpretation were made through the, supported in the theory of maturing of D.W. Winnicott. In both the forms of expression - diary and blogs - we could verify some characteristic paradoxes of the adolescence, which are: 1) although the necessity of familiar removal of the adolescent, he needs the shelter of your family; 2) have a search for an immediate cure for your anguishes, but at the same time he rejects all the cures that he finds, therefore consider them false because it are not your own solutions; 3) the adolescent has the urgent necessity to communicate and more urgent necessity still of not being deciphered; 4) the adolescent has a fear of not being found, of not being seen at the same time that he needs to hide of the people; 5) the adolescent has an incapacity to be alone, for the fact to be much alone time, that is, the capacity to be alone is on to that always he had people gifts. Starting from such considerations, we shimmer that the isolation favors the individual development, mainly in this period of the life e; however, the solitude and the retraction can be considered as an affective abandonment, what can be lived deeply by adolescents that possess only virtual friends. We also understood that a homelike and reliable environment contributes to the construction of a healthy adult's identity, and that a potential presence, implicated and reserved to the adolescent's anguishes, favors the overcoming of the difficulties for him faced. Thus, the environment where the adolescent lives must be capable to be open to your communication as well as to your silence. Already the virtual environment, when well used, can be seen as a potential space for ludic experiences and the creativity, favoring the discovery, on the part of the adolescent, of being somebody in some place.

Words-key: adolescence, Winnicott, environment, communication, isolation.

COMMUNICATION ET ISOLEMENT: UNE ANALYSE CLINIQUE DE DIARIES ET *BLOGS* D'ADOLESCENTS

RÉSUMÉ

Dans la présente recherche ont été analysées des questions relatives à la communication et à l'isolement entre des adolescents, en ayant comme objet d'étude un diarie et blogs. A été réalisée la lecture d'un diarie d'une jeune, qui a été écrite parmi 1893 à 1895 et de blogs, écrits par des adolescents et c'est disponible dans l'Internet. L'analyse et l'interprétation ont été faites à travers de la méthode supportée dans la théorie de la maturation de D.W. Winnicott. Dans les deux formes d'expression - diarie et blogs - pourrions vérifier quelques paradoxes caractéristiques de l'adolescence, lequel soient : 1) malgré de la nécessité d'éloignement familial de l'adolescent, il a besoin de l'accueil de sa famille; 2) ont une recherche par une cure immédiate pour leurs angoisses, mais en même temps il rejette toutes les cures qui trouvent, donc elles les considèrent fausses parce que ce ne sont pas leurs propres solutions; 3) l'adolescent a la nécessité urgente se communiquer et de la nécessité plus urgente encore ne pas être déchiffré; 4) l'adolescent a une peur de ne pas trouvé, de ne pas être vu en même temps qui a besoin se cacher des personnes; 5) l'adolescent a une incapacité pour être seul, pour le fait de rester beaucoup de temps seul, c'est-à-dire, la capacité de rester seul est liée à laquelle il a toujours eu des personnes présentes. A partir de telles considérations, chatoyons que l'isolement favorise le développement individuel, principalement dans cette période de la vie; néanmoins, la solitude et la rétraction peuvent être considérées comme un abandon affectif, ce qui peut être vécu intensément par des adolescents qui possèdent seulement amis virtuels. Nous comprenons aussi qu'un environnement accueillant et fiable contribue à la construction de l'identité d'un adulte sain, et qu'une présence potentielle, impliquée et réservée aux angoisses de l'adolescent, favorise le surpassement des difficultés par lui affrontées. Ainsi, l'environnement où les adolescents vivent doit être capable d'être ouvert à sa communication ainsi qu'à son silence. Déjà l'environnement virtuel, quand bien utilisé, peut être vu comme un espace potentiel pour la expérience ludique et créativité, en favorisant à découverte, de la part de l'adolescent, de être quelqu'un dans quelque place.

Mots-clé : adolescence, Winnicott, environnement, communication, isolement

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da comunicação e do isolamento, no momento da adolescência, por meio da leitura e análise clínica de *blogs* e de diários de adolescentes em épocas e contextos sociais diferentes. A escrita de *blogs*, atualmente, parece retomar um hábito que teve seu auge nos séculos XVIII e XIX e que tinha a *escrita de si* em diários como altamente confidencial. Embora a escrita atual seja excessivamente exposta, consideramos que tanto a prática de séculos passados como a dos dias atuais traz pistas interessantes acerca do universo da adolescência. Para tal compreensão, a utilização da teoria de D.W.Winnicott torna-se fundamental, no sentido de que há uma teoria da adolescência desenvolvida pelo autor e que se encontra atualizada, como veremos no decorrer do trabalho.

O nosso interesse em trabalhar com a adolescência vem de nossa prática profissional tanto no consultório, quanto no ambiente universitário, e também do contato mantido com pais e professores que constantemente estão preocupados com o universo adolescente e com a sua forma de se relacionar com o mundo. Tais preocupações dizem respeito a um conjunto de manifestações, tais como dificuldade na comunicação com os adultos; a excessiva comunicação eletrônica com os amigos; o isolamento, geralmente em seus quartos, cada vez mais tecnológicos; pouco contato familiar e sintomas associados às drogas, depressão, problemas com a alimentação e questões com a violência.

Sabemos que o mundo atual passa por diversas contradições envolvendo questões éticas e morais as quais modificam a nossa forma de viver. Birman (1999) aponta que, na contemporaneidade, as psicopatologias estão definidas em depressões, toxicomanias e síndromes do pânico. O autor comenta que, estando mais voltadas para um olhar medicamentoso, elas contribuem para a necessidade da rapidez da *cura*, da exibição do que é perfeito, com exaltação do eu, sendo valorizado o *falso self* em oposição ao saber de si. Nesse contexto, os adolescentes, por estarem em processo de desenvolvimento, com suas contradições internas e pontos de questionamentos sobre o mundo, ficam muito expostos e mais vulneráveis a esse mundo contraditório. Os

cuidados ambientais são, portanto, fundamentais para que o adolescente amadureça e torne-se um adulto autônomo sem perder a sua espontaneidade.

Além do cotidiano profissional, o interesse também é baseado em nossas observações clínicas. Temos percebido que, muitas vezes, os adolescentes vivenciam um sentimento de vazio existencial, um sentimento de irrealidade e, caso este adolescente não possa tolerar este vazio, irá procurar aliviar tal sentimento de maneira imediata. Breton (1991) aponta que é comum os jovens possuírem conduta de risco como uma forma de conter as angústias, como passar em um semáforo com olhos fechados, não parar em um sinal vermelho, roubar em um supermercado, consumir álcool em demasia, tomar remédios, usar drogas ou conduzir motos em alta velocidade. De acordo com estudos estatísticos do Ministério da Saúde¹ (Brasil, 2002) sobre as causas de morte da população na faixa entre 15 e 24 anos, o número de suicídios nessa faixa etária cresceu 43% entre os anos estudados. Podemos supor que os jovens estão morrendo muito mais devido às causas emocionais do que por motivos biológicos ou sociais.

Antes de precisar qual a visão teórica a partir da qual desenvolvemos esta pesquisa, gostaríamos de fazer certo sobrevoo, agrupando uma série de aspectos da adolescência vista de diversas perspectivas. Isso servirá como preparação para a delimitação do quadro teórico com base no qual esta tese está sendo desenvolvida.

Em termos gerais, a adolescência (do latim *adolescere* = crescer) é uma fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica, mas também em sua dimensão histórica, política, econômica, social, cultural e psicológica. Não podemos compreendê-la separando suas dimensões e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade a esse fenômeno.

Para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos. Já para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2002 – Lei N 8069 de 13/07/90), é considerado adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade.

Conforme alguns psicanalistas (Osório, 1992; Aberastury, 1999, entre outros), o início da puberdade é universal e cronológico, em condições normais físicas,

¹ Estudo feito por Edinilsa Ramos de Souza, Maria Cecília de Souza Minayo e Juaci Vitória Malaquias – Pesquisadoras do Centro Latino Americano de Estudos sobre a Violência e Saúde – Fundação Oswaldo Cruz.

mas determinar o início da adolescência é uma tarefa complexa, pois vai depender da identidade pessoal. O término da puberdade coincide com a conclusão do crescimento físico e gonadal que acontece por volta dos 18 anos, porém o término da adolescência depende de questões ligadas à identidade sexual, ao estabelecimento de relações afetivas estáveis, à capacidade de cumprir compromissos profissionais, à independência econômica, a valores pessoais e à relação de reciprocidade com a geração precedente. Em termos etários, isso ocorreria por volta dos 25 anos na classe média brasileira (Osório, 1992). Para Salles (2005) *esta sequência no ciclo da vida era mais clara: o jovem primeiro estudava, ao fim da escola se empregava e daí casava-se.* (p 37). Atualmente é mais difícil determinar o término da adolescência pelas transformações sociais vividas. O rapaz pode tornar-se pai sem ter terminado os estudos, não pensar em trabalhar e morar com a sua própria família (mulher e filho), juntamente com seus pais. Perdemos, dessa forma, algumas referências para determinar até onde vai a transição do mundo infantil ao mundo adulto².

Historicamente, o conceito de infância e adolescência é uma invenção própria da sociedade industrial ligada às leis trabalhistas e educacionais, excluindo crianças e adolescentes do mundo do trabalho. Para Áries (1981), foi por volta de 1890 o começo do interesse pela adolescência, que se tornou tema literário e trouxe preocupações econômicas e políticas. A adolescência passou a ser considerada um fenômeno universal, vista como um fator não só de ordem social, ligado à cultura, mas também de ordem pessoal, quando diz respeito à maturidade biológica. Nessa perspectiva, na sociedade moderna, crianças e adolescentes adquiriram o *status* de dependentes, não responsáveis jurídicos, política e emocionalmente.

Sendo assim, a noção de criança e adolescente como um indivíduo dependente acarreta surgimento de políticas sociais e educacionais que visam à orientação da família, na relação com seus filhos para que estes se tornem adultos saudáveis. Os conhecimentos médicos, psicológicos, sociológicos e pedagógicos se estruturam em torno do comportamento da criança e do adolescente.

² Segundo Salles (2005), a tendência ao prolongamento da adolescência na sociedade atual é apontada pelo tempo de estudo que se prolonga e a entrada no trabalho que acontece mais tardiamente. A falta de autonomia financeira e o desemprego fazem com que os adolescentes adiem a saída da casa dos pais, principalmente em camadas médias da população.

No universo da psicologia, encontramos autores que, ao pesquisarem o desenvolvimento e a aprendizagem, como Wallon, Piaget e Vygotsky, estabelecem determinadas características para cada etapa do desenvolvimento humano ou preveem normas de conduta para determinadas faixas etárias. É nesse contexto que identificamos alguns autores os quais tomaram o período de transição da criança para a fase adulta como objeto de estudo. Dentre eles, podemos citar autores clássicos como Erik Erikson (1976), cujo entendimento é de que o adolescente passa por uma crise vital como as outras tantas que o indivíduo vivencia ao longo da sua vida como o desmame, o início da socialização, o término da primeira infância ou o climatério. Erikson alia os processos psíquicos aos vividos pelo jovem a uma perspectiva social.

Já Knobel (1981: 24) descreve o período como um momento crítico, caracterizado pela “síndrome da adolescência normal”, ou seja, é uma crise universal e é “normal” os adolescentes a vivenciarem. O autor, entretanto, reconhece que os autores da psicologia social fazem críticas a generalizações e universalização da crise da adolescência, colocando como determinantes a condição social, redes familiares e a assimetria nas relações de gênero.

De qualquer forma, para Freud (1905), os estágios de desenvolvimento psicosssexuais são universais e relativamente independentes de fatores ambientais. Das perspectivas apresentadas, a que trabalha com o Inconsciente, com a sexualidade e com processo psíquicos é a que consideramos primordial para a compreensão do homem.

Desejamos trabalhar nesta tese a fase da adolescência sob o ponto vista da psicanálise de D. W. Winnicott. Em primeiro lugar, porque Winnicott entendeu a adolescência não como um produto sociológico ou histórico, mas como uma fase do amadurecimento humano, e desenvolveu uma teoria da adolescência peculiar e pouco explorada pelos estudiosos. Além disso, o autor foi, dentre os psicanalistas, aquele que mais enfatizou a questão do *ser* de uma maneira que, sem desconsiderar a sexualidade, não reduziu os problemas da adolescência aos problemas edípicos associados à dominação dos instintos. Ademais, ele trabalhou com a ideia de que o *ambiente* propicia as condições psicológicas e/ou físicas necessárias ao amadurecimento emocional do ser humano.

Para Fulgencio (2006), Winnicott reconheceu que Freud descobriu *aspectos fundamentais da natureza humana, tais como: o inconsciente reprimido, a*

sexualidade infantil, e o complexo de Édipo, mas também que *Freud e outros analistas (tais como Melaine Klein) erraram ao projetar a dinâmica do complexo de Édipo para fases mais primitivas do desenvolvimento* (Fulgencio, 2006: 4). Assim, pensar a adolescência apenas pela noção de reedição do complexo de Édipo e pelas questões ligadas à sexualidade poderia ser considerado um erro dentro da perspectiva winnicottiana. Em função disso, há uma insuficiência teórica ao se pensar o adolescente no contexto da psicanálise tradicional³.

Enquanto a teoria freudiana esteve atenta a confirmações sobre a teoria da sexualidade e ao aparelho psíquico movido por pulsões libidinais (cf. Loparic, 2005), Winnicott preocupou-se com as condições físicas e psicológicas adequadas para que o bebê possa experienciar as excitações eróticas em um momento posterior. Segundo Winnicott, há questões mais fundamentais no desenvolvimento do indivíduo a serem consideradas do que a problemática da sexualidade, como a necessidade de ser e continuar sendo.

Além dessas questões trabalhadas em relação ao início da vida humana, Winnicott formulou uma teoria sobre a adolescência que aponta questionamentos importantes para a compreensão dessa etapa da vida. Com as premissas de que o adolescente *quer ser algo em algum lugar* (Winnicott, 1967: 8), que *o adolescente é essencialmente um ser isolado* (Winnicott, 1961a: 118), Winnicott entendeu o adolescente como um ser isolado que se socializa em bando, vivenciando questões ligadas à existência de si no mundo, com angústias e medos do vazio existencial, e **também**, mas não só, ligados à sexualidade.⁴

A teoria winnicottiana trabalha com a ideia de que todo o indivíduo humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento e que suas necessidades, desde as etapas mais primitivas, permanecem ao longo da vida até a morte. Além do mais, as condições ambientais favorecem a constituição do indivíduo e a sua capacidade de se relacionar com o mundo e com os objetos externos.

Dias (2003), ao fazer a exegese da teoria do amadurecimento de Winnicott, indica que tal processo inicia-se em algum momento após a concepção e

³ Para uma compreensão da relação entre a Psicanálise Tradicional (representada pelos teóricos como Freud, Klein e Lacan) e a Psicanálise Winnicottiana, ver Loparic (2002; 2006).

⁴ Esse conjunto de afirmações de Winnicott será trabalhado mais em detalhes ao longo desta tese, assim como a sua teoria do amadurecimento pessoal.

continua até a morte natural. *O processo é desdobrado em estágios (stages), ou etapas, que podem ser breve e genericamente enumerados como se segue. Dos estágios primitivos⁵, de dependência absoluta, fazem parte: 1) a solidão essencial, a experiência do nascimento e o estágio da primeira mamada teórica. Dos estágios iniciais, de dependência relativa, participam: 2) o estágio de desilusão e de início dos processos mentais, 3) o estágio da transicionalidade, 4) o uso do objeto, e 5) o estágio do Eu SOU. Após isto, o bebê caminha “rumo à independência”: 6) estágio de concernimento. Em seguida, vêm os estágios de independência relativa: 7) estágio edípico, 8) o de latência; 9) a adolescência, 10) o início da vida adulta, 11) a adultez, 12) a velhice e a morte. Na velhice, algo de dependência absoluta ou relativa retorna (Dias, 2003: 97-98).*

Na dependência absoluta, a mãe é capaz de identificar-se com o bebê e de saber o que ele precisa; a *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1958j) é devotada ao bebê e fornece as condições facilitadoras para o processo maturativo agir. O mundo do bebê é um mundo subjetivo e precisa ser confiável. A confiança significa previsibilidade sem a interrupção da continuidade do ser. É preciso manter o ambiente constante, regular, simples, monótono e previsível e permitir, dessa forma, que o bebê crie o objeto que encontra, tendo a ilusão de onipotência. Aos poucos, a criança torna-se capaz de aceitar a existência independente do mundo externo.

O mundo objetivamente real compartilhado tem muito a oferecer, desde que sua aceitação não signifique a perda da realidade do mundo pessoal imaginativo. *Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo – o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som da voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda o discurso* (Winnicott, 1968b: 115). A linguagem pode ser silenciosa e a confiabilidade está garantida.

Dias (2003: 276) nos aponta ainda que, se a criança chega ao estágio avançado do amadurecimento, menor será a influência do ambiente no que diz respeito ao processo de estruturação psíquica da criança. O ambiente será importante de outra maneira. Por exemplo, a família tem a possibilidade de oferecer um ambiente confortável para que as crianças possam brincar e sonhar; assim como para os

⁵ Winnicott, em *Natureza Humana* (1988: 153-156), aponta a existência de estágios pré-primitivos e inclui a solidão essencial nesse estágio. A solidão essencial aqui somente pode existir em condições de dependência máxima.

adolescentes poderem fazer suas descobertas sem se preocupar com a estabilidade familiar.

Lembramos que, se, à época da puberdade, a sexualidade não estiver madura, o indivíduo não estará em condições de enfrentar as mudanças físicas e ao processo de amadurecimento pessoal que eclode na adolescência. Mesmo para a criança saudável, não há como escapar das ansiedades decorrentes dessa passagem; contudo, a forma como o indivíduo lidará com elas depende necessariamente do que foi vivenciado nos primeiros anos. A criança que foi bem cuidada estará mais habilitada a enfrentar a imensidade de sentimentos novos, o que, no entanto, não assegura ausência de problemas.

Para Winnicott (1967), os jovens estão interessados com o ser, com o estar em algum lugar, com o sentirem-se reais e não só com os impulsos instintivos. Como formulou o autor, não há cura para a adolescência a não ser deixar o tempo passar e sobreviver à turbulência da época (Winnicott, 1961a).

Os adolescentes repetem padrões dos estágios primitivos tal como um bebê. Ele é um ser isolado padecendo de sentimentos de irrealidade, e a sua principal luta é sentir-se real. O adolescente necessita de um suporte firme e um ambiente de confiabilidade de forma a poder se comunicar melhor e superar esse período de incertezas e culpas porque, na “fantasia inconsciente, crescer é destruir os pais”. (Winnicott, 1969a [1968]).

A criança saudável chega à adolescência equipada para atender os seus novos sentimentos, tolerar melhor as situações de apuros e resolver situações que envolvam ansiedade em demasia. A família e a escola exercem uma ação direta no desenvolvimento da criança e do adolescente; dessa maneira, a confiança deve ser a base da relação do adulto (em seus diversos ambientes) com o adolescente. Consoante Winnicott, o crescimento não é uma questão de tendência herdada apenas, mas sim o entrelaçamento com o ambiente facilitador e suficientemente bom.

É no âmbito da teoria de amadurecimento que Winnicott aborda a questão da possibilidade de comunicação entre as pessoas. Para o autor (1965j [1963]), a capacidade de se comunicar está relacionada às relações objetais e depende da qualidade do ambiente favorável. A comunicação com o mundo pode ocorrer a partir do

falso *self*⁶ e não parecer real, não sendo uma verdadeira comunicação porque não envolve o núcleo do *self*, aquele que poderia ser chamado de *self* verdadeiro; por outro lado, a comunicação com objetos subjetivos tem toda a sensação de ser real. O autor fala, em seu artigo *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*, sobre os mecanismos mentais que podem estar subjacentes a um dilema que pertence à *coexistência de duas tendências, a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado*. (Winnicott, 1965j[1963]: 168).

A divisão (*split*) que acontece na comunicação dos homens mostra que, mesmo que as pessoas apreciem se comunicar, é também verdadeiro que cada indivíduo é isolado e que tem sempre uma parte, uma realidade nunca encontrada. Há em cada indivíduo um elemento não-comunicável, o qual é sagrado e deve ser preservado. De acordo com Winnicott (1965j [1963]: 173), o adolescente é visto como um ser isolado. Para preservar esse estado de isolamento, o adolescente se defende contra qualquer ameaça a este núcleo, ocultando-se. Essa preservação do isolamento pessoal é parte da procura de uma identidade. Os adultos, em geral, (pais, professores, terapeutas) muitas vezes tentam invadir esse núcleo, o que leva os adolescentes a se fecharem ainda mais.

As formas de comunicação que os adolescentes têm com o mundo a sua volta, seja com os amigos ou com os adultos que o cercam, vêm sofrendo modificações ao longo do tempo. Atualmente, o uso de *Internet* está bastante difundido entre os adolescentes, motivo de muitas queixas por parte dos adultos, pois tal suporte, por exemplo, seria uma das causas da perda do sono e de horas de estudos; afinal, os adolescentes acharam uma forma de conversar, conhecer pessoas sem a interferência direta de seus pais para controlá-los, mesmo porque muitos pais não entendem a tecnologia avançada que os filhos utilizam. Até quando os pais são "conectados", outra estratégia é implementada: os filhos passam a se comunicar por códigos, símbolos, impossíveis de serem decifrados. Os adolescentes estão vivendo ilhados em seus quartos, cada vez mais equipados com suportes tecnológicos como computadores, telefones celulares, TV, e ficando muito distantes do contato familiar. Na verdade, os adolescentes estão mais conectados ao mundo virtual do que ao mundo real.

Uma nova forma de expressão surge nesse novo contexto tecnológico. Tempos atrás, era comum – sobretudo entre as moças – terem um pequeno diário, um

⁶ Conceito winnicottiano que será discutido no decorrer do trabalho.

caderno, geralmente protegido dos olhares dos adultos, ou mesmo agendas escolares, onde eram marcados todos os acontecimentos importantes do dia-a-dia e do momento histórico em que viviam. Morley (1998) diz que, entre os doze e os quinze anos, manteve um diário em que anotava não apenas os acontecimentos do cotidiano, mas também comentários sobre a vida, a escola, a família e as relações sociais nos anos de 1893 a 1895.

Hoje, diferentemente das meninas dos anos do final do século XIX início do século XX, os adolescentes usam os *blogs*⁷. Eles confiam no anonimato oferecido pela Internet e escrevem seus pensamentos mais particulares. O recurso da Internet também possibilita aos adolescentes estabelecerem conversas íntimas com seus amigos, ou mesmo com pessoas que não conhecem pessoalmente, criando a oportunidade para discutirem temas polêmicos como a gravidez, aborto ou drogas. Diante das expressões disponíveis – diário publicado no séc. XIX e os *blogs* do Séc. XXI – uma questão pode ser levantada: será que os adolescentes de hoje vivem as mesmas angústias dos adolescentes do passado?

A manifestação atual de escrita permite ao adolescente, em seu cotidiano, escrever de forma bastante diferenciada dos adolescentes que escreviam em seus diários ou cadernos e que eram guardados e escondidos. Os *blogs* são escritos diariamente e podem mudar constantemente; a sua organização pode ser alterada a qualquer momento, sejam fotos, pensamentos ou poemas. As constantes mudanças nos *blogs* parecem retratar as mudanças internas vividas pelos jovens, o que parece ser algo diário. Além disso, o adolescente, através de seu *blog*, pode dividir seus pensamentos com outras pessoas e, dessa forma, estabelecer uma comunicação.

Para Döring (2003 *apud* Recuero, 2007), *as páginas pessoais trazem em si a ideia de uma resposta sistemática para a questão individual da identidade 'quem sou eu' e dá suporte à internacionalização de uma resposta individual*. Constantemente atualizado, constantemente modificado, o *blog* tem as cores, as fotos, a configuração do *site* e mesmo o endereço e o nome sendo modificados o tempo todo, conforme as novas configurações do eu são modificadas. Existe, logo, uma "personalização"⁸ do *website*, de modo a refletir a visão que o *blogueiro* tem de si mesmo, ou a que ele deseja

⁷ *Blogs*: uma espécie de diário ou registro mantido na Internet

⁸ Personalização aqui se refere as constantes mudanças que o usuário faz em sua página do *blog* a fim de ser única, original e pessoal.

transmitir ao outro. A informação divulgada em um *blog* encontra-se imbuída da personalidade de seu autor. Os *blogueiros* desejam que o leitor saiba que aquele espaço é "*seu*". Por conta disso, elementos como a descrição pessoal do indivíduo, o uso da primeira pessoa, o uso das fotografias e a assinatura em todos os *posts* são frequentes.

A ideia é que o adolescente coloca no *blog* aquilo que ele deseja que o outro saiba. Seria uma comunicação do verdadeiro *self*? O que eles comunicam? Quem escreve diário quer ser encontrado? E quem escreve diário faz necessariamente uma comunicação verdadeira?

I. Justificativa

A questão principal deste trabalho diz respeito à adolescência e sua manifestação no mundo através de sua comunicação mesmo sendo, muitas vezes, de maneira isolada. Certamente, os problemas ligados à adolescência poderiam ser vistos sob a perspectiva de outras áreas do conhecimento como a medicina, a comunicação social ou a sociologia, por exemplo; mas nossa proposta é trabalhar essas questões sob o olhar da psicanálise e, mais especificamente, da psicanálise winnicottiana, enfatizando o ambiente e as questões clínicas derivadas da forma como o adolescente se manifesta.

O presente trabalho tem a intenção de discutir a questão da adolescência sob um novo paradigma⁹ – o proposto por Winnicott – e utilizá-lo para pensar sobre as questões atuais. A novidade da teoria winnicottiana está em sua proposição de que o processo perturbador do desenvolvimento individual não é só de ordem sexual, mas também do amadurecimento emocional, e que o ambiente facilitador tem importância fundamental para o desenvolvimento humano.

O problema da adolescência, nos dias atuais, tem intensificado a preocupação para aqueles que estão em contato direto com pessoas desta faixa etária, como profissionais da educação, da saúde e os próprios pais. Os sintomas relacionados ao alcoolismo, ao uso de drogas, à violência, à depressão e aos comportamentos anti-sociais são recorrentes e vêm aumentando nos jovens. A proposta de estudar as questões

⁹ O uso do termo paradigma aqui visa a somente tornar mais visível a diferenciação entre os psicanalistas. Para os interessados, ver Loparic (1999) e Fulgencio (2003).

atuais da adolescência sob o ponto de vista de D. W. Winnicott é acreditar que tal teoria pode ajudar no esclarecimento a respeito destes temas.

A importância do presente trabalho é a possibilidade de a psicologia clínica estar a serviço de uma psicologia preventiva, como já dizia Bleger (1984). O ideal é trabalharmos não só aquele paciente que nos chega, mas poder oferecer subsídios para outros profissionais e aos pais na relação com os adolescentes.

II. Desenvolvimento

Na primeira parte do trabalho, intitulada *A Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott*, localizaremos a teoria de Winnicott diferenciando-a do contexto da psicanálise tradicional, com o objetivo de explicitar a perspectiva winnicottiana. É importante esclarecer que as visões que os psicanalistas têm acerca do ser humano são diferenciadas e a forma de entender e de abordar o indivíduo no seu caminho, ao longo de seu desenvolvimento, expressam posições díspares. Na segunda parte do capítulo, apresentaremos a teoria de D. W. Winnicott em seus principais aspectos em relação ao processo do amadurecimento saudável de um indivíduo. O quadro geral do amadurecimento pessoal de Winnicott tem a sua importância ao enfatizar a ajuda essencial do ambiente nesse processo e por indicar as inúmeras tarefas e conquistas necessárias ao indivíduo até a chegar à fase madura, o que pode nos auxiliar na compreensão do desenvolvimento humano até a adolescência.

No capítulo *A compreensão da Adolescência do ponto de vista de Winnicott*, propomos localizar a concepção que Winnicott possui sobre a adolescência, a partir da qual escreveu seus textos, e as principais ideias de Winnicott sobre o universo do adolescente, ressaltando aspectos tais como a sua necessidade *de ser alguém em algum lugar*. Salientamos também a dificuldade dos adolescentes de lidar com a sociedade, que não está preparada para lidar com o novo; assim, o adolescente vive de maneira isolada, buscando se encontrar. Mesmo que esteja com seu grupo, um adolescente pode não querer se comunicar para não ser descoberto pelo adulto antes de seu tempo e, na sua irreverência, busca mudanças pessoais e sociais.

No terceiro capítulo, *A comunicação e o isolamento na adolescência*, apresentamos a maneira como a teoria winnicottiana aborda a questão da comunicação humana, assim como o estado de isolamento visto como uma forma de comunicação.

No quarto capítulo, *O Público e o Privado nas escritas em diários e blogs*, trazemos a discussão sobre os efeitos que a tecnologia atual tem sobre os indivíduos e seus hábitos no cotidiano. Apontamos que o indivíduo vive em um contexto histórico que poderá ter uma grande influência em sua forma de ser, em sua forma de pensar e se comunicar com os seus iguais. Além disso, trazemos definições sobre os *blogs* e seu funcionamento, para que possamos compreender essa nova forma de comunicação.

O quinto capítulo é *Diários e Blogs falam por si mesmo, tá ligado?* Nele expomos a fala dos adolescentes através de seus diários e *blogs*. Apesar de trazer alguns adolescentes de forma a montar um cenário, interessa-nos a fala de duas adolescentes como protagonistas desta trama: *Helena e Natália*.

III. Objetivo

Analisar as formas como os adolescentes se relacionam entre si e com o ambiente através da sua comunicação, bem como o seu isolamento; a partir de suas escritas em diários e blogs, tendo como suporte a teoria winnicottiana.

IV. Considerações sobre o método

Para uma compreensão geral do tema da adolescência, utilizaremos a teoria psicanalítica de D. W. Winnicott. A interpretação subsequente a esta primeira fase de estudo é subsídio para análise do material produzido por adolescentes, além de nossa prática em consultório. O material de análise se compõe de expressões dos próprios adolescentes feitas em um diário escrito e publicado por uma jovem nos anos de 1893 a 1895 e de *blogs* disponíveis na Internet nos anos 2000.

Caso fossem possíveis condições de *setting* para verificar e apreender os processos de comunicação e não-comunicação com os adolescentes, isso seria altamente recomendável e poderia resultar em um material empírico extremamente esclarecedor.

No entanto, a situação de *setting* depende de uma série de situações para estabelecer zonas de intimidade, confiabilidade e tempo, já que não gostaria de trabalhar com nossos próprios pacientes.

A aplicação de testes e questionários na pesquisa, nessa perspectiva, não nos parece uma forma segura para saber empiricamente o que ocorre com os adolescentes. O próprio Winnicott (1964) nos assinala que detalhes apresentados em uma coleta de dados através de anamneses, questionários ou testes psicológicos irão trazer uma riqueza de fatos, mas com pouco valor de compreensão. Para o autor, quando não há um estabelecimento de *setting* adequado, o pesquisador terá dificuldades. Afirmo Winnicott *que se o pesquisador perguntar algo a alguém, ouvirá mentiras e que a anamnese feita a partir do próprio paciente possui uma verdade própria ainda que os fatos possam ser inexatos ou contraditórios*. (Winnicott, 1964: 250).

A partir destas considerações, optamos em utilizar, nesta pesquisa, como material empírico, a produção feita pelos próprios adolescentes de maneira espontânea (ainda que esta não tenha sido produzida em uma situação analítica). Estes casos associados a nossa própria prática clínica nortearam a análise.

A escolha de trabalhar com diários partiu da ideia de que este sempre foi um objeto clássico da adolescência e entendido como o lugar de seus segredos, mantido com total privacidade. Lendo a obra de Winnicott, quando aborda a adolescência, verificamos muitas referências aos diários de seus pacientes, assim como aos poemas, e entendemos a importância de tais registros para a compreensão da adolescência. A escolha de estudar os *blogs* diz respeito a algo mais próximo desta prática em tempos atuais; ao mesmo tempo que traz uma continuação de registros, como no diário, mostrará uma novidade, que é a exposição.

Ao final desta pesquisa, pretendemos mostrar a maneira como os adolescentes se relacionam entre si e com o mundo e refletir se o problema existencial vivido pelos adolescentes, a qual Winnicott denomina *ser alguém em algum lugar* (1967) e *o adolescente é essencialmente um ser isolado* (1961a), é característica central dos adolescentes, independentemente da época ou lugar em que vivem. Tendo uma compreensão sobre o amadurecimento dos adolescentes, podemos contribuir para que aqueles que cuidam diretamente destes e ofereçam a eles um ambiente propício para a

vivência da imaturidade, permitindo-lhes o crescimento e a construção de suas identidades.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2008. Ela se deu a partir da leitura do livro de Helena (Morley, 1998) – um diário de uma jovem que viveu no final do século XIX – e de *blogs* disponíveis na Internet. A escolha dos *blogs* foi um processo difícil pelo número grande destes disponíveis na rede. Um dos critérios utilizado para a escolha dos *blogs* esteve relacionado com a questão do gênero: os *blogs* deveriam ser escritos por uma menina que, inicialmente, tivesse a mesma idade de Helena (13 a 15 anos). Apesar do número de *blogs* disponível ser alto, não havia tantos assim produzidos por jovens com esta faixa etária. Encontrei os *blogs* de BiiK e Lovelace, mas a leitura destes, apesar de interessante, não me trazia uma intensidade como o diário de Helena. Conversando com adolescentes de faixa etária mais avançada (19 a 20 anos) consegui algumas indicações de *blogs* que tinham um número grande de comentários postados, o que de alguma forma me chamou atenção. Se há um *blog* de adolescente em que cada *post* gera em torno de 50 comentários, entendi que este *blog* possibilitava uma gama de identificações e que falava sobre aquilo que acontecia com os jovens. Foi assim que chegamos à página de Natália.

Destacamos, então, ao longo da análise, trechos do diário e dos *blogs* acrescidos de comentários baseado nas questões teóricas e clínicas. A seleção do material é proveniente de nossa experiência em atendimentos clínicos e o movimento transferencial. Identificamos temas como: a definição de si mesmo, as relações familiares, as redes sociais, a vida afetiva, o isolamento e a comunicação. Nesse sentido, apoiamo-nos em Lowenkron (2005), que aponta que a pesquisa pode ser desenvolvida a partir de leituras de escritas utilizando como instrumento o método clínico psicanalítico. A presente pesquisa não objetiva analisar material clínico individual, mas nos remete a analisar situações clínicas.

CAPÍTULO I

A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL DE WINNICOTT

Precisamos chegar a uma teoria do amadurecimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades. (Winnicott, 1965vc [1962]: 65)

Inciaremos com a exposição da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott, pois é o ponto central de seu pensamento. Apesar de sua teoria ser necessária para compreensão dos distúrbios psíquicos, o autor não sistematizou suas ideias em uma única obra. Autores (Wallbridg & Davis, 1982; Phillips, 1998; Outeiral, 2001 e Dias, 2003) o fizeram de forma a organizar e nos facilitar a leitura e o entendimento de sua teoria, a qual, a princípio, traz-nos uma leveza e uma forma simples na escrita, uma marca pessoal do autor, o que permite uma leitura acessível para vários públicos sem comprometer, no entanto, a consistência de sua obra.

Apesar de não ser o elemento central deste trabalho, é importante localizar qual psicanálise será tratada nesta tese, em função das diversas leituras que são feitas de Winnicott. Os autores em que nos apoiamos, Loparic (1997, 2001, 2005, 2006) Dias (2003) e Fulgencio (2003, 2006, 2007, 2008), entendem que Winnicott concebe o homem de maneira diferenciada em relação àquela concebida pela psicanálise tradicional (Freud e Klein). Para a psicanálise tradicional, o psiquismo humano é um aparelho movido a pulsões dirigidas para objetos, assim como a ênfase na sexualidade e no Complexo de Édipo (Loparic, 2001).

Fulgencio (2003) afirma que Winnicott formulou sua teoria por estar mais próximo de experiências imediatas vindas da clínica pediátrica com bebês e suas mães e da clínica psicanalítica com psicóticos que necessitavam regredir à dependência; por discordar de alguns conceitos, como o de pulsão de vida e pulsão de morte e por não compreender a natureza humana em termos e econômicos, tópicos ou dinâmicos. Desse modo, Winnicott abandona conceitos fundamentais da metapsicologia freudiana

(Fulgencio, 2003 p 165/166). Desde 1923, Winnicott começou a fazer a relação entre o ambiente e as doenças psíquicas, chegando à formulação de que *as crianças estão sujeitas, no início, às ansiedades que não devem ser concebidas como produtos de supostas forças e mecanismos mentais inatos, mas como consequências de ação de um fator externo, a primitiva falha da mãe em fornecer um ambiente suficientemente bom* (Loparic, 2001: 43). Winnicott volta-se para os fatores externos como causas das doenças psíquicas, contrariando a tendência predominante na teoria psicanalítica, e aponta como teoria-guia a predominância da relação primeira do ambiente: a relação mãe-bebê.

Para Loparic (2006), a mudança de paradigma¹⁰ é proposta por Winnicott por sair “*do bebê na cama dos pais*”, que faz parte do exemplar principal da disciplina criada por Freud, o complexo de Édipo, e a criança vive às voltas com os conflitos, potenciais geradores de neuroses que estão relacionadas à administração de pulsões sexuais em relações triangulares. Winnicott se baseia no exemplar “*o bebê no colo da mãe*”, o bebê que precisa crescer, isto é, constituir uma base para continuar existindo e integrar-se a uma unidade.

Dessa maneira, Loparic (2006: 8) afirma que a teoria de Winnicott versa sobre a etiologia dos distúrbios psíquicos, apresentando duas teses fundamentais: 1. que o processo fundamental perturbador não é o desenvolvimento sexual, mas o amadurecimento emocional, e 2. que o fator externo, o ambiente facilitador, tem uma importância decisiva no surgimento de distúrbios psíquicos. A perturbação do processo de amadurecimento seria, então, a não constituição de si mesmo, a repressão dos instintos e a perda do objeto e/ou a perda do quadro de referência já constituído, com a consequente perda de si mesmo. Quanto às falhas ambientais, ele afirma que levam às psicoses que decorrem da privação da facilitação ambiental, na fase de dependência absoluta, ou levam às psiconeuroses e depressões a partir da privação nas outras fases, além da tendência antissocial como uma reação à privação.

D. W. Winnicott beneficia a psicanálise a partir de sua experiência com a pediatria e de seus estudos observacionais de bebês e crianças pequenas e também revela a importância dos pais reais da criança. Com essa experiência clínica, Winnicott

¹⁰ Segundo Loparic (2006), o paradigma, de acordo com Khun, é uma matriz disciplinar que organiza uma maneira de ver o mundo. O paradigma é composto por exemplares, compromissos teóricos, generalizações, modelo metodológico e valores. Para melhor entendimento teórico ver Loparic (2006)

volta o seu olhar para os primeiros anos de vida da criança e para a relação entre a mãe e o seu bebê no primeiro estágio da vida deste, trazendo suas próprias contribuições ao desenvolvimento humano.

Conforme Winnicott (1958j: 5), todo indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecimento, que corresponde ao desenvolvimento do corpo, bem como de suas funções, mas também possui um processo evolutivo no desenvolvimento emocional. A ênfase dessa teoria está nos primeiros anos de vida do bebê, quando é constituída a base da saúde psíquica. Esse crescimento é natural, todavia necessita de condições ambientais favoráveis para constituir a identidade do indivíduo e capacitar o bebê a alcançar o estabelecimento de relacionamentos interpessoais, de relacionamento com os objetos externos e o relacionar-se com o mundo.

Num ambiente que propicia um “segurar” satisfatório, o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas. O resultado é a continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de self, e finalmente resulta em autonomia (Winnicott, 1967: 11).

Há uma preocupação especial na teoria de Winnicott com os primeiros estágios de desenvolvimento, porque, para o autor, são as psicoses, e não as neuroses, o paradigma do adoecer humano, e isso acontece em função do fracasso ambiental em favorecer os cuidados necessários para o bom desenvolvimento do bebê.¹¹

Essa ênfase se sobressai a partir de sua experiência em seus trabalhos realizados durante a guerra com pacientes adultos psicóticos e crianças desabrigadas, em função do distanciamento que as crianças tiveram de seus lares durante a guerra, o qual provocou desintegração maciça da vida familiar e de vivenciar os efeitos da separação, perda e morte que as pessoas passaram. Segundo Phillips (1998), esses dois grupos de pessoas seriam cada vez mais associados na mente de Winnicott e viriam a esclarecer pontos divergentes em relação aos outros psicanalistas. A partir daí, Winnicott enfatiza que o desenvolvimento real acontece a partir da confiança no ambiente. Phillips afirma que, consoante Winnicott, a capacidade de ser espontâneo só

¹¹ Atualmente pode-se pensar se ainda é válida a premissa citada pelo autor, uma vez que encontramos número cada vez maior de pacientes limítrofes.

pode emergir a partir de uma experiência inicial de confiabilidade, a qual se estende à confiabilidade que o paciente tem no *setting* que o seu analista mantém (Phillips 1998: 101).

Posteriormente, a evolução do desenvolvimento do bebê ocorre da dependência absoluta da mãe para a autonomia relativa, em que o bebê possa reconhecer a existência do outro sem uma perda significativa da espontaneidade e do desejo próprio. Entretanto, o processo de amadurecimento, que tem início após a concepção, continua ao longo da vida do indivíduo até a sua morte natural.

Certo da concepção de estudar a saúde e o processo de desenvolvimento normal para entender o ser humano, Dias entende que, segundo Winnicott, a base para a saúde psíquica é construída no início da vida. Afirma a autora:

Se a criança apresenta um distúrbio neurótico podemos supor que ela desenvolveu-se bem nos estágios primitivos e realizou conquistas básicas que são condição de possibilidade para que possa, tendo chegado a integrar-se numa unidade e a separar o eu do não eu, torna-se, então, capaz de ser afetada pelo tipo de conflito inerente às relações triangulares tornou-se um indivíduo integrado. Na ótica winnicottiana, a neurose, neste sentido bem específico, significa saúde, e é este o sentido da afirmação de que, se o desenvolvimento primitivo é perturbado, a criança não tem saúde suficiente para chegar a uma neurose (Dias, 2003: 81-82).

A saúde não é vista apenas como ausência de doença ou de sintomas, é vista também como uma maturidade emocional compatível com a idade cronológica. A saúde é a capacidade que o indivíduo possui de brincar e ter um viver criativo, poder ocupar o espaço potencial e estabelecer relações com o mundo exterior e para tanto a participação do ambiente deve ser efetiva (Winnicott, 1971g: 95).

Winnicott nos apresenta o modelo da bolha para entendermos a relação entre o indivíduo e o ambiente na continuidade do ser em um processo a que o autor chama de saúde, principalmente nos primeiros anos de existência:

Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se por

um lado, a pressão do exterior da bolha for maior ou menor daquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos de animal humano, isto significa uma interrupção no ser, e o lugar do ser é substituído pela reação à intrusão (Winnicott, apud, Fulgencio, 2006: 7).

A presente pesquisa dará ênfase ao aspecto da saúde no processo de amadurecimento humano e terá um olhar atento ao aspecto da teoria da continuidade do ser e da comunicação humana por serem aspectos importantes para a reflexão sobre a adolescência.

1.1. As fases da teoria do amadurecimento

O estudo da teoria do desenvolvimento de Winnicott, segundo Dias (2003), possibilitará uma compreensão dos fenômenos da saúde, assim como a detecção precoce de dificuldades emocionais, podendo ser útil para psicanalistas e também para os pais preocupados com o desenvolvimento de seu filho ou profissionais interessados na prevenção da área da saúde psíquica. Para Winnicott, *precisamos chegar a uma teoria do amadurecimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades* (Winnicott, 1965vc [1962]: 65).

A concepção teórica de Winnicott está estruturada em dois fatores primordiais: a tendência inata ao crescimento e a continuidade de um ambiente facilitador. De acordo com o autor, há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional, assim como ocorre com o desenvolvimento do corpo e de suas funções. Esse crescimento é natural, mas não acontece se não houver condições ambientais suficientemente boas. O ser humano, dessa forma, é dotado da possibilidade de tornar-se um indivíduo inteiro e de responder por um eu. Esse estatuto unitário é a condição básica para a saúde e o amadurecimento emocional do ser humano.

Contudo, segundo o autor, o desenvolvimento do indivíduo só acontece a partir da sua relação com o seu ambiente, que deve fornecer condições favoráveis para o crescimento e seu processamento ocorre a partir da relação e da adaptação de outra pessoa com o bebê. *As condições favoráveis são aquelas que facilitam as várias*

tendências individuais herdadas, de tal forma que o desenvolvimento ocorre de acordo com elas (Winnicott, 1967: 4). A mãe da criança é a primeira representação do ambiente do bebê e é por ela que a criança será apresentada ao mundo.

Não é apenas expressão da tendência inata da criança a crescer; este crescimento só pode ocorrer se processar numa outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades da criança.... É a mãe da criança que costuma ser a pessoa mais qualificada a desempenhar esta tarefa sumamente delicada e constante; é a pessoa mais adequada pois é ela que, com maior probabilidade, entregar-se-á de modo mais natural e deliberado à causa da criação do filho. (Winnicott, 1958j: 6).

Fulgencio (2006) explica que, segundo Winnicott, no decurso do processo de amadurecimento, o indivíduo saudável necessita realizar diversas tarefas e conquistas, para que chegue à fase madura, quando os relacionamentos se dão em termos de relações interpessoais. Esse processo de amadurecimento percorre um longo caminho, que vai de um estado de não integração inicial até chegar à distinção entre o que é o EU e o que é não-EU. Podemos ver, a seguir, uma breve descrição das principais características das etapas do desenvolvimento.

1.1.1. A dependência absoluta

O ambiente facilitador no início da vida é a mãe suficientemente boa. A tarefa materna é facilitar o processo de crescimento do bebê e este é completamente dependente da provisão física fornecida pela mãe viva que, em seu útero, carrega o filho e a qual atua depois como cuidadora de seu lactente (Winnicott, 1965u [1963]: 81). Tal tarefa necessita de uma adaptação total, porém temporária, da mãe em relação ao seu bebê. Essa possibilidade de adaptação ao bebê começa através de uma identificação da mãe grávida com seu filho; é uma capacidade da mãe de desviar o interesse de qualquer coisa e de seu próprio *self* para dirigi-la ao *self* do bebê. Tal processo foi chamado por Winnicott de *preocupação materna primária*. É um estágio no qual as mães sadias ficam totalmente voltadas ao seu bebê; a saúde psicológica e física do bebê depende da possibilidade de a mãe ingressar e sair deste estado.

Nesse estágio, a mãe fica parcialmente vulnerável e precisa de uma proteção organizada pelo marido e/ou familiares. Uma ruptura nessas redes protetoras pode prejudicar a capacidade da mãe de esquecer os adventos externos para sua dedicação exclusiva ao filho, podendo ocorrer enfermidades clínicas, como as psicoses pós-parto.

Quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é formado a partir do ego materno e desde muito cedo consegue tornar-se ele mesmo, estabelecendo-se como pessoa individual, constituindo seu eu, em uma construção de seu *self* verdadeiro.

A função materna na teoria winnicottiana, portanto, tem papel primordial, e o autor categoriza algumas de suas funções para serem realizadas, principalmente nos primeiros estágios. Afirmo Winnicott: *nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que, de fato, o bebê ainda não se separou de si mesmo* (Winnicott, 1967c: 153).

A função de *holding* que a mãe pode fornecer ao seu bebê diz respeito à proteção das agressões fisiológicas, às rotinas que incluam os cuidados básicos adequados, que correspondem ao segurar ou sustentar, à função de *handling*, alojamento da psique no corpo pelo manejo, que está ligado aos cuidados físicos, à função de apresentação de objetos e, ainda, à função especular.

Abram (2000) nos coloca que a capacidade da mãe em poder estar totalmente com seu bebê e proporcionar a ele os cuidados necessários ao seu desenvolvimento está relacionada à sua própria experiência nos primeiros anos de vida. A mãe teria a recordação de suas experiências de ter sido cuidada e estas recordações a ajudam na experiência de ser mãe. Sobre a importância da relação mãe-bebê, Winnicott comenta:

Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo (Winnicott, 1965vf [1960]: 24).

Winnicott enfatiza o começo do contato do bebê com a realidade e o início da constituição de si mesmo, que se integra gradualmente em uma unidade. Nesse processo, a mãe acompanha os movimentos do bebê, a partir da necessidade do bebê e, dessa forma, estabelece um padrão de relacionamento, proporcionando as experiências e as memórias corporais sendo, agora, experiências pessoais.

Fulgencio (2006) nos aponta que, na visão winnicottiana, do ponto de vista do observador, vemos uma mãe e um bebê, mas do ponto de vista do bebê, há uma única existência. A mãe vai aproximando o bebê de si, posicionando o seio para ser encontrado, e aquele vai em direção a algo que ele não sabe o que é (gesto espontâneo)¹²ⁱ. Essa experiência repetida é progressiva; quando o bebê vê o seio ele pode viver a ‘ilusão de onipotência’, de ele encontrar aquilo que ele procura e necessita, e achar que foi ele mesmo que criou. É um seio subjetivo. Esse conjunto de experiências diz respeito à construção da integração do bebê e é o que origina o que Winnicott chama de ‘si mesmo originário’. Pelo início do contato do bebê com a realidade, por meio da ilusão, o bebê pode chegar à realidade. Para que algum sentido de realidade se inicie, é necessário o estabelecimento da realidade subjetiva. É importante relacionar a ilusão de onipotência, a tarefa materna e a base da crença, ou seja, a confiabilidade no ambiente nos primeiros anos vai ajudar nos processos de crescimento do indivíduo, com ênfase na fase da adolescência.

É de a maior importância notar que, além de a mãe ser o objeto a ser encontrado (mãe-objeto), ela é também, no início, o contexto, o ambiente em que o encontro com um objeto pode acontecer (mãe-ambiente). Por manter o ambiente constante, regular, simples, monótono, previsível e por permitir que ele crie o objeto que encontra, ela provê da ilusão de onipotência que, como veremos, é à base da crença em acreditar em... (Dias, 2003: 168)

Há um estado inicial na vida do bebê ao qual Winnicott chama de estado de não integração primária, que se refere ao estado de *self* potencial do bebê. Tal estado

¹² Gesto espontâneo: agir com base em um impulso próprio e que se completa. O ambiente precisa estar lá para recebê-lo, acolhê-lo e entendê-lo; caso contrário, o gesto cai no vazio e a reação toma conta do processo (Fulgencio, 2008, p. 84).

potencial se desenvolve a partir do ambiente suficientemente bom, proporcionando adaptações às necessidades do bebê. Nesse momento, o eu unitário não existe ainda, o bebê é uma unidade ligada à mãe, não existe dentro e fora; portanto, o ambiente é parte constituinte do si mesmo. O amadurecimento do bebê acontece na medida em que suas necessidades são satisfeitas pelo ambiente e ele consegue tolerar as pequenas falhas. Ele se sente protegido e não precisa defender-se do ambiente. O bebê tem a garantia de sua continuidade de ser como algo vindo de si mesmo. Para Winnicott, o sentimento de si mesmo só existe quando o bebê encontra o seio e acredita que ele mesmo que criou.

Assim, o ambiente para o bebê é a mãe. A mãe da criança é a primeira representação do ambiente do bebê e é pela mãe que a criança será apresentada ao mundo. A mãe, antes de tudo deve identificar-se com o bebê, deixando que mais tarde cresça e torne-se ele próprio. Iniciar o bebê na capacidade de se iludir é a tarefa essencial da mãe suficientemente boa.

A constituição do si-mesmo primário é o resultado da tendência integrativa do indivíduo, a partir das primeiras experiências que ocorrem na primeira mamada teórica¹³, as quais são as primeiras experiências de si mesmo e de ser como identidade.

Outra função materna importante apresentada por Winnicott é a função especular (Abram, 2000), que é a base da comunicação e da confiabilidade entre mãe e filho. Ser visto pelo olhar da mãe é uma das bases fundamentais do sentimento de existir.

Winnicott nos aponta um aspecto essencial na comunicação entre mãe e bebê, o olhar da mãe quando se dirige ao filho, o tom e o som de sua voz; é uma comunicação muito antes que se compreenda o discurso. A tese apresentada é de que, a fim de olhar criativamente e ver o mundo, o indivíduo antes de tudo deve ter internalizado a experiência de ter sido olhado. Assim, o bebê vê, quando olha para o rosto da mãe, ele mesmo. Dias afirma: *A mãe está olhando para o bebê e seu rosto e olhar reflete o que ela vê, ou seja, a sua visão do bebê. Para tanto, ser visto pelo olhar da mãe é uma das bases fundamentais do sentimento de existir e de sentir real* (Dias, 2003: 223).

¹³ Primeira mamada teórica é um termo utilizado por Winnicott para se referir aos conjuntos dos primeiros cuidados e experiências concretas da amamentação.

Winnicott (1967c: 161) afirma que se sentir real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual se retirar, para relaxamento. Para isso acontecer, o indivíduo deve ter tido a oportunidade de exercer a potencialidade herdada pela participação direta do ambiente e se constituir como ser real. Quando os bebês olham e não se veem a si mesmos, a sua capacidade criativa fica abalada. São bebês que olham e veem o rosto da mãe, portanto, este não é um espelho. Na normalidade dos eventos, escreve Winnicott:

Quando a menina normal investiga seu rosto no espelho, ela está adquirindo a tranquilidade de sentir que a imagem materna se encontra ali, que a mãe pode vê-la e se encontra em rapport com ela. Quando meninas e meninos, em seu narcisismo secundário, olham com o intuito de ver beleza e enamorar-se, já existem provas de que a dúvida neles se insinuou a respeito do amor e cuidado contínuos de suas mães. Assim, o homem que se enamora da beleza é inteiramente diferente daquele que ama uma moça e acha que ela é bela e pode perceber o que é belo nela (Winnicott, 1967c: 155/156).

O sentir-se real do indivíduo se constitui da compreensão da mãe acerca das necessidades de seu bebê, e da comunicação que aí se estabelece; é uma comunicação profunda e silenciosa, sem palavras, por meio da qual a confiança será estabelecida.

Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo – o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som da voz, tudo isto é comunicado muito antes que se compreenda o discurso. (Winnicott, 1968b: 142)

1.1.2. A dependência relativa

O progresso de desenvolvimento da criança passa de um estágio de dependência absoluta da mãe, quando se iniciam os primeiros contatos com a realidade e a constituição de si mesmo e gradualmente integra-se em uma unidade, para a

dependência relativa. Nesse estágio, prosseguem a linha de amadurecimento com novas tarefas a serem desenvolvidas. O que caracteriza esse estágio é o início da desilusão e a desadaptação gradual da mãe e o processo do desmame. Há uma passagem gradual da realidade subjetiva para a realidade intermediária e, depois, para a realidade objetiva. *É um estágio de adaptação a uma falha gradual* (Winnicott, 1965u [1963]: 83).

Dias (2003) enfatiza que o processo de desilusão que Winnicott nos apresenta só pode acontecer se houver uma base sólida da capacidade de ilusão, mas a autora também nos afirma que a desilusão não é da ilusão básica — esta permanece no indivíduo, se houver saúde — e sim da ilusão de onipotência.

A criança descobrirá que o mundo sempre esteve ali antes de seu nascimento e, portanto, ela não o criou, porém o sentimento de que o mundo foi criado pessoalmente e pode continuar sendo criado não desaparece. Este sentimento guardado no indivíduo adulto é a base para a criatividade no mundo, assim como o processo da religião e das artes. Winnicott (1963: 84) afirma que, nesse estágio, o lactente sente necessidade da mãe.

Winnicott interessa-se também pelo que acontece entre as duas áreas, a realidade subjetiva e a realidade objetivamente percebida, e estabelece uma terceira área, que ele denomina de área transicional. Ele a considera como a área de repouso do indivíduo empenhado em manter a realidade interna e a externa interrelacionadas. O fenômeno transicional surge por volta de 4 a 6 meses de idade do bebê e inicia o apego do bebê a um objeto ao qual Winnicott chama de objeto transicional (Winnicott, 1951).

É importante salientar que o objeto transicional é do exterior apenas do ponto de vista do adulto e não segundo o ponto de vista do bebê. Para este, o objeto é algo humano. Este objeto não pode ser imposto para a criança; o adulto não pode escolher qual será o objeto transicional do bebê. É o bebê que transforma um objeto do mundo externo em algo dele, de forma criativa. Com o tempo, esse objeto perde o significado e se espalha na área intermediária, entre o psiquismo e o mundo externo, transformando-se no campo cultural vinculado à arte, religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico e criador.

O objeto transicional vai representar a mãe somente se ela estiver presente, senão o objeto perde o sentido. Se a mãe está ausente, o bebê possui uma lembrança da mãe e terá uma representação mental dela, que pode ser representada no

objeto transicional. Entretanto, se a mãe ficar longe por um período de tempo além do limite do suportável (este tempo vai depender da confiança estabelecida em relação à mãe e à idade do bebê), a lembrança diminui e o objeto transicional perde o sentido. Dessa forma, o objeto transicional é aquele que une o bebê à sua mãe e é aquele que vai permitir separar-se dela.

O processo de separação do bebê de sua mãe deve ser gradual. Do colo, o bebê deve passar para algo que simbolize o colo que ele deixou. O início da saída será mais efetivamente no estágio da transicionalidade, mesmo que permaneça por toda a vida. Winnicott (1965q [1962]) nos aponta que o caminho do retorno precisa sempre estar aberto. É uma necessidade para toda a vida saber que podemos confiar no ambiente e ter a possibilidade de retorno. Na época da adolescência, o indivíduo necessita correr riscos, enfrentar desafios do ambiente e desafios internos; contudo, ao mesmo tempo, conserva várias imaturidades, e a confiança no ambiente traz mais segurança. Essas imaturidades indicam saúde; os indivíduos estão de posse desta capacidade em função dos primeiros estágios e retornos ao mundo subjetivo. Winnicott escreve:

O importante é entender que a saída do cercado é a um só tempo estimulante e amedrontadora; que, uma vez do lado de fora, é doloroso para a criança perceber que não pode retornar; e que a vida é uma longa sequência de saídas de cercados, riscos e desafios novos e estimulantes (Winnicott, 1965q [1962]: 53)

Para Winnicott, a brincadeira perpassa pelo processo de desenvolvimento infantil possibilitando a criatividade e a constituição de seu *self*. Nesse sentido, Lins (2006) nos apresenta a distinção feita por Winnicott entre os termos *game* e *play*, que é bastante conhecida: o primeiro designa jogos que comportam regras, e o segundo as brincadeiras que se caracterizam pela espontaneidade. Trata-se da capacidade de brincar, tema que perpassa toda a sua obra.

Winnicott enfatiza a importância do ato em vista de ser esse o modo pelo qual o indivíduo pode expressar o ser. O brincar aqui é entendido como uma expressão de saúde, não apenas uma atividade lúdica das crianças; os adultos também encontram

um espaço para o brincar, pois o autor apresenta que o brincar é universal e próprio da saúde. Winnicott afirma:

É a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (Winnicott, 1968i[1967]: 63).

O sentido do brincar não é a busca do prazer e sim a busca de sua própria criatividade, uma função básica de criação. De acordo com Winnicott, *há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e deste para as experiências culturais* (Winnicott, 1968i [1967]: 76).

Outro ponto importante enfatizado é que o brincar implica em confiança e que é no brincar que a vida tem sentido. Isso não pertence apenas ao mundo interno ou ao ambiente; há um espaço potencial existente entre estes dois mundos.

A importância do brincar para o período da adolescência é que esse ato diz respeito a uma forma de comunicação entre os pares e aos relacionamentos grupais. É, também, uma forma de comunicação consigo mesmo e de expressão do ser através da criatividade.

No ato de brincar, está envolvido o gesto espontâneo e a criatividade, os quais estão na base para o verdadeiro *self*, que inicia o sentimento de existência, de sentir-se real. Para Winnicott, o verdadeiro *self* é aquilo que temos de original e singular. Por outro lado, o falso *self* oculta e protege o verdadeiro *self*, um “cuidador”, submetendo-o às exigências do ambiente. Essa organização resulta em um sentimento de irrealidade ou de uma percepção de futilidade.

Phillips (1998: 191) nos coloca as gradações de falso *self* segundo classificação de Winnicott, começando pelo mais severo: a) o falso *self* substitui e parece ser a pessoa real, enquanto que o verdadeiro *self* se encontra oculto, parecendo ausente; b) o falso *self* protege o verdadeiro *self*, que é reconhecido como potencial, tendo permissão para desenvolver uma vida secreta; c) o falso *self* quer encontrar e sustentar condições de um ambiente que permitirá que o verdadeiro *self* se estabeleça e

o último, d) o falso *self* apresenta qualidades adaptativas. É o saudável compromisso com o social, mas existe um *self* pessoal privativo.

1.1.3. Rumo à independência

Para Winnicott, *uma vez que as coisas tenham se estabelecido, como ocorre na normalidade, a criança se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades* (Winnicott, 1965u [1963]: 87). Nesse processo de amadurecimento, há o início da capacidade do uso do objeto, que inclui a destruição do objeto subjetivo, que é o reconhecimento da existência do mundo situado fora de seu controle. Essa passagem deve ser acompanhada com a participação da mãe, de maneira gradual rumo à realidade compartilhada.

No estágio ‘eu sou’, a criança possui um sentido de independência e já consegue manter viva a imagem da mãe, assim como os cuidados a que foi submetida. Apesar de a independência rudimentar estar presente, a criança necessita de retornos ao ambiente familiar e ao seu mundo subjetivo. Ainda não temos uma pessoa inteira; é o início do estágio de concernimento.

O estágio de concernimento diz respeito à criança mais inteira e integrada, capacitada para o surgimento do sentimento de culpa e responsabilidade aos seus instintos e a sua destrutividade. Para essa tarefa ter êxito, é necessário um ambiente tranquilizador e uma continuidade da tarefa materna, assim como a sua sobrevivência. Segundo Dias (2003), a mãe não deve adotar uma atitude moralista ou ser permissiva aos atos destrutivos que a criança passa a ter nesse estágio do desenvolvimento; a criança começa a se machucar quando está excitada e a mãe viva sente e se defende, *sem temores acerca da natureza cruel do filho* (Dias, 2003: 262). A sobrevivência da mãe diz respeito a ela não desistir do processo de desilusão; ela deve suportar ser odiada. A criança aprenderá que pode destruir e reparar a destruição feita, aprenderá a tolerar seus próprios impulsos. Winnicott afirma que a criança não possui raiva na destruição do objeto, mas alegria com a sobrevivência deste.

É importante frisar que é a partir dessa época que o pai entra em cena como o terceiro, apontando a existência do triângulo familiar. Há uma descoberta de

que a própria criança está no vértice deste triângulo e este conhecimento levará o indivíduo a ter uma nova conquista: a capacidade de estar só. Essa capacidade diz respeito ao grau de confiabilidade que a criança tem da existência continuada da mãe. Estar só na presença do outro diz respeito ao processo de crescimento saudável.

Winnicott afirma a respeito da destruição do objeto:

Pode-se observar a seguinte sequência: (1) Sujeito relaciona-se com o objeto. (2) Objeto acha-se em processo de ser encontrado, ao invés de colocado pelo sujeito no mundo. (3) Sujeito destrói o objeto. (4) Objeto sobrevive à destruição (5) Sujeito pode usar o objeto. O objeto está sendo sempre destruído. Essa destruição se torna o pano de fundo inconsciente para o amor de um objeto real, ou seja, um objeto situado fora da área de controle onipotente do sujeito. (Winnicott, 1969i [1968]: 177)

Em algum momento na fase de concernimento, surgem também aspectos marcantes no que diz respeito ao desenvolvimento sexual. Há um desenvolvimento da identidade de gênero e a distinção entre meninos e meninas passam a ter um significado importante, juntamente com a bissexualidade.

Dias (2003: 272) aponta que, para Winnicott, a criança poder viver questões ligadas a situações edípicas é porque esta já deve ter alcançado a identidade unitária. A criança tornada uma pessoa integrada e inteira com responsabilidade sobre a impulsividade de seus instintos não corre mais o risco de psicose. Visto por esse ângulo, a criança teria a saúde psíquica para ter as experiências relacionadas ao estágio edípico e elaborar as dificuldades inerentes à vida. Nesse momento, o ambiente continua sendo importante para dar estabilidade e segurança à criança. O Complexo de Édipo é vivido não só pela criança, mas pelo comportamento dos pais e o lugar que esta criança ocupa na família.

1.1.4. Independência relativa

A próxima etapa do processo de desenvolvimento é a puberdade e a adolescência, rumo à sexualidade. Winnicott se importou com a conquista do ego sobre as funções sexuais, com a presença concreta e contínua de um ambiente facilitador. O autor trabalhou o início da vida, não sendo este entendido como intrapsíquico, mas sim como interpessoal. Ele não enfatizou os aspectos internos do psiquismo; os aspectos externos e ambientais foram seu foco, tendo importância fundamental a relação mãe-bebê. Winnicott ainda apontou que o bebê não poderia ser visto como regido pelo princípio do prazer e sim pela necessidade de ser, de sentir-se real. Dias (2003) explica que, para a criança chegar a existir no mundo real, *ela necessita da confiabilidade da mãe, da comunicação pessoal com ela, da intimidade, da oportunidade de criar o mundo* (Dias, 2003: 303).

1.2. O ambiente

O termo *ambiente* em Winnicott tornou-se de grande importância na compreensão de sua teoria. O autor apresentou a tese de que o indivíduo será sempre um indivíduo no *seu* ambiente, o que o coloca em certa oposição à teoria de Klein a respeito do intrapsíquico. Conforme Winnicott (Winnicott, 1967: 18), esse ambiente é *absolutamente e depois relativamente importante* e, além de ser necessário, se não for suficientemente bom, pode enfraquecer e até interromper o amadurecimento do bebê.

Araújo (2007) salienta a importância de Winnicott destacar as características essenciais de um ambiente. A primeira é a adaptabilidade: o ambiente vive um processo dinâmico de adaptação às necessidades mutáveis da criança à medida que esta amadurece. Aqui são enfatizadas, no processo de desenvolvimento do indivíduo, as funções paternas, a função familiar e a introdução da realidade externa. A outra característica de um ambiente satisfatório apontada é a sua qualidade humana, uma vez que, se não houver a presença do aspecto humano, as tendências herdadas para o desenvolvimento podem até permitir o amadurecimento biológico no ser, mas não permitem que ele alcance a plenitude pessoal. *Para que o indivíduo chegue a esta*

plenitude, além da empatia e da dedicação do ambiente, ele terá que enfrentar decepções e frustrações provocadas pelas falhas desse mesmo ambiente, devido à condição humana de falibilidade e imperfeição (Araújo, 2007: 20).

1.2.1. O ambiente inicial

Para Winnicott (1965r [1963]: 81), o ambiente inicial é a mãe e seu papel tem importância vital, pois o bebê é completamente dependente da provisão física dada por ela. Suas principais características são simplesmente existir, amar o bebê de uma maneira que este possa compreender o seu amor, fornecer cuidados físicos adequados, fornecer alimento e tornar os eventos previsíveis ao máximo para o bebê, garantindo estabilidade. *A provisão natural é feita naturalmente para as necessidades da criança, o que significa um alto grau de adaptação.* (Winnicott, 1965r [1963]: 82). De acordo com o autor, o ambiente favorável torna possível o processo da maturação, de maneira a possibilitar à criança viver todo o seu potencial, porém o ambiente não faz a criança (Winnicott, 1965r [1963]: 81). Com esta afirmação, Winnicott nos alerta que os pais não fazem a criança, mas podem propiciar a provisão necessária para que o processo de maturação ocorra sem bloqueios.

Segundo Winnicott (1953a: 309-310), especialmente em estágios muito precoces, o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, e, se este ambiente consegue manter o bebê protegido em seu isolamento, sem perturbação, o bebê fará o movimento espontâneo e o ambiente é descoberto sem a perda de seu ser. Caso contrário, há uma intrusão do ambiente sobre a criança, levando-a a reagir e esta perde a sensação do ser. Tal passagem é particularmente importante, no sentido de entender como a falha do ambiente e como os relacionamentos podem provocar uma perda da sensação de ser, o que seria a busca dos indivíduos, principalmente à época da adolescência. Consoante Abram (2000: 33), a tese da intrusão proposta por Winnicott está vinculada ao estado de prontidão e de estar preparado, o que pode ser associado à capacidade de permitir que as coisas corram o seu curso.

Winnicott esclarece que *o fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades*

inerentes à vida (Winnicott, 1958n [1956]: 404). Todavia, em outras fases do desenvolvimento, o ambiente será primordial para continuação de ser, seja o ambiente familiar, escolar, social, ou mesmo o ambiente de análise. A continuação de um ambiente acolhedor favorecerá a constituição de um *ambiente pessoal*. Conforme Araújo (2007: 26), Winnicott entende como ambiente pessoal a possibilidade do indivíduo, a partir de condições favoráveis iniciais, criar condições próprias de seu cuidado, ou seja, ele poderá se cuidar a partir da incorporação dos cuidados parentais.

1.2.2. O ambiente-família

Para Winnicott, na

[...] família existe um reconhecimento da necessidade inicial da criança pequena de uma versão simplificada da sociedade, que passa a ser usada para os propósitos de crescimento emocional essencial até que o desenvolvimento crie na criança uma capacidade de utilizar um círculo mais amplo, e na verdade um círculo que se amplia cada vez mais (Winnicott, 1959: 70).

Com esse comentário, o autor reafirma a função da família de dar uma continuidade ambiental à criança, que foi iniciada pela mãe. Em sua experiência com crianças que necessitavam de lares substitutos, Winnicott declarava que as crianças mais difíceis vinham de lares insatisfatórios e que não tinham a experiência de um lar primário.¹⁴

A criança, com o respaldo familiar, poderá integrar seus instintos agressivos e os amorosos, aprendendo a administrá-los de uma maneira mais adequada. Na família, vivem-se intensas experiências que se repetem, tornando-se padrões importantes para o reconhecimento do lugar a que se pertence. Ao mesmo tempo, a família permite uma flexibilidade capaz de mudanças ao longo do desenvolvimento da criança.

¹⁴ *Por experiência de lar primário, entende-se a experiência de um ambiente adaptado às necessidades especiais da criança, sem o que não podem ser estabelecidos os alicerces da saúde menta.* (Winnicott, 1947e: 63).

Em uma família comum, afirma Winnicott, *homem e mulher, marido e esposa assumem responsabilidade conjunta pelos filhos* (1946b: 129). O autor lembra que a função familiar não é só alimentar a criança ou admirá-la; além destas, a família deve oferecer o sentimento de segurança e estabilidade. Afirma Winnicott:

Como é a criança normal? Ela simplesmente come, cresce e sorri docemente? Não, não é assim. Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe a prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. [...] Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar; mas primeiro os negócios, os testes têm que ser feitos e, especialmente, se a criança tiver alguma dúvida quanto à estabilidade da instituição parental e do lar. (Winnicott 1946b: 129)

Araújo (2007: 60) comenta que nos jogos familiares, viver tensões, ciúmes, amores, ódios, é perfeitamente saudável, visto que a família fornece tolerância e os limites que permitem conter todos os afetos. Segundo Winnicott, *a unidade familiar proporciona uma segurança indispensável à criança pequena. A ausência desta segurança terá efeitos sobre o desenvolvimento emocional e acarretará danos à personalidade e ao caráter* (Winnicott, 1939: 18).

Discutiremos o papel da família quando a criança chega à puberdade e à adolescência no capítulo seguinte, mas, de qualquer forma, já está apontado que a participação ambiental na constituição da personalidade do indivíduo, de forma nenhuma, restringe-se ao ambiente inicial nos primeiros anos de vida.

1.2.3. O ambiente sociedade

Winnicott se dizia justificado em estudar a sociedade, por ela representar a afirmação, em termos coletivos, do crescimento individual no sentido da realização pessoal. De acordo com o autor, *o axioma é: a sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade, assim como é impossível existir*

sociedade independentemente dos processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõem (Winnicott, 1971a: 190).

Em sua tese de Doutorado, Araújo (2007: 63) apresenta as ideias que Winnicott teve acerca da sociedade. Araújo nos indica a afirmação de Winnicott que a participação da sociedade está presente desde o início do nascimento do indivíduo (no próprio parto, a mãe recebe apoio dos profissionais e familiares); contudo, o indivíduo, em seu processo de desenvolvimento, ao deixar a dependência rumo à independência, percebe que não há independência absoluta e de que haverá sempre uma relatividade dessa independência. Para Winnicott, *a maturidade do ser humano é uma palavra que implica não somente crescimento pessoal, mas também socialização* (Winnicott, 1965r [1963]: 80). Este autor ressaltou que maturidade significa saúde, e o indivíduo adulto é capaz de se identificar com a sociedade sem sacrifício demasiado da espontaneidade pessoal. Nas palavras de Winnicott:

A independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes. (Winnicott, 1965r[1963]: 80)

O autor afirma que a criança tem círculos cada vez mais abrangentes da vida social, pois a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal. Na independência relativa, há grandes possibilidades de recuo nesse desenvolvimento da socialização, principalmente nos estágios da puberdade e adolescência. Dos adultos, também é esperada a continuação do processo de crescimento e amadurecimento, uma vez que eles (os adultos) raramente atingem a maturidade completa (Winnicott 1965r [1963]: 87).

É importante pensarmos no papel social que exerce o psicólogo ou psicanalista na identificação das pessoas saudáveis ou não, de forma a direcionar o possível tratamento. Winnicott (1955d [1954]: 375) fez uma classificação dos ambientes de acordo com o funcionamento psíquicos dos pacientes, os quais ele divide em três categorias distintas. O primeiro grupo é composto por indivíduos que funcionam em termos de pessoas inteiras, cujas dificuldades localizam-se no reino dos relacionamentos interpessoais. São indivíduos que passam a ter dificuldades no curso normal de sua vida

em família, sendo que esta existia no período anterior à latência, e houve um desenvolvimento satisfatório nos estágios iniciais da infância. Para essa categoria, Winnicott afirma que a técnica de tratamento faz parte da psicanálise desenvolvida por Freud. Não se faz necessário, para esses pacientes, nenhuma atitude para reestruturar o ambiente.

O segundo grupo envolve indivíduos em que a personalidade começou a integrar-se há pouco tempo e a tornar-se algo com o qual se pode contar; são indivíduos recém-chegados a essa condição de integração. Temos a análise da posição depressiva, ou melhor dizendo, a análise do estágio de concernimento. O ambiente favoreceu, em termos positivos, até o momento do desmame. O ambiente para estes indivíduos deve oferecer condições para a aquisição de unidade e integração de amor e ódio. Em termos de atitude do analista, este deve sobreviver.

No terceiro grupo estão incluídos indivíduos cuja estrutura pessoal não está ainda solidamente integrada. A análise deverá lidar com os estágios iniciais do desenvolvimento emocional. Nesse grupo, é necessário que a mãe esteja segurando concretamente a criança. São pacientes que tiveram uma grande falha em seu ambiente inicial e o processo de análise deve possuir um ambiente facilitador, e muitas vezes, oferecer a maternagem.

Identificar a fase em que o indivíduo encontra-se e o que ele necessita facilita a abordagem no ambiente. Muitas vezes, a criança ou o adolescente com atitudes antissociais é integrado ao terceiro grupo, necessitando uma carga de maternagem que mostre a falha ambiental em sua primeira infância. Compartilhamos com Araújo (2007) a opinião de que, se os pais não estão em condições emocionais de oferecer um meio ambiente facilitador, o profissional da saúde terá que auxiliá-los na busca de atender às necessidades da criança, do adolescente, assim como toda a família. Desse modo, *membros da sociedade, em grupo ou individualmente, portanto tornam-se responsáveis pelo fornecimento das condições que facilitem à família o seu papel de sustentar as experiências de seus membros individuais* (Araújo, 2007: 67). Seguiremos no próximo capítulo deste trabalho com as principais ideias de Winnicott a respeito da adolescência.

1.3. A capacidade para estar só

No artigo *A capacidade para estar só* (1958g [1957]), Winnicott apresenta a tese de que tal capacidade é um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional do indivíduo. Ele afirma que, na psicanálise, muitas vezes este tema foi discutido mais da perspectiva do medo de ficar só ou do desejo de ficar só do que da capacidade de fazê-lo (Winnicott, 1958g[1957]: 31).

Conforme explana o autor, tal capacidade é um fenômeno altamente sofisticado e o indivíduo só pode chegar a este nível de amadurecimento depois de estabelecidas as relações triádicas. O processo de experiência que leva a este fenômeno é a experiência de ficar só como lactente ou criança pequena, na presença da mãe. Assim, Winnicott cria um paradoxo: a capacidade de ficar só aparece quando mais alguém está presente.

Nesse fenômeno, temos um tipo de relação muito especial do bebê ou da criança pequena com a sua mãe, que está de fato confiantemente presente, ainda que esteja de certa forma representada por um objeto ou pela atmosfera de um ambiente próximo. Winnicott utilizou, em 1958, a expressão *ligado ao ego, que se refere à relação entre duas pessoas, uma das quais está de qualquer modo só; talvez ambas estejam sós, ainda assim a presença de uma é importante para a outra* (Winnicott 1958g[1957]: 33). Abram (2000) afirma que Winnicott, em 1956, utilizou a expressão *afinidade egoica* em dois outros textos, *Preocupação Materna Primária* e *Tendência Antissocial*. Abram entende que, para Winnicott, a *afinidade egoica* diz respeito ao período em que a mãe e o bebê se encontram em estado de fusão. No decorrer deste estado fusional, o bebê, ao ver a mãe, vê a si mesmo; por sua vez, a mãe, ao ver seu bebê, rememora (inconscientemente) seus próprios primeiros dias e semanas de vida, o que a torna capaz de identificar-se com as necessidades do bebê.

A maturidade e a capacidade de ficar só, consoante Winnicott, significam que o indivíduo teve a oportunidade, através da relação com uma mãe suficientemente boa, de construir uma crença num ambiente benigno. Essa crença se constrói através das repetições de gratificações instintivas satisfatórias. Dito de outra forma, estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do

ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida que o tempo passa, o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e, dessa maneira, se torna capaz de ficar só sem o apoio frequente da mãe ou sem o símbolo da mãe. Para o autor, mesmo mais tarde, *teoricamente há sempre alguém presente, alguém que é, no final das contas, o equivalente, inconscientemente, à mãe, à pessoa que, nos dias e semanas iniciais, estavam temporariamente identificadas com seu lactente, e na ocasião não estava interessada em mais nada que não fosse o seu cuidado* (Winnicott, 1958g[1957]: 37).

Abram (2000: 249-250) comenta que Winnicott, ao centrar-se na frase *Eu estou só*, distingue três diferentes estágios do desenvolvimento emocional do indivíduo, evidenciando sempre a importância do ambiente. O primeiro estágio diz respeito à palavra “eu”, a qual indica um grande crescimento emocional, pois o indivíduo é agora constituído de uma unidade e a integração é um fato. O segundo estágio é representado pela frase “eu sou”, a qual representa que o indivíduo adquiriu não apenas uma forma, mas uma vida. No início, o indivíduo é bastante indefeso e vulnerável e, dessa forma, é dependente de um ambiente protetor, representado pela mãe preocupada. Em seguida, acontece o “eu sou só”, quando há o reconhecimento, por parte do bebê, da existência continuada de uma mãe confiável. Portanto, a presença da mãe, que deve ser inspiradora de confiança, exige uma continuidade, a fim de que a capacidade (de estar só) possa estruturar-se.

Tal capacidade não deve ser confundida com o estado de retraimento. O indivíduo que se afasta das relações com outros, segundo Winnicott, experimentou inicialmente fortes impactos, necessitando isolar-se, a fim de poder preservar o núcleo do *self* de uma violação. Esse retraimento estabelece uma relação com os objetos subjetivos que vem a facilitar o sentir-se real. Em muitas situações, Winnicott sustenta que existe um aspecto do retraimento que é saudável, mas o estado de retraimento também pode demonstrar uma incapacidade de estar só (Abram: 251). Nesse sentido, o indivíduo que experimenta uma intensa solidão viveu um impacto da falha da experiência da afinidade egoica com a mãe, capaz de estar seguramente presente por estar identificada com o seu bebê. A solidão aponta para uma lacuna na experiência de estar só na presença de alguém.

CAPÍTULO II

A COMPREENSÃO DA ADOLESCÊNCIA DO PONTO DE VISTA DE WINNICOTT

A adolescência não é nada fácil.
Winnicott (1965u [1963]: 219)

2.1. Conceitos históricos

Donald W. Winnicott escreveu textos importantes sobre o desenvolvimento humano, principalmente no que se refere ao indivíduo na sua fase inicial de vida e a relação com sua mãe. O pediatra e psicanalista tornou-se bastante conhecido e respeitado pelo tema desenvolvido referente ao desenvolvimento humano, ao papel da mãe no desenvolvimento emocional de seu filho e ao tratamento clínico psicanalítico. Entretanto, Winnicott também escreveu textos voltados para o tema da adolescência e referente às questões sociais da época. Quando associou o tema do adolescente com a tendência antissocial e a delinquência, estendeu-se e trouxe uma originalidade de suas ideias a respeito de conceitos como privação (*privation*) e deprivação (*deprivation*), que discutiremos mais adiante. Este texto tem a proposta de organizar as ideias de Winnicott a respeito de sua compreensão sobre o adolescente e refletir sobre a realidade do atual adolescente brasileiro.

Winnicott, em seus textos, comentava sobre o interesse que havia naquela época (década de 1960) sobre a adolescência, assim como os seus problemas e as mudanças que estavam acontecendo decorrentes dos movimentos juvenis.

Para Grossman (1998), a adolescência, como nós a entendemos em nossos dias, foi pressentida a partir do séc. XVIII, no movimento do Iluminismo. Antes desse período, as crianças e adolescentes eram de responsabilidade do coletivo e, ao atingir a idade de 12 anos, eles eram preparados para assumir a vida adulta: as meninas preparadas para o casamento e os meninos educados e instruídos para o trabalho. Os rituais de passagem para a vida adulta eram, de certa forma, mais explícitos; a chegada da idade determinava as mudanças que iriam acontecer na vida do jovem, como

mudanças de vestimentas, trabalho e casamento, e, a partir daí, eram considerados adultos. Em alguns povos mais primitivos, a passagem ocorria no decorrer de poucas semanas, por meios de provas ou ritos.

A principal mudança comportamental que ocorreu na sociedade foi a passagem de uma experiência coletiva para uma privativa. Esse movimento inspirou a necessidade de proteger as crianças e jovens das tentações da vida, isto é, proteger a sua moralidade. O colégio tornou-se, então, uma instituição essencial da sociedade, local de instrução e educação. Nessa época, a adolescência já era vista como momento de contestação no meio familiar. As meninas começam a frequentar a escola e, segundo a autora,

A constante vigilância aos adolescentes e o distanciamento com que são tratados por suas famílias despertam uma necessidade de conquista de sua privacidade. Esta é alcançada através dos diários íntimos e das amizades com seus pares. A escolha de uma amiga íntima constituía-se em episódio importante na vida de uma adolescente. Era, também, intensa a amizade entre os adolescentes do sexo masculino, povoada dos relatos das experiências vividas, principalmente as confidências amorosas e sexuais (Grossman, 1998: p. 72).

Mesmo com essa demanda de privacidade e de escolhas, a família exercia um poder que influenciava as escolhas profissionais e afetivas dos jovens.

O século XX foi marcado por guerras que alteraram o panorama da sociedade, mas os anos 1960 inauguraram um novo estilo de mobilização e contestação social. A constatação do fracasso das gerações anteriores – de guerras, injustiças sociais, violência e opressão – fizeram explodir uma consciência dos jovens da década de 60, que passaram a negar todas as manifestações visíveis dessa sociedade.

Esse movimento foi caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música e drogas. No entanto, também foi apresentada uma nova ordem da maneira de pensar, modos diferentes de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Os jovens passaram a destruidores radicais de tudo o que estivesse estabelecido e consagrado: valores e instituições, ideias e tabus do mundo adulto. Foi delineado um movimento de caráter fortemente libertário, com

enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas, envolvendo os Estados Unidos, a Europa e diversos outros países de fora do mundo desenvolvido.

No Brasil, o movimento apareceu através da expressão cultural, como o Tropicalismo, na segunda metade dos anos 60, indo contra a ditadura e a repressão militar, com influências do movimento *hippie*, e de Dylan e dos Beatles.

Em virtude de todas essas transformações que ocorriam na sociedade, os conflitos entre gerações ficaram cada vez mais evidenciados, caracterizando a necessidade do jovem ser ouvido e de construir sua identidade própria. É nesse contexto que os estudos sobre o tema proliferaram e os psicanalistas passaram a refletir sobre essa fase da vida, a qual não foi teorizada por Freud. Winnicott preocupava-se com o tema, principalmente na situação pós-guerra; possuía vasta experiência em atendimentos de adolescentes em seu consultório e nas instituições de abrigo. Escreveu seus artigos e palestras construindo um pensamento próprio sobre a adolescência no início dos anos 60, mas, conforme Outeiral (2001: 333), Winnicott não reivindicou originalidade para as suas ideias, já que os clássicos trabalhos sobre a adolescência escritos por Arminda Aberastury e Maurício Knobel, sobre a Síndrome da Adolescência Normal, datam do início da década de 1970.

Winnicott faz articulações com o momento histórico em que o adolescente está passando, assim como o processo da cultura como um fator psicossocial na constituição do indivíduo, além dos padrões pré-determinados das experiências vividas na infância.

As mudanças significativas que aconteciam naquela época, a qual Winnicott entende como mudanças sociais que modificaram a vivência da adolescência, foram: a cura da doença venérea, o aparecimento do anticoncepcional e a bomba atômica. As duas primeiras mudanças trazem a sexualidade no ponto central, com a ideia que as doenças venéreas *não eram um agente enviado por um Deus punitivo* (Winnicott, 1961a: 120) e que os métodos anticoncepcionais possibilitaram uma nova ordem de liberdade aos jovens de investigar a sexualidade sem, no entanto, gerar filhos indesejáveis. Winnicott aponta que, em condições de saúde, meninos e meninas ganharam a possibilidade de lidar melhor com a sua própria sexualidade e desenvolver sentidos do que é certo ou errado de acordo com seus ideais de vida. Por outro lado, a mudança da postura do país em relação às guerras e ao uso da bomba atômica produziu

profundas mudanças na sociedade fazendo com que a sociedade trabalhe com a noção de que *todos deveriam acostumar-se a viver sob a suposição de que não haverá mais guerras* (Winnicott, 1961: 121). Nesse contexto, muitas ideias e comportamentos foram alterados e o autor fala que houve mudança na própria educação dos filhos. Não era mais necessário preparar os adolescentes para a luta pela sua Pátria. Essas mudanças afetaram o adolescente porque era aí que ele mostrava a sua força, coragem e se exibia, e mudaram a própria sociedade, pois antes os jovens eram mandados para as convocações militares. Porém, com as mudanças, os jovens começaram a se inserir no contexto da sociedade, e suas características (a rápida alternância entre a independência rebelde e a dependência regressiva) passaram a ser vivenciadas de forma mais contundente, o que trazia dificuldades para o entorno social. Escreve Winnicott:

O adolescente é pré-potente. Na vida da imaginação, a potência de um homem não está só no aspecto ativo e passivo das relações. Inclui também a vitória de um homem sobre outro homem e a admiração da mulher pelo vencedor. Creio que, hoje, tudo isso tenha que estar contido na mística dos barzinhos e nas ocasionais brigas de faca. A adolescência, mais do que qualquer outra época, está hoje sendo obrigada a se conter; essa realidade contida é em si bastante violenta – um pouco parecida com o inconsciente reprimido do indivíduo, que não parece tão belo quando é exposto ao mundo. (Winnicott, 1961a: 121).

As mudanças indicadas por Winnicott propiciaram aos adolescentes da década de 60 formas de expressão até então impensadas. A inserção do jovem no contexto social dos anos 1960 assume várias formas e tem repercussões nos mais diversos setores da sociedade. No cinema, por exemplo, temos o aparecimento de personagens que se tornaram ícones da juventude, como foi o caso de James Dean – protagonista de filmes nos quais representava papéis de jovens envolvidos em situações embaraçosas e problemáticas. Na música, houve a consolidação do *rock in roll* (movimento iniciado por Elvis Presley), culminando com o festival de Woodstock – que se revelou como um momento de consolidação do movimento de contra-cultura e do movimento *hippie*. No âmbito político, afirmando-se no ideário da Paz e do Amor, os jovens se expressaram de várias maneiras contra a Guerra do Vietnam (EUA); contra o

status quo social e a demanda por mais democracia e participação social, organizaram o movimento de Maio de 68 (França).

Entendemos que a ideia de Winnicott – a da necessidade de o jovem se conter – denuncia as formas pelas quais a sociedade se organizou para dar conta das expressões juvenis, criando mecanismos de controle e de repressão, como foi o caso do AI 5 no Brasil.

As promessas e as ideologias construídas a partir da década de 60 ainda podem ser percebidas em alguns *slogans* em nossa realidade social – é muito presente nos meios intelectuais a frase *1968, o ano que não terminou*¹⁵. Entretanto, nossa realidade traz uma série de questões que deixam especialmente os adultos (jovens naquela época) perplexos e impotentes em função das mudanças sociais que vivenciam. Para Outeiral (2001), o retorno das doenças venéreas, especialmente a AIDS, a banalização da violência, o aumento de gravidez na adolescência, o espaço virtual, o aumento de consumo de drogas, a guerra social, entre outros problemas, colocam novas questões e despertam as fantasias e ansiedades tanto dos adolescentes quanto de seus pais.

2.2. O adolescente

Como citado na Introdução deste trabalho, Winnicott diferenciou a sua teoria da tradicional teoria freudiana principalmente no que se refere à sexualidade. Quando se trata da adolescência, Winnicott explica que a necessidade do jovem, nesta fase do desenvolvimento, está ligada a questões de sua existência no mundo e não apenas a questões instintuais. Nessa perspectiva, Winnicott inova o pensamento sobre o adolescente, mostrando que ele está à procura de si mesmo e tem necessidades essenciais referentes ao ambiente que o cerca.

Como definição, Winnicott afirma: *adolescência, que significa se tornar adulto, é uma fase de crescimento normal. Ela cobre o período da puberdade do indivíduo. Inclui também a socialização do moço e da moça. Neste sentido, a palavra socialização não significa adaptação e conformidade.* (Winnicott, 1965[1963]: 218). A

¹⁵ Ventura, Zuenir. 1968: *o ano que não terminou*. Nova Fronteira

partir dessa definição, podemos entrever que o autor reconhece a importância do ambiente, visto que este é necessário para o acolhimento das questões juvenis, e não para submeter os jovens a sua repressão.

Para o autor, a adolescência *é uma fase que deve efetivamente ser vivida e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal* (1961a: 115) e *a cura é a própria passagem do tempo*. No final de alguns anos, há o aparecimento do indivíduo adulto, *mas os processos não podem ser acelerados ou atrasados, mas podem ser invadidos e destruídos; e podem definir internamente no caso do distúrbio psiquiátrico*. (Winnicott, 1961a: 116) Apesar de o adolescente buscar soluções rápidas e imediatas para os seus conflitos, o tempo é o maior aliado para a resolução destes.

Winnicott nos aponta o grande conflito dos adolescentes quando eles descobrem – ou imaginam – que possuem a força dos adultos:

O menino de quatro anos, que enfrenta as angústias do conflito edípico, sonha com a morte de seus pais, mas agora aos quatorze ele tem o poder de matar. (Winnicott 1965u[1963]: 219)

Winnicott afirma que a não ocorrência de guerra trouxe a ideia de paz permanente, o que provoca tensão entre os adolescentes estudados por ele, com a não possibilidade de descarregar toda a agressividade latente de forma autorizada. De acordo com o autor, em alguns adolescentes, a guerra trazia algo de positivo para o alívio das tensões individuais, dando uma sensação de realidade a pessoas que nem sempre se sentiam reais quando a paz reina suprema. Especialmente em rapazes, a violência é sentida como real, enquanto que, na vida sem complicações, traz a ameaça da despersonalização (Winnicott, 1965[1963]: 219).

Isso nos leva à importância dada pelo autor à preocupação do adolescente de sentir-se real e de buscar a sua própria identidade e o seu lugar no mundo sem a ameaça do aniquilamento. Em meio a essas confusões vividas pelos adolescentes, não podemos caracterizar a adolescência como doença, pelo contrário: tais conflitos se referem à imaturidade do jovem, às mudanças inerentes ao processo da puberdade, às ideias sobre o que é a vida, a seus ideais e aspirações e à desilusão do mundo adulto.

A adolescência implica crescimento, não só físico, e isso leva tempo. Enquanto tal processo se desenvolve, os pais devem assumir a responsabilidade pela saúde física e psíquica dos seus filhos. Se os pais não assumem tal responsabilidade, os jovens passarão por uma falsa maturidade, perdendo a maior vantagem dessa fase: a de poder ter liberdade de pensar e agir segundo o impulso.

Nesse sentido, é característica da adolescência a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, ou mesmo as duas formas coexistindo ao mesmo tempo (Winnicott 1961a: 117). É um movimento de ir e vir, no processo de busca do mundo adulto, e estes momentos causam sofrimento, o qual é sinal de saúde. Para Winnicott, *o adolescente não deve ser curado como se fosse um doente* (Winnicott, 1967: 7), mas lhe deve ser oferecido um suporte ou ambiente facilitador para as suas idas e vindas que, de certa forma, facilite as várias tendências individuais. Afirmo Winnicott: *ninguém poderia dizer que a palavra “saúde” é sinônima da palavra “fácil”. Isso é especialmente verdadeiro na área de conflito entre a sociedade e seu contingente adolescente* (Winnicott, 1967: 8).

Diante dos muitos conflitos e alternâncias de humor e comportamentos, muitas vezes há dificuldade de diagnosticar a doença psiquiátrica em pessoas desse grupo etário, em função do quadro sintomatológico aparecer confuso, com muitas dúvidas e com mudanças rápidas. *Quando um rapaz ou uma moça agem de modo desajeitado ou confuso, em meados da puberdade, isso não é doença* (Winnicott, 1967: 6). Mesmo sendo um período tempestuoso, Winnicott nos mostra quando o adolescente se torna um adulto (saúdável):

Quando normalmente o indivíduo se torna um adulto maduro, isto implica que ele ou ela é capaz de se identificar com figuras paternas e com alguns aspectos da sociedade sem demasiado sacrifício do impulso pessoal, ou dito de outro modo, de se tornar essencialmente ele ou ela mesmo sem a necessidade de se tornar um antissocial. Normalmente o moço ou a moça se torna capaz de assumir responsabilidades e ajudar a manter ou modificar ou mesmo alterar completamente o legado da geração anterior. Inevitavelmente, ele e ela transmitirão, como adultos, o legado à geração seguinte, no ciclo eterno da humanidade. (Winnicott, 1965u [1963]: 218)

Para alcançar a fase adulta, cada indivíduo tem que começar “da estaca zero”, buscando seu próprio caminho na descoberta de saber quem é ele próprio. O adolescente busca uma cura imediata para as suas angústias, mas, ao mesmo tempo, rejeita todas as “curas” que encontra, pois considera serem elementos falsos, possivelmente por não serem próprias dele. Winnicott chama esse período de busca de ‘zona de calmarias’ (Winnicott, 1961a: 122); é uma fase na qual os adolescentes sentem-se fúteis; eles ainda não se encontraram e cabe aos adultos o papel de espectadores.

Há uma mistura de rebeldia e dependência; os pais vivenciam toda a agressividade e, em outro momento, os filhos parecem crianças, manifestando padrões de dependência que lembram os primeiros anos de vida. Segundo Winnicott (1961a: 124), é possível relacionar as necessidades manifestadas pelos adolescentes: a necessidade de evitar a falsa solução para os seus problemas; a necessidade de sentir-se real, ou de não tolerar a falta de sentimento; a necessidade de ser rebelde em um contexto no qual também possa ser acolhido quando dependente; e a necessidade de afrontar a sociedade. Tais necessidades vêm de encontro com a luta que o adolescente vive consigo:

A luta para sentir-se real, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter que conformar-se a um papel preestabelecido. Os adolescentes não sabem no que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais, e que de fato o são, na medida em que afetam a sociedade (Winnicott, 1961a: 123).

Quanto à imaturidade do adolescente, Winnicott explica que *a imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver* (Winnicott, 1971a:198). Por isso, é um crime perder as aspirações daqueles que não são responsáveis. Para o autor, é na imaturidade da adolescência e no fato de ela não ser responsável que está *o seu elemento mais sagrado, dura apenas alguns anos*

e constitui uma propriedade que tem de ser perdida por cada indivíduo, quando a maturidade é alcançada (Winnicott, 1971a: 198).

Winnicott afirma que esta imaturidade irresponsável traz benefícios a toda a sociedade e não apenas problemas. Traz aspirações, idealismo e o pensamento criativo, que, de certa forma, apresentam o novo à sociedade. Como ainda não estabeleceram a desilusão por completo, apresentam soluções criativas para experimentar a liberdade de pensar e reformular ideias já constituídas pela sociedade. O adolescente lança desafios os quais devem ser enfrentados pela sociedade. Salienta Winnicott: *onde houver um desafio do rapaz e da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio. Embora ele não seja belo, necessariamente* (Winnicott, 1971a: 202).

O autor também esclarece, em seus textos, que há uma necessidade saudável do adolescente de não conformidade e uma preocupação real de estar no mundo e fazer parte dele. Os adolescentes sofrem com as decepções que vão tendo à medida que crescem e se aproximam do mundo adulto, decepções com os seus pais e com a sociedade. Além de suas próprias mudanças, relativas à puberdade, devem tolerar suas mudanças no que se referem às próprias ideias sobre a vida e seus próprios ideais e aspirações. Acrescenta Winnicott que o adolescente tem que lidar com:

A sua desilusão pessoal a respeito do mundo dos adultos, que lhes parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores e de infinitas digressões em relação ao tema central. À medida que rapazes e moças adolescentes deixam esse estágio, começam a sentir reais, e adquirem um senso de self e um senso de ser. Isso é saúde. A partir do ser, vem o fazer, mas não pode haver o fazer antes do ser – eis a mensagem que os adolescentes nos enviam (Winnicott, 1967: 7).

Winnicott nos aponta que, mesmo no caso de os pais terem cumprido de forma satisfatória a tarefa de cuidar de seus filhos enquanto pequenos, certas dificuldades são inerentes aos estágios posteriores. Conforme o autor, o adolescente pode ser cordato com as regras familiares, mas, em sua fantasia inconsciente, crescer é um ato agressivo. Esse sentimento assusta, uma vez que o que estava no plano da fantasia pode se tornar realidade concreta: um poder de destruir, de matar, enlouquecer-

se com drogas ou suicidar-se. Na fantasia da criança, está contida a morte; na da adolescência, está contido o assassinato. Winnicott comenta:

Mesmo quando o crescimento, no período da puberdade, progride sem maiores crises, é possível que nos defrontemos com agudos problemas de manejo, porque crescer significa ocupar o lugar do genitor. E realmente o é. Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo. E a criança, agora já não é pequena (Winnicott, 1971a: 195).

2.3. A agressividade adolescente

A agressividade, assim como a sexualidade, assusta o adolescente na potência inicial. O adolescente, nesse momento, pode tanto matar como engravidar alguém; esses atos saem do plano da fantasia para a possibilidade real. Na fantasia inconsciente, o adolescente, para se tornar adulto, precisa assassinar seus pais e ocupar o seu lugar. A agressividade é algo real, em função do novo corpo e da força física e real que o adolescente não sabe muito bem administrar. Explana Winnicott: *se a criança está se tornando adulta, é às custas de corpo morto de um adulto que essa mudança é conseguida* (1968b: 154). Os pais pouco podem fazer a não ser sobreviver aos ímpetos juvenis e as suas fantasias inconscientes.

A rebelião está inserida na parte imatura do adolescente. A transferência, pelos pais, de responsabilidades muito grandes para o adolescente pode representar uma forma de abandono em um momento crítico. A imaturidade é essencial ao adolescente e, quando este se torna adulto antes da hora, envelhece de forma prematura e perde o impulso criativo despreocupado, perde a sua espontaneidade e a capacidade de brincar. Winnicott diz, quanto ao processo da adolescência ser interrompido, que:

Nos termos do jogo, do jogo da vida, abdicamos exatamente quando eles chegam para nos matar. Alguém fica contente? Certamente não o fica o adolescente, que agora se transforma em Estabelecimento. Há perda de toda a atividade e dos esforços imaginativos da imaturidade. A rebelião não faz mais sentido e o

adolescente que vence cedo demais vê-se apanhado em sua própria armadilha, tem de tornar-se ditador e ficar à espera de ser morto; ser morto não por uma nova geração de seus próprios filhos, mas pelos irmãos (Winnicott, 1971a: 197).

Winnicott questiona se a sociedade está preparada para esperar a ‘calmaria da adolescência’ acontecer com tolerância, reagindo aos desafios e os acatando, sem, no entanto, ter a tarefa de curá-la. O autor comenta ainda que os maiores desafios colocados pelos adolescentes a nós adultos atingem aquela parte de nós que não viveu em verdade sua própria adolescência. Dessa forma, o adulto privado de sua própria adolescência não gosta de ver meninos e meninas florescendo ao seu redor.

De acordo com as ideias de Winnicott, a sociedade provavelmente desejaria *que os jovens dormissem dos 12 aos 20 anos de idade, mas o jovem não dormirá* (Winnicott, 1964a: 179). Para o autor, a tarefa permanente daqueles que são cuidadores dos adolescentes (pais, professores) é a de deter e conter, evitando a solução falsa e uma indignação moral causada na sociedade por ciúmes da juventude.

2.4. O isolamento

Outro ponto importante considerado por Winnicott com relação ao adolescente é o fato de que ele *é essencialmente um ser isolado* (Winnicott, 1961a: 118). Para o psicanalista, toda a socialização parte de uma posição de isolamento. É na adolescência que há uma ampliação do grupo no qual o indivíduo pertence. Ele precisa se identificar com novos grupos, sem perder em demasia sua identidade. A base para a construção dos novos grupos é o grupo familiar, mesmo que este grupo primário seja ora rebelado, ora utilizado durante a fase em questão.

Winnicott explica que, se a criança é saudável, ela chega à puberdade marcada pelo fenômeno do isolamento, pois, para muitos, há um período longo de incertezas quanto à própria existência de um impulso sexual de fato. Podem apresentar tendências homossexuais, característica dessa fase, ou mesmo atividades homossexuais e heterossexuais compulsivas, que podem servir como descarga de tensão e não como forma de união de pessoas inteiras, o que o coloca diante de impulsos instintivos e

obriga a criança a uma nova orientação em relação ao mundo. Segundo o autor, o sexo pode operar como uma função parcial, parecendo estar funcionando bem, mas internamente pode haver uma imaturidade na vida instintiva do indivíduo, que o empobrece ao invés de o enriquecer como pessoa numa relação saudável.

O adolescente revive uma fase da infância: o isolamento. O bebê é um ser isolado até se constituir como um indivíduo distinto, capaz de relacionar-se com os objetos externos. Conforme a teoria de Winnicott, antes que o Princípio da Realidade aconteça, depois do Princípio do Prazer, a criança é isolada pela natureza subjetiva de seu ambiente. Assim, os grupos de jovens podem ser agrupamentos de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por identidade de gostos, por adoção de ideias, modo de viver ou de vestir-se. Os jovens são capazes de se agruparem para defender-se, enquanto atacados como grupo, e logo depois retornam ao seu isolamento característico de um si mesmo recuado e protegido. É uma luta para sentir-se real, para estabelecer uma identidade pessoal e para viver aquilo que deve ser vivido sem ter que conformar-se com o que foi pré-estabelecido; o adolescente busca tipos de identificação para não se sentir tão sozinho, apesar de saber que essa luta é solitária.

Para Winnicott, nos grupos de adolescentes, é como que necessário a existência de dois ou três indivíduos antissociais que tomam atitudes de provocação à sociedade, de forma a criar um sentimento de realidade nos outros membros e estruturar temporariamente o grupo. Os adolescentes têm que ir mais longe do que o habitual, para testar o seu próprio limite. Como diz o autor: *os membros individuais fazem uso de casos extremos para sentirem-se reais, lutando para transpor este período de calma* (Winnicott, 1961a: 126). Diz ainda Winnicott:

Todos os aspectos da luta da adolescência – os roubos, as facas, as rupturas e encontros e tudo o mais – têm de estar contidos na dinâmica desse grupo, seja no ato de ouvir jazz, seja numa festa. Se nada acontece, os indivíduos começam a duvidar da realidade do próprio protesto; ainda assim, a maioria deles não são perturbados a ponto de tomar efetivamente a atitude antissocial que recoloca as coisas em seus devidos lugares. (Winnicott, 1961a: 126)

2.5. Características antissociais

Winnicott nos aponta que a diferença entre o adolescente que vive as dificuldades normais de sua idade e o adolescente com características antissociais não aparece no quadro clínico, e sim na dinâmica e etiologia. Sendo assim, o pesquisador nos traz a ideia de que, na raiz da tendência antissocial, há sempre uma privação ou carência. Esse elemento de privação ou carência aparece, na adolescência normal, de forma mais branda e difusa, não exigindo, portanto, as defesas em demasia. É um caso diferente do adolescente com uma privação maior, que busca obrigar o mundo a reconhecer a dívida que tem com ele. Essa cobrança pode vir acompanhada com muita violência. Os conceitos de privação e deprivação colocados por Winnicott em seus trabalhos deram originalidade à sua obra, assim como a formulação de que, quando a criança ou o adolescente começam a manifestar tendências antissociais, temos um sinal de saúde, de pedido de ajuda, porque ainda resta esperança de vida.¹⁶

O furto está no centro da tendência antissocial, associado à mentira. A criança que furta um objeto não está desejando o objeto roubado, mas a mãe, sobre quem ela tem direitos. (Winnicott, 1958n [1956]: 141)

Tais direitos, os quais a criança considera como seus, derivam do fato de que, para a criança (do seu ponto de vista), a mãe foi criada pela criança, convertendo-a em objeto que ela própria quer encontrar.

Winnicott apresenta vários casos clínicos atendidos por ele, nos quais comportamentos antissociais dos adolescentes vêm acompanhados da carência, principalmente do meio familiar. O autor escreve sobre o caso de “Peter”, um menino de 13 anos com sintomas graves e comportamentos antissociais. Nas consultas terapêuticas com esse paciente, pôde ser feito um bom uso dos próprios pais para a recuperação do jovem. Nesse caso, houve uma privação do pai aos 3 anos de idade,

¹⁶ Privação: ausência de cuidados maternos e, por consequência o desencadeamento de patologias graves, como as psicoses e o autismo infantil precoce. Deprivação: existiu um grau de cuidado materno que, posteriormente foi perdido, raiz da tendência antissocial (Outeiral, 2001).

devido à guerra. Um dos procedimentos que viabilizou um processo de crescimento foi a recomendação para que o jovem saísse de uma importante escola interna e voltasse para a sua casa, visando a ter convivência constante dos pais.

Para o autor, é tarefa dos pais e professores cuidarem para que crianças e adolescentes não estejam diante de autoridade fraca, de maneira a ficarem sem qualquer limite ou controle, e não deixarem que crianças e adolescentes assumam a autoridade do ambiente. A agressividade em demasia ou o sentimentalismo é devastador para o desenvolvimento dos indivíduos. O adulto tranquilo é menos cruel; a agressividade gera o medo e o sentimentalismo contém uma negação inconsciente da destrutividade.

Mesmo fazendo a diferenciação entre adolescentes com atitudes antissociais dos outros ditos normais, há dificuldades no diagnóstico em um processo psicoterápico. Winnicott admite ser difícil separar o que é doente do que é próprio da idade nessa faixa etária. Pacientes com distúrbios afetivos ou esquizofrenia, muitas vezes, confundem-se com a síndrome do crescimento dos adolescentes. Winnicott aponta, de forma a facilitar o diagnóstico, uma série de fatores a serem levados em conta quando nos encontramos com adolescentes, a saber:

a) o desenvolvimento emocional do indivíduo, b) o papel da mãe e dos pais, 3) a família como um desenvolvimento natural, em função das necessidades da infância, 4) o papel das escolas e de outros agrupamentos, vistos como extensões da idéia familiar e como realce dos padrões familiares estabelecidos, 5) o papel especial da família em sua relação com as necessidades dos adolescentes, 6) a imaturidade dos adolescentes, 7) a consecução gradativa da maturidade na vida do adolescente, 8) a consecução, pelo indivíduo, de uma identificação com grupamentos sociais e com a sociedade, sem perda excessiva de espontaneidade pessoal, 9) a estrutura da sociedade, sendo essa palavra utilizada como substantivo coletivo, sociedade composta de unidades individuais, maduras ou imaturas, 10) as abstrações da política, da economia, da filosofia e da cultura vista como culminação de processos naturais de crescimento e 11) o mundo como superposição de um bilhão de padrões individuais, uns sobre os outros (Winnicott, 1971a: 187-188).

Nessa perspectiva, a saúde, conforme Winnicott, não está pautada na ausência de sintomas psiconeuróticos, ou seja, a progressão do distúrbio do *id* em direção à genitalidade plena e à organização de defesas relativas à ansiedade e as relações interpessoais. Para o autor, a vida do indivíduo é marcada por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas e frustrações. O importante é que indivíduos "sintam que estão vivendo a sua própria vida". Ele explica:

Num ambiente que propicia um "segurar" satisfatório, o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas. O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de self, e finalmente resulta em autonomia (Winnicott, 1967: 11).

2.6. A sexualidade

Winnicott nos apresenta, em sua teoria do amadurecimento pessoal, outra forma de pensar a saúde do indivíduo que não apenas aquela baseada em alcançar estágios sucessivos de zonas erógenas utilizada por Freud, apesar de ser válida a teoria freudiana. De acordo com Loparic (1999), Winnicott descentraliza a sexualidade da condição de ser humano saudável e aponta a importância de que, antes de o indivíduo poder fazer algo, ele precisa ser, precisa primeiro criar a capacidade de ser e chegar à identidade pessoal. A puberdade e adolescência são momentos da vida humana peculiar e há muito tempo se fala na sexualidade e nas mudanças que esta provoca nos meninos e meninas.

Na teoria psicanalítica, falar da adolescência nos leva naturalmente a pensar a questão da sexualidade, e, por uma tradição teórica, o complexo de Édipo, ponto central da teoria freudiana. A adolescência é um reviver de vários estágios do desenvolvimento e seria uma reedição do complexo de Édipo. Para Freud, o complexo de Édipo é o elemento central da explicação da vida sexual, assim como é o complexo nuclear das doenças psíquicas e questões referentes à cultura, religião e arte da sociedade. Winnicott descentraliza a questão edípica na vida humana, modificando o paradigma tradicional.

Loparic (1996) afirma que a psicanálise winnicottiana tem seu crescimento a partir da convicção de Winnicott de que existem problemas iniciais na vida do homem os quais não são solucionados por meio da teoria edípica, o que ele chama de angústias ou *agonias impensáveis*.

Essas angústias se configuram como os medos que o homem sente da quebra da linha do ser, o medo de aniquilação. Tais sentimentos aparecem muito precocemente no indivíduo, antes da existência do indivíduo inteiro ou real, portanto, antes das relações objetais. Para Winnicott (1963: 72), essas agonias se dão no encontro do mundo inesperado com o bebê e implicam uma teoria do amadurecimento humano. Inicialmente, segundo o autor, o bebê não é um potencial Édipo, e sim um ser humano frágil que precisa de outro ser humano para continuar existindo. Winnicott apud Loparic (1996) entende que as angústias existem mediante as várias ameaças ao existir humano, como o medo do retorno a um estado de não-integração, o medo da perda do contato com a realidade, da desorientação do espaço, do desalojamento do próprio corpo ou o pânico de um ambiente imprevisível.

As personalidades se tornam desintegradas, os pacientes perdem a capacidade de se inserir em seus corpos e de aceitar os seus limites cutâneos e se tornam incapazes de se relacionar com objetos. Sentem-se irreais (Winnicott, 1963: 211).

Segundo Loparic (1996: 7), Winnicott afirma que, na condição de dependência do outro, surgem os problemas fundamentais: nascer, sentir-se real, ter contato com a realidade, assegurar sua integração do ser no mundo, conseguir distinguir entre a realidade externa e interna, criar a capacidade de uso das coisas e ser si mesmo.

Consoante Winnicott, o adolescente revive tais estados primitivos na busca de saber quem é e de se sentir real e pertencente ao mundo. Depois de acomodadas as questões relativas à sua existência, poderá haver a reedição edípica. O psicanalista, no entanto, afirma ser possível que alguns indivíduos jamais atinjam o grau de saúde psíquica em que o complexo de Édipo faça sentido.

Winnicott nos fala que, no processo da adolescência, é essencial algum adulto confiável estar ao lado do menino ou da menina na busca de suas verdades, visto

que aprender sobre sexo é outra maneira de aprender sobre suas origens. O autor enfatiza que:

É de grande auxílio para o indivíduo quando a puberdade fornece um potencial para a potência masculina e para o equivalente nas meninas, ou seja, quando a genitalidade plena já é uma característica, tenha sido alcançada na realidade do brincar durante a idade que precedeu o período de latência. No entanto, púberes não se enganam com a ideia de que os impulsos instintivos sejam tudo, e de fato eles estão essencialmente preocupados com o ser com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirir algum grau de constância objetal. Eles precisam cavalgar instintos, em vez de serem esmigalhados por eles. (Winnicott, 1967: 8)

2.7. O brincar

Outro ponto importante constatado por Winnicott é que algumas das características de crianças e adolescentes antissociais é o fato de não haver em sua personalidade nenhuma área para o brincar.

Winnicott analisa, em seu artigo *Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior* (1971a), um jogo intitulado “Eu sou o Rei do Castelo”, o qual, provavelmente, repetiu-se nas gerações de crianças e adolescentes inglesas. O autor diz ser um jogo do começo da latência e, na puberdade, transforma-se em uma situação de vida que é própria do elemento masculino em meninos e meninas. O jogo demonstra uma afirmação pessoal, uma realização de crescimento emocional individual, estabelecendo uma dominância e a morte do Rei para outro transformar-se em Rei. Na tradução do jogo da infância, há uma linguagem de motivação inconsciente da criança em tornar-se um adulto. Se a criança tem de tornar-se adulta, então essa transformação se faz sobre o cadáver de um adulto (Winnicott, 1971a: 196).

Pensando sobre com que jogos nossos adolescentes e crianças estão envolvidos na atualidade os quais pudessem traduzir motivações inconscientes no processo de transição de crescimento, à primeira vista, poderíamos dizer que Internet,

computadores e a vasta tecnologia utilizada poderiam impedir os contatos de grupos para este fim. Contudo, um olhar mais atento nos mostra algumas brincadeiras que marcaram algumas gerações e que continuam nos dias atuais. Por exemplo: brincadeiras do início da puberdade, como *pêra*, *uva maçã e salada mista* ou *verdade ou consequência*, envolvem meninos e meninas e iniciam a sexualidade. Outra brincadeira são os jogos como *Banco Imobiliário* ou *War*, que trabalham com a agressividade de uma guerra, compras e a competição entre si. Uma brincadeira que parece mais próxima do universo feminino, o *Caderno de Perguntas e Respostas*, consiste em um caderno, com perguntas variadas, o qual é passado para que os amigos (meninos e meninas) respondam. É uma forma de marcar o tempo e de acompanhar as mudanças que vão acontecendo consigo mesmo e com os amigos e, também, uma forma identificatória. Os que respondem também precisam de uma forma de exposição, num jogo de mostrar-se e esconder-se. Parece ser um precursor de *orkut*¹⁷ ou *blogs*, mas que ainda se mantém entre púberes nos dias atuais.

Winnicott utiliza a fase de adolescência para melhor compreender o indivíduo como um ser isolado e a sua forma de comunicação. O adolescente é descrito como um ser isolado mesmo quando em agrupamentos de pessoas da mesma idade. O pesquisador afirma que o processo de isolamento faz parte da busca de uma identidade pessoal e, nessa busca, o adolescente precisa preservar-se. Para o autor, o jovem tem o direito de não se comunicar. Esse tema será discutido na próxima seção.

Devemos também considerar a dificuldade *de estar com* adolescentes que lutam para libertar-se. A sua alternância de estado de humor e de comportamento deixa os adultos confusos, sem espaço para comunicação. Essas alternâncias dizem respeito a sentimentos opostos, muitas vezes no mesmo dia, como amar e odiar os pais; ser rebelde e depender intensamente dos genitores; sentir-se envergonhado da mãe ou do pai e, em outro momento, reconhecê-los em público; ser idealista, amante da arte, da música, e criticar em demasia as atitudes dos pais; ser desinteressado, algumas vezes, e altamente controlador em outras; ser extremamente rigoroso moralmente quando diz respeito aos seus pais e exigir flexibilidade. Tais flutuações são consideradas normais quando são vividas pelos adolescentes na época em que são adolescentes. Para que estas questões

¹⁷ *Orkut*: site de relacionamento vinculado à Internet.

sejam vividas plenamente, os adolescentes necessitam de adultos que deem uma sustentação de modo a facilitar a passagem da vida de criança para a vida adulta.

Vemos adultos, nos dias atuais, com atitudes de imitar a irreverência dos adolescentes num processo de competição. Os adolescentes sentem dificuldade para fazer sua busca de identidade quando eles precisam diferenciar-se dos adultos e estes buscam cada vez mais se parecer com os adolescentes. A sustentação fica muito prejudicada, pais e filhos ou professores e alunos ficam em uma relação de igualdade e o adolescente não se sente protegido. Além desta sustentação, o adulto deve sobreviver ao constante ataque do jovem, que parece ir testando seu limite e amor. De acordo com Winnicott, a relação de pais e filhos, na perspectiva destes últimos, é (de forma adaptada):

eu te criei, eu te encontro,
então te uso e te destruo,
ao te destruir,
você continua e sobrevive
então eu te amo.

2.8. O ambiente

Como já salientado no capítulo referente ao desenvolvimento, o ambiente, na teoria winnicottiana, exerce um papel primordial na vida do indivíduo. O autor entende que a constituição da personalidade do indivíduo é formada pela participação do ambiente em que a criança vive e aos cuidados a ela conferidos. A criança saudável chega à adolescência equipada para atender os seus novos sentimentos, tolerar melhor as situações de apuros e resolver situações que envolvam ansiedade em demasia. A família e a escola exercem uma ação direta no desenvolvimento da criança e do adolescente, assim como o meio social, e a confiança é a base nas relações entre o adulto e o adolescente.

Araújo (2007: 61) aponta que, para os adolescentes, a família tem papel essencial na promoção na segurança necessária ao turbilhão de acontecimentos vividos nesse período, uma vez que, além de reaparecerem as excitações advindas das

experiências semelhantes à da infância, agora as excitações advêm também das experiências libidinais próprias da adolescência. Desta forma, para Winnicott (1988: 173), a vida em família é a base para os grupos com os quais os adolescentes vai ter a necessidade de conviver. Torna-se essencial que a família continue existindo para que o jovem possa rebelar-se contra ela, ou mesmo utilizá-la quando precisar se reassegurar.

Crianças no período da latência são intensamente perturbadas pela ruptura de seu ambiente doméstico, porque nessa época, elas não deveriam ter que se preocupar com estas questões, deveriam poder tomar o ambiente como garantido para poderem enriquecer interiormente, através da educação, da cultura e do brincar em todo tipo de experiência pessoal. (Winnicott, 1988: 173)

Na busca do *status* de adulto, o adolescente vai tatear, assim como nos estágios primitivos, quando estas mesmas crianças eram bebês vacilantes buscando conhecer o mundo e se reconhecer nele. Para Winnicott, *se a família ainda tem disponibilidade para ser usada, ela o será em grande escala, mas se não mais... torna-se necessária, então, a existência de pequenas unidades sociais, para conter o processo de crescimento adolescente* (Winnicott, 1971a: 194).

Há genes que determinam padrões, e uma tendência herdada a crescer e alcançar a maturidade; entretanto, nada se realiza no crescimento emocional, sem que esteja em conjunção à provisão ambiental, que tem de ser suficientemente boa. Observe-se que a palavra ‘perfeito’ não figura nesse enunciado; a perfeição é própria das máquinas, e as imperfeições, características da adaptação humana à necessidade, constituem qualidade essencial do meio ambiente que facilita (Winnicott, 1971a: 188).

É importante abordar a imperfeição humana, característica da adaptação do homem, como diz Winnicott, em contraste com a perfeição das máquinas. A ideia de que, se os pais criam de maneira adequada suas crianças, estas não terão problemas na adolescência é um engano. Winnicott afirma que alguns jovens podem atravessar essa fase com acordos contínuos com os pais, mas a rebelião é própria da liberdade que os

pais concedem aos seus filhos, criando de forma que possam exercer o seu próprio direito de existir e de se constituir enquanto pessoas. Outro ponto importante é que muitas crianças tiveram um ambiente acolhedor na infância, houve *holding*¹⁸, mas, quando chegam à adolescência, ficam desprovidos do ambiente facilitador e de *holding* materno. Nesses casos, o adolescente foi protegido de uma psicose, mas não de uma depressão; o adolescente necessita de *holding* familiar e social.

Os problemas da adolescência são inerentes à saúde, nesse contexto, Winnicott afirma que poderemos promover o crescimento pessoal em nossa descendência, contudo teremos que ser capazes de lidar com resultados espantosos. *Se nossos filhos vierem a se descobrir, não se contentarão em descobrir qualquer coisa, mas sua totalidade em si mesma, e isso incluirá a agressividade e os elementos destrutivos neles existentes, bem como os elementos que podem ser chamados de amorosos* (Winnicott, 1971a: 193). Os pais, tão necessários na adolescência, muitas vezes se sentem inseguros e confusos quanto ao seu papel diante do filho. Os filhos se afastam e estes precisam estar próximos e sobreviver. Para Winnicott, há uma grande luta à qual nós adultos precisaremos sobreviver e *com alguns de nossos filhos teremos sorte se nossa ajuda lhes permitir o pronto uso de símbolos, e o brincar, o sonhar, ser criativos de maneiras satisfatórias*. (Winnicott, 1971a: 193) Quanto a recompensas que os pais podem ter em relação aos seus filhos já adultos, Winnicott afirma:

Sentir-nos-emos recompensados se, algum dia, nossa filha nos pedir para tomarmos conta de seu filho, demonstrando com isso sua confiança em que podemos fazê-lo satisfatoriamente, ou se nosso filho, de algum modo, quiser ser como nós, ou enamorar-se de uma moça de quem poderíamos enamorar-nos se fôssemos mais jovens. As recompensas chegarão indiretamente. E, naturalmente, sabemos que não nos agradecerão (Winnicott, 1971a: 194).

¹⁸ *Holding* significa não apenas o segurar físico, mas também a provisão ambiental e do viver que implica as relações objetais.

Com o passar do tempo, o adolescente desenvolve um ambiente interno. À medida que o crescimento se processa, ele passa a aumentar a tolerância com relação às falhas ambientais, o que permite ao jovem participar ativamente da organização e da produção do contexto emocional que lhe parece desejável. Já na maturidade, segundo Winnicott, *o ambiente é algo para o qual o indivíduo contribui e pelo qual o homem ou a mulher individuais se sentem responsáveis* (Winnicott, 1988: 173).

Finalizamos este capítulo com uma frase de Shakespeare, citado por Winnicott, sobre uma carta escrita a respeito da questão dos jovens arruaceiros:

Gostaria de que não existisse idade alguma entre os dezesseis e vinte e três anos ou que os jovens dormissem todo esse tempo; pois nada existe nesse meio tempo senão promiscuidade com crianças, ultrajes com os anciões, roubos e brigas (Shakespeare apud Winnicott 1964a: 177).

CAPÍTULO III

A COMUNICAÇÃO E O ISOLAMENTO NA ADOLESCÊNCIA

Quem faz perguntas deve esperar que
lhe respondam com mentiras (Winnicott, 1962a[1961]).

3.1. A comunicação

Winnicott (1965j [1963]) nos apresenta o artigo *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*, no qual aborda a questão da comunicação humana. De acordo com o autor, o indivíduo tem o direito de se comunicar ou não, e isso teria relação com a fantasia de ser explorado, invadido ou engolido, ou melhor, *é a fantasia de ser descoberto* (1965j [1963]: 163).

Para o indivíduo, a fantasia de ser descoberto é um drama a ser vivido de maneira intensa e pode ser pensada em termos da vida cultural do homem adulto, que é o equivalente aos fenômenos transicionais da infância e da meninice. Segundo Winnicott, o indivíduo vive um dilema que pertence à coexistência de duas tendências: a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado. Winnicott diz: *é um sofisticado jogo de esconder em que é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado* (1965j[1963]: 169)

A fantasia de ser descoberto é intensificada no adolescente. Há um medo real e não só fantasioso de que os adultos invadam os seus pensamentos, os seus desejos, as suas dúvidas, num momento em que o jovem busca suas verdades. Há também o medo de ser desvalorizado ou *ridicularizado por sua infantilidade, especialmente na esfera do sexo* (Winnicott, 1955a: 131). Em função disso, a comunicação pode acontecer por meio de relações objetais falsas e submissas; ela pode ocorrer com o falso *self* e não parecer real. Além disso, Winnicott apresenta a característica, de todo e qualquer indivíduo, de existir um núcleo verdadeiro (*self*) que nunca se comunica. Nesse sentido, aos pais dos adolescentes resta esperar, porque se

eles perguntam demais, os adolescentes são evasivos e, por outro lado, se não perguntam, os jovens se sentem abandonados. (Braga, 1998).

3.2. A comunicação do bebê e da criança

No início, a comunicação do bebê com a sua mãe é empática, silenciosa e direta. Para o recém-nascido, a mãe não é algo diferenciado dele mesmo. Essa primeira relação acontece em um espaço indiferenciado entre o eu e o não-eu e os objetos que são denominados por Winnicott de subjetivos, porque são o próprio sujeito (Lins, 2006: 86). Se a qualidade dessa relação é suficiente, o bebê vive a experiência da onipotência e o objeto é criado pela sua própria necessidade. A primeira comunicação acontece pelo fato de o bebê estar vivo e de a mãe estar atendendo suas necessidades. Caso o objeto – a mãe – fracassar, o bebê reagirá e a mãe toma sua reação como um sinal de comunicação.

Em uma segunda etapa do crescimento, o objeto é o transicional e este deve ser encontrado, criado e usado pelo bebê. O sujeito tem uma relação de posse com o objeto, a posse de um objeto não-eu que ainda não é o outro. *O objeto transicional é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é, segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco vem de dentro; não é uma alucinação.* (Winnicott, (1953c [1951]): 18) As experiências localizadas nesta área possibilitarão a simbolização e a passagem da criatividade primária para a experiência criativa.

O terceiro espaço é o mundo compartilhado. O sujeito cria os símbolos e a comunicação pré-verbal dá lugar à verbal. Os objetos são agora percebidos como não-eu, embora sua percepção traga sempre em cada indivíduo a marca de sua subjetividade. A comunicação é explícita e indireta. É importante lembrar que esses espaços são importantes para a capacidade de brincar. Para Lins (2006), *o bebê inicialmente brinca sozinho; depois brinca na presença da mãe, que deve estar disponível para brincar. Em um terceiro tempo, a criança está pronta a admitir uma brincadeira compartilhada onde tem lugar a sobreposição de duas áreas da brincadeira, a da mãe e a sua. Winnicott esclarece ainda que o espaço intermediário persiste ao longo da vida como*

espaço potencial, um lugar no qual se dá a brincadeira da criança e toda experiência cultural. É nesse lugar que passamos a maior parte do nosso tempo (Lins, 2006: 88).

Os adolescentes revivem as experiências iniciais citadas, indo de um isolamento característico para a fase de compartilhar suas experiências com o mundo externo. Consoante Winnicott, a capacidade de se comunicar está relacionada às relações objetais e à qualidade do ambiente favorável. Tais relações vão se estabelecendo de maneira gradativa durante o crescimento humano. Inicialmente, a relação acontece com os objetos subjetivos, para se tornar depois um objeto percebido objetivamente, processo que leva tempo. A adaptação ao princípio da realidade deriva da experiência da onipotência do indivíduo quando este se relaciona com os objetos subjetivos.

O autor nos apresenta ainda que, quando o bebê experimenta a onipotência em um ambiente facilitador, ele não apenas se relaciona com os objetos: ele os cria e recria. *O objeto é criado, e não encontrado*. (Winnicott, 1965j [1963]: 165). A comunicação transforma-se à proporção que o indivíduo amadurece. Winnicott explica:

... naturalmente ocorre uma mudança no propósito e nos meios de comunicação, à medida que o objeto muda de ser subjetivo a ser percebido objetivamente, enquanto a criança gradualmente deixa para trás a área de onipotência como uma experiência de vida. Na medida que o objeto é subjetivo, é desnecessário que a comunicação com ele seja explícita. Quando o objeto é objetivamente percebido, ou a comunicação é explícita ou é confusa. (Winnicott, 1965j [1963]: 166)

Conforme a criança se desenvolve, segundo Winnicott, acontecem *duas novas características: a utilização e a apreciação do humano pelos modos de comunicação e o eu do indivíduo que não se comunica, ou o núcleo pessoal do eu que é um isolado autêntico* (Winnicott, 1965j [1963]: 166). Esse núcleo sagrado é o lugar das experiências mais autênticas, do pensamento inovador, da criatividade e do gesto espontâneo. Para o autor, o que é sagrado deve ser preservado e todo indivíduo pode ter uma parte dentro de si que se constitui de uma realidade nunca encontrada e muito menos compartilhada. Desse modo, a comunicação pode ocorrer como falso *self*, não sendo uma verdadeira comunicação porque não envolve o núcleo do *self*, e aquela que

poderia ser caracterizada como verdadeiro *self* é uma comunicação com objetos subjetivos que tem toda a sensação de real, oriunda do núcleo sagrado.

O conceito de verdadeiro *self* e falso *self* foi utilizado por Winnicott quando do atendimento de pacientes muito regredidos e de pacientes com a sensação de não ter uma vida real. Aiello Vaisberg, Machado & Baptista (2003) nos mostram que Winnicott estava interessado não somente em pacientes neuróticos, mas principalmente em pacientes chamados de *indivíduos normais do tipo psicóticos*. Ele se referia as angústias existenciais profundas, presentes em todos e que se manifestam mais nos chamados psicóticos. As autoras mostram que o interesse de Winnicott era pelo sofrimento humano que compromete o viver, por uma alienação da realidade ou submissão à realidade.

As autoras também indicam a afirmação de Winnicott de que as pessoas aludidas estão impossibilitadas de brincar e usufruir a terceira área – a transicional. Os indivíduos que vivem estruturados em um falso *self* podem ter relacionamentos de convivência, de trabalho, amizades de maneira normal e os observadores acreditarem que é uma pessoa real. O falso *self* tem a função de proteger o verdadeiro *self* e este tem uma vida secreta. A função positiva do falso *self* é ocultar o verdadeiro *self* de forma a permitir que o indivíduo se adapte ao meio ambiente, fique submisso às exigências do ambiente social e possa sobreviver às adversidades ambientais. Apesar de terem uma função positiva – a de sobrevivência, todas essas adaptações dão a sensação de irrealidade e um sentimento de futilidade, de não estarem vivendo as próprias vidas. Outro objetivo do falso *self* é viabilizar o emergir do verdadeiro *self*, de modo que o indivíduo tenha uma vida autêntica. Aiello Vaisberg, Machado & Baptista esclarecem:

uma vida aparentemente normal pode ser mantida a partir do falso self, enquanto o indivíduo permanece ausente de si mesmo, excluído da própria vida. Naturalmente o falso self nada mais é do que uma defesa dissociativa que embora impeça o viver autêntico permite a sobrevivência do self verdadeiro, que permanece oculto (Aiello Vaisberg, T.; Machado, M. C. L. & Baptista, A. M. 2003: 3)

No indivíduo normal, há o aspecto submisso do *self*, as adaptações sociais, porém existe também um ser espontâneo e criativo com capacidade de uso de

símbolos – aí está a área intermediária entre o sonho e a realidade, a chamada vida cultural. Em contrapartida, quando há uma pobreza cultural, há uma inquietação, nas palavras de Winnicott:

... onde há um alto grau de splitting entre self verdadeiro e o falso self que oculta o self verdadeiro verifica-se pouca capacidade para o uso de símbolos, e uma pobreza de vida cultural. Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões (Winnicott, 1965j [1963]: 137).

3.3. Formas de comunicação

Para Winnicott (1965j [1963]), há dois opostos na comunicação: 1^o) não-comunicação simples e 2^o) não-comunicação que é ativa ou reativa. A não-comunicação simples é como repousar, é um estado de identidade própria. A segunda forma pode ser pensada a partir da psicopatologia, tendo havido uma falha e a relação objetal sofreu um *split* (cisão). Em uma metade, o bebê se relaciona com o objeto que se apresenta e desenvolve o falso *self* ou submisso; com a outra metade, o bebê se relaciona com o objeto subjetivo, não sendo este influenciado pelo mundo percebido objetivamente. Esse tipo de comunicação tem a sensação de ser real e a comunicação com o mundo ocorre com o falso *self*, não envolvendo o núcleo verdadeiro. Em termos de patologia, a esquizofrenia poderia exemplificar o tipo de comunicação concentrada em investimentos excessivos nos objetos subjetivos, havendo perda do contato com a realidade e, por outro lado, a complacência submissa em relação à realidade externa que apresenta a perda com a realidade psíquica, esta encontrada nas personalidades “*falso self*”. O uso sadio da não-comunicação pode ter o lugar da experiência cultural, na arte, na religião ou no trabalho criativo. É uma comunicação secreta sem perder o contato com o mundo da realidade compartilhada. É o espaço potencial no qual passamos muito tempo de nossas vidas.

Winnicott (1965j [1963]:171) indica que há três linhas de comunicação: a comunicação que é para sempre silenciosa, a comunicação que é explícita, direta e agradável, e a terceira ou intermediária forma de comunicação, que se desvia do brinquedo no sentido da experiência cultural de vários tipos.

Os adolescentes vivem uma busca para se sentirem reais e esse processo de crescimento necessita de um distanciamento dos adultos, o qual é feito com o refúgio deles em seu mundo interno de modo a viver a *zona de calmaria* (Winnicott, 1961a: 122) e construir sua identidade própria. Os segredos ou a comunicação com os objetos subjetivos, vividos pelos jovens, começam a marcar a sensação de real.

A primeira comunicação proposta por Winnicott se vincula ao núcleo sagrado e se configura um estado de repouso ao qual podemos voltar a qualquer momento; é um estado inerente ao ser humano, sendo a comunicação silenciosa feita a partir de objetos subjetivos. Podemos dizer que, na adolescência, evidenciam-se os segredos. A segunda comunicação seria a comunicação explícita e direta realizada pelo objeto percebido e está relacionada, na adolescência, à expressão das ideias e pensamentos traduzidos através de poesias, músicas. Já a terceira, a comunicação artista/cultural, voltada para a brincadeira, traz alívio para as angústias relativas aos objetos transicionais.

Winnicott (1965j [1963]) explana que a não comunicação com o mundo produz no adolescente um isolamento ligado à imobilidade e um afastamento para não ser descoberto antes de seu tempo. O autor enfatiza esse estado de isolamento e sua importância para os estudos ligados à adolescência. O isolamento do adolescente faz sentido uma vez que ele procura a sua identidade. É um desejo de que os adultos não o descubram antes de ele o fazer, a fim de não parecer irreal e não próprio. Segundo o autor, esse isolamento pode ser uma explicação para o fato de muitos adolescentes evitarem tratamento psicanalítico, embora estejam interessados em teorias psicanalíticas.

Apesar de todo o isolamento e o conseqüente processo natural de afastamento da família em busca de si mesmo, o adolescente necessita do acolhimento familiar para as suas descobertas. Com relação a essa situação, Winnicott diz: *é um sofisticado jogo de esconder em que é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado* (1965j [1963]: 169).

Pensamos que a escrita dos adolescentes pode passar pelos três processos de comunicação. Escrever em diários e *blogs* permite ao adolescente comunicar-se, de maneira solitária, a partir de uma comunicação com objetos subjetivos, não importando se há interação com outras pessoas ou não. Em alguns momentos, o verdadeiro *self* pode estar presente, permitindo uma fala de si mesmo. Em outros momentos, a escrita pode ser uma escrita transicional, lúdica, a qual permite uma interação com o outro (nos casos do *blogs*) ou até consigo mesmo. Além disso, a escrita pode ser uma comunicação explícita e direta, com ênfase na realidade ou submetida a compromissos sociais, de forma a prevalecer o falso *self*.

3.4. Casos clínicos de Winnicott

Winnicott, (1965j [1963]: 169), para ilustrar suas asserções acerca da comunicação e da não comunicação, apresentou um caso clínico de uma paciente que teve um sonho no qual personificava a mãe que não permitia sua filha ter segredos. Além disso, a criança afirma, em sessão, que ela possuía um caderno no qual escreveu na capa as palavras “caderno de segredos” e na primeira página escreveu a frase, “*um homem é aquilo que pensa em seu íntimo*”. A mãe teve acesso ao caderno e questiona sua filha sobre o pensamento escrito na primeira página, demonstrando com isso para a paciente que a mãe havia lido o caderno, sentindo-se invadida. O autor mostra com este caso clínico a tentativa da criança em começar a estabelecer o eu privado, que não se comunica, ao mesmo tempo querendo se comunicar e ser encontrada. Apesar de a paciente chamar o “caderno de segredos”, ela deixa o caderno com possibilidade de ser achado e lido. O autor diz: *estaria bem se a mãe o tivesse lido, mas não tivesse dito nada*. (Winnicott, 1965j [1963]: 169).

Outro caso apresentado por Winnicott é o de Jane, 17 anos, publicado em seu artigo *Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com uma adolescente* (1964). Jane foi encaminhada a Winnicott pelo seu médico clínico geral, pois ela aparentemente apresentava algum distúrbio e um significativo afastamento dos relacionamentos familiares. Sua mãe temia que a filha se tornasse esquizofrênica. Em uma das consultas terapêuticas com Winnicott, a paciente falou que escrevia, num

diário, o que sentia em poemas, vivendo, dessa maneira, em um mundo subjetivo. A jovem disse que, na poesia, algo se cristaliza. Disse ainda: *Não mostro os meus poemas para ninguém porque, embora goste de cada um deles durante algum tempo, logo perco o interesse neles. Não estou interessada na pergunta: os poemas são realmente bons ou não, isto é, outras pessoas achariam que são bons?* (Winnicott, 1964: 253).

Podemos afirmar, a partir desse caso, que os diários são utilizados como a forma de registro da passagem do tempo. Ela não publicava seus poemas porque, mesmo os apreciando por algum tempo, no outro não mais via importância neles. Para Winnicott, Jane estabelecia uma ponte com a imaginação da meninice, o que era cristalizado em poemas. Os poemas faziam parte do núcleo sagrado, o qual nunca se comunica com o mundo dos objetos objetivos nem quer ser influenciado pela realidade externa. Nesse sentido, Winnicott observa: *Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado.* (Winnicott, 1965j [1963]: 170)

Um artigo em que o autor também apresenta um caso sobre comunicação na adolescência é *A imaturidade do adolescente* (1968b). Trata-se de uma garota de 14 anos que revelava tendências suicidas. Seu processo de desenvolvimento foi marcado por poemas. Winnicott cita um deles: *Se você se machucou uma vez retire a mão/ Jure não pronunciar aquelas palavras;/ E aí tome cuidado – ou, amando sem perceber./Verá sua mão se esticar outra vez.* (Winnicott, 1968b: 157). Winnicott, analisando o poema, identifica uma situação de passagem, de mudança; a paciente, ao passar de uma fase de suicida para outra, tinha esperança. O autor reviu esta cliente adulta e observou que ela foi capaz de integrar a sua tristeza e descobrir o seu caminho.

3.5. Formas diferenciadas de expressão

A capacidade de brincar do indivíduo, independentemente de sua idade, diz respeito à relação que ele estabelece com o mundo e com as pessoas que convive. Winnicott (cfe Fulgencio, 2008) expõe que o brincar corresponde à possibilidade do ser humano de habitar uma área intermediária na qual há uma união e separação do mundo

subjetivo e do mundo dado, o que não ocorre o tempo todo. Cabe salientar, no entanto, que ocupar esse lugar ou área intermediária depende de quanto uma comunicação pode ser efetuada.

O brincar e o criar são exercícios próprios dos indivíduos saudáveis; é um movimento em direção ao mundo num gesto espontâneo. O brincar é um processo de comunicação, principalmente entre os adolescentes. É o lugar onde podem coexistir objetos da realidade e os objetos fantasiados.

Já os diários dos adolescentes aparecem como uma forma de cristalizar os seus pensamentos, quando eles são publicados ou expostos de alguma maneira – como os poemas registrados, por exemplo. Entrevemos uma forma encontrada pelo adolescente para comunicar seu mundo subjetivo e muito pessoal, uma forma de expor-se para o contexto da realidade. Os adolescentes escrevem e nos comunicam, resta saber se nós, adultos, ouvimos-los.

Winnicott considera qualquer intromissão nesse universo secreto uma violação do núcleo do *self* e que os indivíduos protegem seu núcleo isolado através de defesas e ocultamentos do verdadeiro *self*. Qualquer interferência nesse núcleo é sentida pelo indivíduo como uma ameaça de ser encontrado. Winnicott afirma que muitas pessoas possuem raiva em relação à psicanálise quando esta penetra em um trecho da personalidade, fazendo uma ameaça ao ser secretamente isolado. Podemos falar aqui das mães e pais invasivos e psicanalistas que muito perguntam, assim como os pesquisadores, que raramente chegam a conhecer a verdade. Nessa situação, os adolescentes sentem-se mais invadidos que os adultos.

Os adolescentes não estão prontos para se tornarem membros da comunidade de adultos. Eles criam as suas defesas contra o fato de serem descobertos, isto é, serem encontrados antes de estarem dispostos a isso. Contudo, muitos usam sua criatividade e dão livre expressão para os seus pensamentos, pelo menos aqueles que querem nos comunicar algo.

Falar de adolescentes nos coloca em um universo diferenciado; basta entrar em uma escola com garotos e garotas de 13, 14 ou 16 anos ou mesmo na universidade e ouvir, por exemplo, as risadas. Para falar de adolescentes saudáveis, temos que nos reportar ao mundo das brincadeiras e do gesto espontâneo. É a melhor fase para a expressão criativa em seu cotidiano, de seus pensamentos, de

relacionamentos familiares e afetivos e de angústias, através de poemas, poesias, música, diários ou *blogs*. Trabalhar com este universo é nos remeter a poemas e diários, afinal estamos falando de comunicação.

Encontramos, na literatura psicanalítica, autores como Winnicott, que também estão atentos para a produção literária dos adolescentes, entendendo essas expressões como tentativa de comunicação com o mundo adulto. Entre tais psicanalistas, destacamos trechos literários de adolescentes que foram publicados por Osório (1992). Este autor nos apresenta o poema intitulado *Amanhã*, de uma adolescente de 15 anos sobre a sua mãe:

Amanhã

*Amanhã eu tentarei entendê-la
Tentarei entender a emoção
Atrás daqueles grandes olhos azuis
Tentarei entender seu zelo pela vida
Sua infatigável energia e amor pelos outros*

Amanhã

*Eu me sentarei e procurarei compreender
Esta mãe minha
Procurarei compreender a mãe
Que me ensinou a viver
Por todos esses meus 15 anos*

Amanhã

*Trocaremos segredos
Vamos dar um longo passeio
Vamos nos sentar juntas e rir
E eu vou dizer-lhe que me desculpe
Por todas as vezes que a magoei
E as longas noites que ela passou chorando por mim
Hoje
Eu estou muito ocupada
Tenho muito o que fazer
Ela me irrita*

Hoje

*Ela me faz perguntas estúpidas
Que não tenho vontade de responder
Hoje
Estou muito cansada*

*Mas amanhã
 Eu lhe direi quanto eu a amo
 Vou abraçá-la e pedir que me perdoe
 Vou dizer-lhe que estou contente por ter
 Uma mãe como ela
 Amanhã
 (Osório, 1992: 98)*

Esse poema marca a relação mãe e filha e, a partir da perspectiva de Winnicott, podemos ver que, mesmo no caso de esta mãe ter sido suficientemente boa, precisa acontecer a ruptura para a construção de uma nova relação, e tal ruptura geralmente ocorre no período da adolescência. A autora do poema também expressa seu medo de a mãe chegar perto demais, de ser invadida e de ser vista por ela, mas expressa que, com a passagem de tempo, esse medo passará e, a partir daí, poderá falar, expressar seus sentimentos.

Outro poema, *Anos do Futuro*, analisado por Osório (1992), é de um adolescente de 17 anos escrito por volta de 1850. A seguir, um trecho:

Anos do Futuro

*Os anos do futuro chegarão
 E nos encontrarão perplexos e confusos
 Ante seus umbrais
 Que mundo é este que herdamos de nossos pais?
 Que fizeram com ele? Que faremos nós agora?
 Não, este certamente não é o mundo que desejaríamos!
 Ó vocês da geração que nos precedeu
 Olhem o sol deixando seu rastro dourado
 E não o escondam com as fumaças das fábricas
 (Sabemos que as fábricas são necessárias),
 Mas não estarão elas servindo antes à ganância dos
 poderosos
 Do que às necessidades de todos nós?
 (...)*

(Osório, 1992: 99)

O rapaz está preocupado com o seu futuro, com o medo das fumaças das fábricas e do desdobramento da modernidade, o que, de certa forma, também expressa o medo de sua confusão interna e do que ele mesmo será no futuro.

Outro interessante trabalho apresentado por Osório é o trecho do diário de uma adolescente de 15 anos dos anos 80 do século XIX, retirado do livro *Quinze anos*, de Gabriela Bastos Loureiro. Eis o trecho:

Eu acho que a organização que o homem faz na Terra tem muitos defeitos .(...)

.....

Quando eu começo a falar da pobreza, de massacre, de exploração, vai começando a me dar uma raiva, uma vontade de lutar por mim, pelo Brasil, pelo futuro! Eu acho que eu to numa fase de revolta tão grande, uma paixão pela política, que qualquer assuntinho que me revolte, já me deixa louca de ódio e eu acabo lembrando da guerra, de violência, de poder e vai me dando uma vontade de mudar o mundo, de corrigir os erros (...) E ainda por cima eu tenho um certo medo , medo dessa fase passar e eu me tornar uma pessoa alienada e conformada como milhões de outros brasileiros. Porque pra mim não basta ser consciente, tem que ser atuante.

(...)

Um medo que não me deixem lutar pelas coisas que devem ser feitas, que me fechem a boca e façam da minha vida apenas mais uma. Medo de não ser forte suficiente, de não ir avante, de não me entregar inteira, porque se eu não encarar essa, quem é que vai? (Osório, 1992: 100)

A menina de 15 anos mostra a decepção com o mundo adulto, um mundo idealizado que foi destruído; mostra a revolta e a garra do jovem que busca mudanças, mas também sente medo de crescer e de se transformar em mais um adulto.

No universo da nossa cultura, identificamos alguns compositores que trabalham com a questão da infância a adolescência, como Paulo Tati, Toquinho, Vinícius e Chico Buarque. Chamou-nos a atenção, dentre tantas músicas, a intitulada *O Caderno*¹⁹ de Chico Buarque, na qual o autor nos fala da passagem do tempo e o crescimento da menina e o destino do caderno (ou diário), quando ela, menina, vira adulta. Numa perspectiva winnicottiana, podemos dizer que o caderno marca o momento da transição entre o mundo subjetivo para o mundo objetivo, real, que é o

¹⁹ Ver epígrafe do Capítulo IV – ali apresentamos um trecho do poema de Chico Buarque.

mundo dos adultos. Esse material vai para um lugar intermediário, nem dentro, nem fora; é um objeto transicional.

Neste capítulo, discutimos a questão da comunicação e não comunicação, apresentando alguns trechos de diários, poemas ou músicas que retratam o universo adolescente, bem como as suas formas de comunicação com o mundo externo. É interessante notar que temos exemplificado nossa discussão com falas de adolescentes de épocas diferenciadas – anos 1850, anos 1880, anos 1990 – e em contextos diversificados, como a relação com a mãe, a preocupação com a modernização, ou a preocupação com o seu lugar no mundo, assim como o universo da política.

Ao final deste capítulo, pergunta ressoam: com tantas mudanças ocorridas no mundo, os adolescentes mudaram? Os adolescentes acompanham todas as transformações sociais e culturais, mas teria a sua busca pessoal um caráter universal?

CAPÍTULO IV

O PÚBLICO E O PRIVADO NAS ESCRITAS EM DIÁRIOS E *BLOGS*

*O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer
A vida segue em frente
O que se há de fazer
Só peço a você um favor
Se puder
Não me esqueça num canto qualquer.
(Toquinho/Chico Buarque - O caderno)*

Neste capítulo, faremos um atalho para podermos compreender as experiências vivenciadas por adolescentes nos dias de hoje, principalmente no que se refere ao uso do computador em seu cotidiano. Essa aproximação se torna importante, pois, com a implementação do uso de sistemas de computador no processo de comunicação, temos uma nova linguagem, que alterou a forma de estar na vida, desde as crianças, que já nasceram neste ambiente tecnológico, aos adultos, os quais tiveram que incorporar a tecnologia em seu cotidiano.

Permitimo-nos tomar esse atalho – deixando as questões propriamente psicanalíticas temporariamente – para assinalar as possibilidades que o ambiente oferece às mudanças individuais no contexto da sociedade, e também para pensar sobre conceitos dos diários e *blogs*, bem como a memória, os segredos, a comunicação e o isolamento.

Dias–Romão²⁰ (2007) afirma que, como ocorreram mudanças significativas no âmbito social, político, econômico e subjetivo na época da Revolução Industrial. Com o advento das máquinas, também vivemos essas transformações na era da revolução tecnológica. A partir de 1995, houve a entrada da Internet no cenário que viria a mudar o cotidiano das pessoas. As mudanças aconteceram de forma a interferir na maneira de pensar, de agir, de sentir e de se relacionar com as pessoas.

²⁰ Tese de Doutorado da PUC-Rio que traz aspectos positivos do uso da Internet e as transformações subjetivas na atualidade, utilizando-se da teoria winnicottiana.

Para Winnicott (1975 [1971a]), estudar a sociedade é estudar o crescimento individual no sentido da realização pessoal. O curso saudável do amadurecimento é poder ter relacionamentos que permitam ao indivíduo participar, manter e recriar o ambiente social. A saúde do indivíduo amadurecido está vinculada com o fato de ele conseguir identificar-se com a sociedade sem sacrificar demais a sua espontaneidade pessoal, ou seja, com que ele possa aceitar o legado da sociedade, satisfazendo suas necessidades pessoais, mas podendo modificá-la de forma criativa.

A sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida, e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade independentemente de processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõe (Winnicott, 1975 [1971a]: 191).

Winnicott nos coloca que a vida individual e o ambiente são interdependentes, assim como o momento histórico, a condição socioeconômica, a vida social e o ambiente familiar estarão diretamente ligados à formação da personalidade do indivíduo. Quando o indivíduo é saudável, poderá interagir com o seu ambiente e viver de forma criativa.

De acordo com Aiello-Vaisberg (2001), a prática da clínica psicanalítica não pode negar que estamos diante de uma integridade, o indivíduo humano. Para a autora, que se baseia nas ideias de Bleger,

a pessoa humana vive em um mundo, em um país, na cidade ou no campo, numa determinada época histórica, tem um sexo biológico, pertence a uma classe social, insere-se ou não em uma ou outra tradição religiosa, política, cultural, enfim, vive sob condições concretas que incluem, inevitavelmente, os outros, pois toda a existência humana é coexistência. (Aiello-Vaisberg, 2001: 97)

Assim, o atalho pelas teorias não psicanalíticas a que nos referimos, no início desta sessão, enriquece o quadro teórico proposto por Winnicott, com a possibilidade de uma melhor compreensão do fenômeno que propomos estudar, agora de forma mais abrangente, pois localiza os adolescentes deste estudo em seu contexto histórico e cultural, de afetos subjetivos e de sua realidade psíquica.

4.1. O diário

Em nossas sociedades, há uma valorização de todo tipo de escrita ou de registro do indivíduo, a qual engloba tanto os registros de nascimento como os arquivos médicos, haja vista terem a finalidade de firmar a existência. A prática da escrita de diário pessoal é valorizada desde o fim do século XVIII até os dias atuais. Artières (1998) afirma que escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam da preocupação com o eu. *Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.* (1998) Desde cedo, segundo o autor, somos estimulados a escrever sobre nós mesmos. Na adolescência, essa prática é ainda mais estimulada, sobretudo nas meninas, que geralmente ganham (ou ganhavam) ²¹ diários com cadeados, sendo encorajadas a escrever diariamente sobre o seu dia, a analisar o seu comportamento cotidiano e a registrar os seus erros. Essa prática no século XVIII, muitas vezes, aparecia como uma função organizadora dos atos adolescentes, de forma a disciplinar as jovens. Eis os conselhos dados em livros, da época, para a educação de jovens:

Em 1847, a condessa de Basanville assim escreveu em seu livro Du perfectionnement de l'éducation des jeunes filles: “Estudai vosso caráter, como se fizésseis vosso exame de consciência para vos apresentardes ao tribunal da penitência; examinai vossas inclinações, vossos gostos e vossos pensamentos [...] Para fazê-lo mais facilmente, existe um hábito muito bom de ser adquirido: é o de todas as noites, antes de vos deitardes, escreverdes o diário dos vossos pensamentos e das vossas ações durante o dia que passou; vereis então se caís com frequência nos mesmos erros, corrigir-vos-eis deles, para não terdes vergonha de vós. Dedicai, portanto uma atenção severa a vos observar, e em pouco tempo vossos defeitos desaparecerão”. (Artières, 1998)

²¹ No suplemento *Feminino* do Jornal Estado de São Paulo de domingo, 18 de janeiro de 2009: 10, aparece a seguinte oferta/propaganda: “Na volta às aulas, que tal um diário com cadeado para as meninas? Estes, da ..., saem por R\$ 38,00 cada”.

Segundo Lobo²² (2007), os diários faziam a função pedagógica ou de doutrinação social; pois eram os pais que compravam o primeiro caderno e estimulavam as filhas a escrever. Já aos filhos eles diziam que fossem se exercitar ou conhecer o mundo²³. Para a autora, os diários repetiam a divisão de classe e de gênero que as famílias reduplicavam. De uma boa moça de família se esperavam recato e discrição, obediência e disciplina. Segundo a autora:

Pais e padres reforçavam o uso do diário como valor pedagógico para a boa educação das moças, sem tropeços maiores, até o casamento na classe mais elevada possível, assegurando a manutenção da propriedade na família, através de sua função biológica básica, que era a de procriar. Essa pedagogia de inserção social bien rangée (bem comportada) numa boa classe social ou numa categoria seleta, hoje se inverteu: as moças optam pela exibição do grotesco, do mau gosto, do comportamento antimatrimonial ou homossexual, pela escolha de um vocabulário em inglês, repleto de gírias, palavrões, que rompe a distinção ente o mundo privado e o público (Lobo, 2007: 79).²⁴

A autora esclarece que o diário, para a sociedade, era uma forma de repressão e de educação e, para as mulheres, era uma forma de escape da repressão vivida. O diário tinha a função de, no silêncio da escrita, na sua privacidade e na sua solidão, permitir às moças extravasarem a sua individualidade. Poderemos, então, falar de uma variedade de funções (repressora, educadora ou de conter angústias) que os diários, ou mesmo os *blogs*, tiveram (ou têm) nas vidas dos indivíduos no decorrer do tempo.

²² Luiza Lobo é docente da UFRJ. Em seu livro *Segredos Públicos*, faz uma análise comparativa entre os *blogs* femininos e os antigos diários e cartas e afirma que o mundo contemporâneo contribuiu para a divulgação das escritas das mulheres.

²³ Fonte: Lejeune, : *Le pacte autobiographique*. Paris, 1975. : 125

²⁴ Num dos *blogs* analisados – o de Natália – encontramos um texto que exemplifica o que a autora quer nos dizer "Era uma vez... Numa terra muito distante... Uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima. Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico... Então, a rã pulou para o seu colo e disse:- Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir um lar feliz no teu lindo castelo. A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre....Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:- Eu, hein?... Nem morta!"Luiz Fernando Veríssimo Que bom que os Contos de Fadas não são mais os mesmos...(Natália, 21/02/2008).

De uma forma ou de outra, os diários sempre foram formas de registro, uma maneira bastante antiga de marcar os acontecimentos cotidianos, assim, a escolha de trabalhar com diários veio da ideia de que este sempre foi um objeto clássico da adolescência e entendido como o lugar privilegiado de seus segredos. Lendo os trabalhos de Winnicott em que ele aborda a adolescência (*Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com um adolescente, A imaturidade do adolescente e Comunicação e falta de comunicação levando aos estudos de certos opostos*), verificamos muitas referências aos diários de seus pacientes, assim como aos poemas e contos. Isso aponta a importância da escrita para a compreensão da adolescência.

Tradicionalmente, o diário é uma escrita íntima e quem escreve é essencialmente uma pessoa solitária; a escrita é feita de si para si mesmo. No diário, o autor coloca o que não tem coragem de falar ou fazer durante o dia ou que tenha pensado em segredo. Alguns autores escrevem para si mesmo, com o objetivo apenas de desabafar, por escrito, sem que ninguém saiba aquilo que escreveu. Alguns queimam os seus escritos, com medo de não se reconhecerem ou que alguém encontrem os seus escritos e os reconheçam. Schittine²⁵ (2004: 11) afirma que, entretanto, alguns autores procuram guardar seus escritos, cuidadosamente, para sempre poderem voltar às suas lembranças, ou para, um dia, terem seus escritos encontrados por um Outro, um Outro que pode vir a propagá-los. A autora aborda a quantidade de autores os quais, por decisão própria, resolvem publicar os seus escritos. Ela exemplifica suas colocações com o diário de Anne Frank, que decidiu publicar um livro baseado em seu diário logo quando a Segunda Guerra Mundial terminasse. Podemos pensar aqui também no diário de Helena Morney (1998), analisado no presente estudo. Ela publicou seu diário, escrito na adolescência, aos 62 anos de idade.

Schittine (2004) opina que os indivíduos os quais escrevem diários omitem fatos importantes de sua vida, registram sem contaminação das opiniões de outras pessoas, e fazem uma leve mistura de ficção e realidade. A autora afirma ainda que a escrita de um diário é movida pela vaidade do autor, em vista de este sempre ter precisado de um interlocutor, mas a espera que seus escritos despertassem a curiosidade era reprimida. *Sendo assim, o diário na Internet vem assumir o pecado da vaidade no*

²⁵ Denise Schittine é jornalista e escreveu sua dissertação do Mestrado em Comunicação na UFRJ. Sua pesquisa constou de leituras de *blogs* brasileiros, além de entrevistas. É autora do livro *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*

escrito íntimo. Ele é a prova de que o diarista pretende falar sobre si e espera que um grupo de pessoas se interesse e goste do assunto (Schittine, 2004: 12).

A escrita de diários pode ser compreendida como um veículo que possibilita ao adolescente expressar o que não está podendo comunicar de outra forma, sendo um recurso de linguagem num código social, discursivo. O enlace com a escrita é uma forma de comunicação encontrada pelo adolescente, no momento de passagem e de construção de si mesmo, em que ele estaria buscando dar conta de questões sobre sua própria existência.

Nessa perspectiva, vemos que o exercício da escrita ocupa uma função importante no processo psíquico que define a adolescência. Lima (2006) sublinha que a necessidade de escrever tem sempre acompanhado a adolescência, todavia, para a maioria dos jovens de hoje, tem havido um abandono dessa prática. Schittine (2004: 14) afirma que o maior número de escritores de diários íntimos na Internet é de adultos, cujos textos são geralmente curtos, rápidos e têm forma analítica e crítica. Conforme a autora, o número de pessoas com faixa etária mais jovem é menor porque os adolescentes estão sendo desencorajados a escrever com regularidade.²⁶

No entanto, a prática de escrever ainda integra o mundo subjetivo e o mundo objetivo da adolescência, constituindo um território transicional caracterizado por jogos, brincadeiras e escritas. Há o uso de gírias, num processo de identificação e a utilização de poemas e músicas em seus diários e atualmente em seus *blogs*. A não regularidade de suas escritas pode ser real, mas há uma intensa carga emocional no processo da escrita, pois constitui uma maneira de procurarem a si mesmos.

O diário do adolescente, então, situa-se em um campo simbólico de compartilhamento de enigma, um lugar de passagem de uma língua a outra, onde o adolescente pode circular entre a casa dos pais e o grupo de iguais. A escrita retrata uma mudança de endereço, consequência de um conflito em reconhecer-se num lugar próprio. Sendo assim, por meio do escrever, o adolescente busca dar conta de algo que não tem registro, tendo uma ação que possua o valor de um registro. Na adolescência, dessa forma, a escrita pode funcionar como um pedido para comunicar o que se apresenta como incomunicável. O adolescente está à procura de um espaço para existir; ele pode descobrir, na escrita, "um ponto de ancoragem", numa feliz expressão de Lima

²⁶ A pesquisa da autora foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2001. A autora afirma que a maioria dos *blogs* brasileiros começou a ser feita no final do ano 2000 e início do ano 2001.

(2003 apud Cairoli & Poli, 2005). No entanto, para que isso ocorra, ele terá que produzir um estilo.

Uma prática muito utilizada entre as adolescentes era/é o uso de suas agendas escolares. A agenda está num cenário intermediário entre o diário tradicional, íntimo e guardado, e os atuais *blogs*. As agendas, desviadas de sua função original de registro de atividades diárias, aparecem, segundo Lima (2006), como uma versão contemporânea dos diários, pois apresentam, além de escritas, fotos, colagens, desenhos, dobraduras e mesclas de escritas e imagens. Denuncia-se a marca infantilizada na busca de sua maturidade, numa tentativa de engrossar as páginas vazias de um diário que não se sabe como será preenchida nos dias que se seguem. O privilégio é de ter a figuração e o teatro e a certeza de uma identidade própria representada por sua agenda ímpar.

A escrita adolescente denuncia essa insistência do figurativo que invade as páginas, no esforço de preencher os espaços vazios, de refazer as margens pelos arabescos, de engrossar as folhas de papel pelo intermédio de colagens. A análise das agendas indica-nos, assim, o apelo insistente à imagem como uma forma de recurso a um simbólico em sofrimento (Lima, 2006).

4.2. O *blog*

O termo *blog* tem sua origem numa contração de *web*, que significa página na Internet, e *log*, diário de bordo. O termo original seria *weblog*, mas com o tempo passou a ser chamado de *blog*, o qual²⁷ pode ser visto como *uma adaptação virtual de um refúgio que o indivíduo já havia criado anteriormente para aumentar o seu espaço privado: o diário íntimo* (Schittine, 2004: 60).

Para Cairoli & Poli (2005), o avanço tecnológico e a difusão da Internet possibilitaram que muitos adolescentes comessem a escrever seus diários *on-line*, nos chamados *blogs*, passando dos diários e agendas tradicionais a páginas *on-line*, as quais podem ser acessadas livremente. Muitos adolescentes expõem uma parte de suas vidas nesse espaço cibernético, escrevendo seu perfil, poemas, pensamentos, protestos, colocando fotos, e esperam os comentários de quem os lê.

²⁷ É importante ressaltar que, segundo Schittine (2004), existem vários tipos de *blogs*; podemos citar os *blogs* jornalísticos, de crônicas, e os *blogs* com caráter confessional. Estes são os que mais se aproximam do diário íntimo tradicional e é destes que o presente trabalho irá tratar.

Há uma abundância de cores, imagens e fotos, o que permite ao autor do *blog* uma personalização de sua página, como uma espécie de *bricolage*²⁸. Inclusive foi criada uma linguagem característica compartilhada pelos adolescentes para a escrita nos *blogs* (ou mesmo em e-mails, no Orkut ou no MSN-Messenger), como letras maiúsculas ou minúsculas terem significados diferentes, acentuações como expressões de emoções, com repetição de pontos de exclamação ou de interrogação – !!! ou ??? – que reforçam a emoção, e os *emoticons*, as “carinhas” (☺. ☹), a fim de que a pessoa do outro lado da tela entenda os sentimentos de quem escreve.

Além disso, as conversas feitas pelo computador possuem grafias diferenciadas, como se fossem códigos: “vc”, “tb”, “eh”, “naum”, “toh”, “soh” e “bjs”, e a repetição de letras que imitam a maneira exaltada de falar (beijooooo, muitoooo); também são usadas formas de grafia de risadinhas (hahaha hehehe). É a forma de comunicação pela Internet ou pelo MSN-Messenger, já que as mensagens devem ser rápidas. As palavras acentuadas aparecem, na Internet, em alguns casos, como “eh”, equivalente a “é”, e “toh”, que é “tô”, por exemplo. Isso sem falar do “naum”, que é, em realidade, “não”. Há economia de palavras, como *tudibom procê*, simplificando o “Tudo de bom para você”. Os *blogs* podem também conter palavrões e gírias diversas, como veremos no capítulo seguinte.

Cairolí & Poli (2005) destacam que essa forma contemporânea de subjetividade durante o processo adolescente constitui-se num modo de comunicação o qual entrelaça o privado e o público. Assim, os *blogs* têm ideia oposta aos antigos diários; ao invés de esconder, servem para tornar pública a vida dos internautas. Ademais, a escrita em *blogs* permite que os internautas comentem sobre o que foi escrito, tornando uma comunicação viável, embora as pessoas que leem os *blogs* dos adolescentes frequentemente não são os amigos da escola ou familiares. Normalmente, os comentadores não convivem fisicamente com o blogueiro²⁹, convivem apenas na esfera virtual. O blogueiro está, de certa forma, exposto ao público, mas não precisa conviver com as pessoas. Muitos privilegiam o anonimato na rede.

Para Lobo (2007), o espaço virtual oferece uma série de vantagens, pois a realidade é repleta de obrigações e frustrações e, no espaço virtual, há menos conflitos

²⁸ *Bricolage*: termo francês. Em antropologia, bricolagem é a união de vários elementos para formação de um único e individualizado. Um exemplo são as culturas do novo mundo: a bricolagem de várias culturas (norte-americana, europeia, asiática...) para a formação de uma própria e identitária (in: <http://wikipédia.org/wiki/bricolagem>). Aqui a ideia é a de utilização de várias linguagem e artifícios para a formação de uma página única e pessoal, estabelecendo uma identidade.

²⁹ Blogueiro – como são chamados os diaristas virtuais.

de classes e interesses, menos busca pelo poder; prevalece a confraternização e reciprocidade, e quase todos os participantes buscam se comunicar. Segundo a autora, que escreve sobre a escrita feminina, os *blogs* possibilitaram a troca de informações entre as mulheres, enquanto que, nos diários de papel, ao escrever, a mulher se comunicava apenas consigo, num monólogo narcísico. *Cada escritora vivia em seu próprio mundo, isolada dos outros; dessa forma, era a única narradora e a única receptora no momento da escrita, e seu discurso revertia para si própria* (Lobo, 2007: 17).

Os *blogs* se constituem de molduras e conteúdos, em geral datados, que variam do registro de acontecimentos pessoais a notícias, revistas informativas ou de caráter literário ou cultural; a quantidade de informação é grande. Afirma Lobo que os *blogs* inovam com relação ao diário tradicional na forma de recepção de mensagens, através de caixa de comentários, bem como nos intermináveis links para outras páginas (Lobo, 2007: 23)

O link (de hiperlink) é uma ligação com outra página ou documento na Web. Nos *blogs*, é usual haver uma lista de links das páginas preferidas do blogueiro ou mesmo de *blogs* mais lidos ou que a pessoa gosta de visitar. Isso permite, ao leitor que estiver acompanhando o texto, acesso ao caminho que o autor teve. A leitura de *blogs*, ou sites comuns facilita a comunicação e autor e leitores podem se identificar com maior facilidade. Cria-se, desse modo, um grupo que se visita sempre e que faz e recebe comentários em seus *blogs* constantemente.

Consoante Schittine (2004), a Internet abre, para o diarista, a possibilidade de ser lido sem que, no entanto, ele precise desenvolver relações face a face, pois seu público leitor é formado por desconhecidos que se interessam pelos seus assuntos pessoais. Essa possibilidade encoraja as pessoas a escreverem. A vida privada do autor de um diário não é só observada como comentada por estranhos, com o consentimento do próprio autor. Schittine explica: *é um público novo, interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, em descobrir o quanto ela se aproxima de sua própria intimidade* (Schittine, 2004: 14).

Segundo a pesquisadora citada, o interesse na vida privada do outro é proveniente do *voyeurismo* como consequência de uma identificação e de uma solidão do indivíduo, o qual busca um refúgio no terreno virtual. Schittine se pergunta se não seria também um exibicionismo do blogueiro escrever sobre si e conclui que, fruto de um individualismo quase narcísico, há o pensamento do diarista no outro como plateia

de sua vida. O ato de interagir com o outro seria apenas um pretexto para falar de si mesmo. Para a autora, o diarista busca, no outro, um espelho.

Para Sennett (*apud* Schittine, 2004), o indivíduo começou a se fechar cada vez mais em si mesmo, sentindo-se cada vez mais roubado de seu próprio espaço em cenas cotidianas, em razão de ter, por exemplo, as mesas conjugadas no trabalho ou paredes de vidros. O indivíduo, então, busca um espaço próprio, íntimo, no qual desenvolve relações virtuais e dedica mais tempo a falar de si mesmo, investindo em sua vida privada. Sennett comenta ainda que o narcisismo, o culto ao corpo e as relações superficiais reforçam o individualismo.

Podemos acrescentar as mudanças no entretenimento das pessoas. Tempos atrás, havia práticas das conversas à noite em família, o rádio era ouvido em grupo, ou a televisão assistida por todos na sala. Atualmente, é comum que cada membro da família use seu MP3 *player* e que cada pessoa tenha televisão e *notebook* em seu próprio quarto, demarcando ainda mais o individualismo. Essa prática é intensificada quando a família tem adolescentes, já que estes buscam o isolamento característico da idade, e os adultos podem favorecer um ambiente que facilite o isolamento.

Por outro lado, Lobo (2007) expõe que, apesar de os adultos verem seus filhos nos quartos como sozinhos e isolados, os adolescentes passam os dias enviando e recebendo mensagens, obtendo acesso aos jogos, fotos, músicas e informações. Afirma a autora:

Blogar é uma atividade prazerosa, mas que pode parecer um tanto solitária quando é praticada nas horas tardias da noite, diante da telinha do computador, não mais da televisão. Contudo, este isolamento só se verifica em relação à família, pois, do ponto de vista da comunicação virtual, as jovens estão antenadas com muitas outras vozes, de amigos e fãs, no Brasil e, por vezes, no exterior (Lobo, 2007: 35).

A autora, ao analisar os *blogs* de mulheres, aponta que elas têm a possibilidade mais livre de escrever nos dias atuais em comparação à escrita das mulheres do século passado, muito mais reprimida. É interessante, na análise dos diários

e dos *blogs* das mulheres, percebemos que são, em sua maioria, mulheres jovens as que “blogam”. Lobo enfatiza a possibilidade atual de a mulher poder forjar sua identidade e criar uma identidade para escrever em seu *blog*, podendo externar o que antes nunca poderia ser dito. Ao criar uma nova identidade, a mulher revela aquilo que gostaria de ser e pode criar uma identidade às avessas da moça de boa família. Nessa nova maneira de se apresentar, de acordo com a pesquisadora, há o lúdico e o humor, que combinam com o relato imaginário, e isso traz prazer às mulheres.

A necessidade de reagir contra o antigo, o patriarcal, levou muitas mulheres, nos seus blogs, à autoconfissão e ao resgate da memória pessoal, o que também reflete a memória política de seu tempo, criando uma nova história das mentalidades. A tela que brilha não leva só a uma catarse pessoal, mas também a um processo de compreensão do mundo através de uma rede infinita de escrita (Lobo, 2007: 67).

A possibilidade de uma nova identidade para a mulher, de acordo com Lobo, permite que ela possa dizer ou ser aquilo que gostaria, e o *blog* ajudaria na criação, vamos dizer assim, dessa personagem. A partir dessas considerações, podemos pensar que o falso *self* prevalece em relação ao verdadeiro *self*, visto que é preciso criar um personagem, ser outra pessoa, possuir outra identidade, de forma a se proteger do âmbito social e com ele se comunicar. Muitas vezes, é com esse pensamento que os jovens criam personagens para poderem ser eles mesmos, mas só podem aparecer e ser na tela do computador – num certo anonimato. O fato de o jovem criar um personagem para ser ele mesmo nos leva a compreender a afirmação de Lobo (2007: 71): *só na sociedade virtual pode-se ser sincera*.

4.3. A memória

Conforme Schittine (2004: 115), o que impulsiona alguém a escrever um diário é a necessidade de guardar na memória um determinado sentimento, momento ou fase da vida. O diário serve para registrar sensações e situações pelas quais o autor acredita que passará ou para ter uma forma de perceber o quanto amadureceu ou retrocedeu na sua maneira de ser. Refletir sobre o seu amadurecimento ou sobre seu crescimento pode ser uma função importante quando o indivíduo está na fase da

adolescência e passa por mudanças rápidas e profundas. Há uma busca de si mesmo, e a leitura de seus escritos anteriores possibilita compreender como o indivíduo era ou pensava no passado e faz que o indivíduo compreenda o que é hoje.

Um ponto importante levantado por Schittine (2004: 23) é sobre a memória retratada em diários ou *blogs*. A autora comenta que a memória física nos diários escritos é mais forte, pois neles é possível registrar o que se deseja na folha de papel, por meio da caligrafia, e verificar as marcas do tempo pelo envelhecimento do caderno e das folhas amareladas. Além disso, os registros no diário de papel têm a vantagem de resguardar de maneira mais original a memória em virtude dos anexos, junto aos escritos, de outras lembranças, como o papel de bala, uma lista de compras, despesas antigas, colagens, ou a folha seca. Nos atuais *blogs*, apesar de o computador possuir uma imensa memória virtual, a escrita pode sofrer alterações; inclusive escritas antigas, pois o autor pode se arrepender daquilo que escreveu e apagar ou alterar seu texto. O uso do computador facilitou o arquivamento de si em uma memória artificial, facilitando a capacidade de arquivamento e lotando as pastas de arquivo de informações sobre si mesmo e sobre o mundo, mas não permite o acesso de forma concreta.

O tempo, que é observado diariamente e, no caso, do blog, é um tempo comprimido que acompanha o dia passo a passo, a cada momento. A capacidade de ordenação que o diário permite; o arquivo que gera a memória de si mesmo e dos atos pretéritos. A releitura que permite que o diarista compreenda mais sobre si mesmo e se lembre da pessoa que foi um dia (Schittine, 2004: 16).

Para essa autora, o homem contemporâneo tem a necessidade de lembrar-se de tudo e cria mecanismos para isso. O computador aparece como uma forma possível de armazenar tudo: os textos, as fotos, os momentos importantes, filmes a que assistiu sonhos, ideias ou mesmo o último encontro que teve, sendo possível dividir tais arquivos por assunto ou data.

Essa é a angústia do indivíduo. Uma memória em forma de mosaico, de quebra-cabeça, um labirinto onde ele sempre se perde. [...] É uma luta para ele fixar o tempo presente, não mais o passado. Então organizar, arquivar, catalogar as memórias são maneiras de [...] garantir que os pensamentos façam sentido, tenham uma certa ordem... (Schittine, 2004: 121-122).

Schittine (2004) retrata a escrita íntima como forma de guardar na memória fatos e sentimentos importantes sobre a vida pessoal ou mesmo sobre fatos históricos, sociais e culturais em que o indivíduo está inserido. A autora questiona, entretanto, a veracidade dos fatos registrados em diários. A pergunta que é: seria tudo verdade o que estaria escrito em um diário íntimo? Pode haver falhas de memória, mentiras, lembranças entrecortadas dos autores e mesmo a tentativa de preencher as lacunas ou explicar fatos ou experiências, o que interfere assim no relato verdadeiro dos fatos (Schittine, 2004: 117).

Para a psicanálise, a falta de veracidade em escritos íntimos não diminui o valor dessa fonte de informação rica em detalhes, que busca traduzir o indivíduo por ele mesmo. As falhas de memória e as fantasias relatadas em diários nos retratam a sutileza do ser humano em sua tentativa de ser diante da vida, mesmo através do falso. Além disso, do ponto de vista da psicanálise, a realidade psíquica, ou o subjetivo, é o objeto de pesquisa. Ceccarelli (2001) lembra que interessa à psicanálise a dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado. A respeito das falas dos indivíduos, esse autor nos apresenta que estas jamais poderão ser verificáveis, por estarem subordinadas ao universo fantasmático.

4.4. O segredo

A palavra segredo, segundo o dicionário da língua portuguesa³⁰, é definida como *aquilo que se quer cuidadosamente ocultar ou se não deve dizer; aquilo que não está divulgado; mistério; o que se diz ao ouvido de alguém; confidência; discrição; lugar oculto; prisão rigorosa em que se está incomunicável*. A origem da palavra tem sua raiz na ideia de separar ou discernir. Os segredos têm níveis diferentes de intimidade: alguns são divididos com os familiares, outros com os amigos íntimos e alguns não são revelados nem para si mesmo; outros ainda são escritos em diários secretos, mas atualmente temos a modalidade do segredo ser dividido com estranhos, os ditos amigos virtuais. O segredo sempre esteve presente na vida do adolescente, em especial, porque aumenta nessa fase a importância do mundo privado e a construção de um *self*. Nos tempos atuais, os adolescentes conseguem dividir seus grandes segredos com pessoas que não conhecem, mas, concomitantemente, conseguem ter uma vida privada mesmo no mundo virtual.

³⁰ Dicionário da Língua Portuguesa. In: www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

A ideia de segredo, para Lejeune (*apud* Schittine, 2004), é de este ser fruto da cumplicidade entre pessoas muito próximas; é uma forma de cuidar, de esconder; envolve confiança e isso é o que caracteriza o segredo compartilhado. A cumplicidade de um segredo envolve a confiança e a sinceridade entre as pessoas, e quem escuta um segredo pode ter que carregar um grande peso, por estar próximo à pessoa que conta.

Lejeune explana que a sociedade criou uma espécie de confidentes que não ameaçam a troca de segredos, porque têm somente uma obrigação profissional. Esses profissionais não oferecem risco à pessoa que conta o segredo, pois o que é dito se torna segredo profissional: são os padres, os médicos e os psicólogos. É entendido que tais profissões e os que a exercem pertencem ao eu privado do indivíduo. Ao procurar um médico, pressupõe-se um mal ou doença imediata; ao procurar os padres, há a obrigação religiosa; e, mais especificamente, a procura do psicólogo, na maioria dos casos, é de livre espontânea vontade do indivíduo. Atualmente, o psicólogo torna-se cúmplice dos segredos individuais e não é por acaso que aparece nos registros dos *blogs* utilizados neste trabalho a figura do “*meu terapeuta*”.

Para Schittine (2004), o desejo de revelar segredos aparece em todas as épocas e, na verdade, é o que impulsiona o autor a escrever seus diários. A autora diz que, se existe um registro por escrito, isso significa que o segredo já foi externado e pode vir a ser descoberto (Schittine, 2004: 77). Schittine afirma ainda que, mesmo nos diários mais secretos, a exposição absoluta de si é impossível, em função de tabus, de vontades próprias ou da conveniente falta de memória para assuntos mais dolorosos, ao qual chamamos na psicanálise de inconsciente. Já nos *blogs*, o mistério do diarista já está implícito, visto que, apesar de revelar muitos segredos íntimos, o blogueiro pode não revelar seus verdadeiros nomes ou mesmo não ser sincero ou honesto.

Uma das saídas para a manutenção do anonimato no universo virtual é o uso de *nicknames* (nome abreviado ou apelido). Com eles, os usuários podem ter mais liberdade em seus comentários, garantindo o resguardo de sua identidade e da identidade das pessoas das quais escreve. Outra saída para manter o anonimato é a criação de outros *blogs* com acesso mais restrito ou com códigos linguísticos. Schittine (2004) exemplifica um caso de uma estudante que se apresenta como Winnie, de 22 anos; ela mantém seu diário pessoal e um segundo *blog*, mais leve e engraçado, o qual escreve com um amigo virtual a quem nunca viu pessoalmente. Nesse *blog*, eles discutem a relação homem/mulher. A jovem afirma: *realmente a maioria dos meus amigos nem desconfia que eu escreva num blog* (Schittine, 2004:89). O excesso de compromisso que ela tem com os amigos (reais) é o principal motivo pelo qual prefere

se abrir com os seus leitores: *eles (os leitores) não me devem nada, nem eu a eles*. Sua afirmação sugere que, quando não existe nenhum envolvimento pessoal, a liberdade de discurso aumenta (Schittine, 2004: 98).

Consoante Lobo (2007), o anonimato na rede é composto por identidades forjadas, uma vez que ela é virtual e não corresponde necessariamente à real biografia de seu autor. É uma identidade criada para si e para o leitor, uma ilusão daquilo que a pessoa deseja revelar de si mesmo. Para a autora, a possibilidade de exposição anônima cria um espaço para uma *persona* com identidade totalmente diferente do real, o que permite ao indivíduo falar efetivamente de si.

Na Web, formam-se pequenos grupos que se dividem de acordos com os interesses comuns, mesmo sem se conhecerem pessoalmente. Membros desses grupos dividem ideias, autores, livros e os segredos. Tais pessoas tornam-se confidentes muito mais fiéis do que os próprios amigos reais com que os indivíduos convivem no seu cotidiano e mesmo (ou principalmente) do que a família. Esses leitores-confidentes são convidados a opinarem sobre a situação relatada ou o desabafo feito em nos *blogs*.

O diarista virtual determina quem pode se aproximar de seus segredos mais íntimos e quem não deve suspeitar deles através de senhas, do texto cifrado e do acesso restrito ao blog. É ele que estabelece o quanto o leitor comum deve saber de sua vida particular e o que deve ser mantido em sigilo (Schittine, 2004: 21).

Uma forma interessante de conseguir manter segredos na rede são os códigos estabelecidos nas conversas. A cumplicidade é muitas vezes mantida mesmo de forma exposta a todos. No plano real, são as expressões faciais ou corporais que podem fazer parte dos códigos de amigos, como uma risada ou troca de olhares; já na rede, existem formas de conversar tirando algumas pessoas da conversa, como se fosse um cochicho. As pessoas em geral têm acesso às conversas, mas, em alguns momentos, podem ser apenas observadores e não fazer parte da confraria.

Com a possibilidade da restrição na rede, há a possibilidade de “visitar” vários *blogs*, acompanhar os seus autores, como se fosse um hábito de conversa para saber o que fizeram à noite e, ao mesmo tempo, confiar em poucos, escolher aqueles que poderão ser os confidentes. A confiança estabelecida com desconhecidos apresenta uma segurança específica, em virtude de o blogueiro não conhecer seu amigo virtual pessoalmente; a distância física é estabelecida.

Como vimos, para falar de si, muitos irão criar um *falso*, um personagem de forma a não ser identificado e ficar, de certa forma, protegidos para falar o mais livremente possível de si, assim como expor seus segredos. Dias-Romão (2007) lembra que muitos pensadores atuais (Baudrillard, 2000; Birman, 1997)³¹ entendem que o uso da Internet vai acabar com o real e construir um universo virtual. Para Baudrillard, *a rede cria uma falsa realidade que serve para cegar e confundir os sujeitos que ficam imersos em um mundo caótico e sem sentido* (Baudrillard, 2000: 80). Birman explana *que a comunicação à distância pode substituir o contato físico entre as pessoas, o que seria, obviamente, nefasto* (Birman, 1997: 81).

Dias-Romão (2007) desenvolveu em sua tese de Doutorado, baseado em teoria de Winnicott, outro olhar no que se refere às tecnologias atuais. Através de suas entrevistas com os internautas, percebeu que um grupo de entrevistados entende a Internet muito mais do que um meio de comunicação; para estas pessoas, a grande rede pode ser vista como um espaço potencial. A Web seria, então, um espaço entre a realidade externa e o mundo interno, espaço que possibilita o brincar criativo. A pesquisadora afirma que a ideia não é original e que Muylaert (1998) compara o ciberespaço ao espaço transicional, afirmando que aquele pode ser *meio dentro, meio fora, (...) público e ao mesmo tempo privado* (Muylaert, 1998: 78, apud Dias-Romão, 2007).³²

Dias-Romão nos diz que uma das características do espaço potencial é o fato de o indivíduo estar livre das exigências da realidade externa e não sob o total domínio da realidade interna, encontrando-se livre de tensões. A autora ressalta que o fato de o indivíduo não possuir referências concretas das pessoas com quem ele se comunica na rede (amigo virtual) permite-lhe uma liberdade de fantasiar e criar nas lacunas existentes nesta relação. Aí podemos encontrar um espaço da brincadeira com caráter criativo, encontrando um caminho de saúde para a vida. A tese de Dias-Romão mostra que, se na Internet pode haver os excessos, como vícios e patologias, como a depressão, a solidão, o distanciamento social e os usos perversos, pode, no entanto, haver também um espaço onde a criatividade possa ser vivenciada, em termos de saúde.

³¹ Baudrillard, J. *Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina. 1997; Birman, Joel. Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salwer. In: *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997: 221-233.

³² Muylaert, E. *Construções de um futuro: o sujeito e a virtualidade*. Departamento de Psicologia. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.

4.5. A comunicação

Para a teoria da comunicação social, segundo Pereira (2001), a comunicação é o processo social básico, primário, porque é ela que torna possível a própria vida em sociedade. Esta significa troca e intercâmbio e todo intercâmbio entre os seres humanos só se realiza através da comunicação.

Segundo o dicionário, comunicação é o ato de *comunicar* (algo) ou de *comunicar-se* (com alguém). O verbo vem do latim *communicare*, que significava *participar, fazer saber, tornar comum*. Quando comunicamos alguma coisa a alguém, essa coisa se torna *comum* a ambos. Quando se publica uma notícia, ela passa a fazer parte da *comunidade*. *Comunicação, comunhão, comunidade* são palavras que têm a mesma raiz e estão relacionadas à mesma ideia de algo compartilhado.

Pereira (2001) indica que a comunicação humana pode ser *direta* – o emissor e o receptor estão em presença um do outro – ou *indireta* – quando o emissor está distante do receptor e precisa usar um meio artificial como carta, telefone, *e-mail*, rádio ou televisão para alcançá-lo. A importância dessa distinção está em que, se a comunicação tende a ser interação, os primeiros são muito mais interativos do que os segundos. Quando a comunicação indireta ocorre em *tempo real* (telefonema, programas de rádio ou TV ao vivo), ainda é ou pode ser bastante interativa.

Percebemos que a comunicação humana é tema de outras áreas de conhecimento, mas, para a psicanálise, é uma ferramenta para a compreensão do homem e faz-se essencial seu entendimento nas relações interpessoais entre os próprios adolescentes, assim como na comunicação deles com a sua família.

O tema da comunicação dos adolescentes com a sua família é alvo de vários estudos dentro da psicologia ou psicanálise. A forma como a comunicação acontece revela o grau de intimidade e de que forma o ambiente é acolhedor ao adolescente. Wagner (2005) apresenta um artigo sobre a comunicação familiar e argumenta que existem três tipos de comunicação: a comunicação aberta, a superficial e a fechada. Nas famílias em que os membros podem manifestar seus sentimentos e questionamentos sem sentirem-se ameaçados, provavelmente existe uma comunicação aberta, profunda, responsável e afetiva. Nas famílias com fronteiras rígidas, a dificuldade de comunicação entre pais e filhos costuma ser mais frequente, pois os jovens acabam por não confiar em seus pais, que se mostram incapazes de perceber as mudanças de seus filhos adolescentes. Esses pais buscam constantemente provas da

responsabilidade do filho, porém não conseguem dialogar abertamente e orientá-los quanto às dúvidas que surgem nessa fase do desenvolvimento. A comunicação fechada caracteriza-se por excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais. Assim, não há espaço para os filhos manifestarem seus sentimentos e dúvidas. Podemos dizer que, nas famílias onde a comunicação é superficial ou fechada, os membros se relacionam superficialmente e conversam apenas sobre assuntos que fazem parte do cotidiano da família, num caráter convencional.

A pesquisa de Wagner (2005) mostra que o ambiente será definidor das relações familiares, o que vem ao encontro da teoria de Winnicott sobre o ambiente facilitador para a formação do indivíduo.

Sobre a comunicação familiar, Schittine (2004: 34) aborda a questão histórica das maneiras como as casas eram ocupadas pelas famílias. Tal discussão nos interessa, uma vez que estaremos falando adolescentes de épocas diferentes e em contextos sociais diferenciados. Para a autora, a arquitetura esteve presente na definição dos funcionamentos das famílias e hoje a tecnologia faz este papel. Antes, em famílias burguesas, os espaços eram bem delimitados, com salas de visitas e estar, de forma a garantir a privacidade da família em seus quartos (Áries, 1981 p. 265), mas nas classes mais populares, a falta de privacidade era marcante. Hoje, a divisão social pode ser considerada mais acirrada, pois as famílias abastadas podem proporcionar aos seus membros quartos totalmente equipados com TV, telefone e computador individual; cada membro recolhe-se em seus quartos e se torna inacessível aos outros. No entanto, as famílias menos favorecidas podem ter problemas de privacidade; muitas vezes, o filho casa-se e se mantém morando com os pais, aumentando o número de pessoas no mesmo espaço físico e dificultando a privacidade de toda a família.

Antigamente, as famílias com condições econômicas favoráveis, mesmo morando em casas grandes e confortáveis, tinham espaços coletivos, seja para assistir a única televisão ou ouvir o rádio juntos. Cada membro de uma família tinha que encontrar uma forma criativa de afirmar sua privacidade; uma dessas formas era a escrita nos diários íntimos. Na atualidade, a privacidade passou para a individualidade e, mesmo em ambientes com muitas pessoas, seja na família ou no trabalho, é permitida a individualidade através do computador, o que possibilita a comunicação não com aquele que está ao lado, mas com o estranho.

A opacidade da tela permite aos diaristas encontrar seus semelhantes sem que para isso precisem ter um contato direto com eles. Este contato só acontece se os dois lados da equação estiverem dispostos. Cada um se fecha tanto que acaba virando um estranho para si mesmo, de tal forma que só poderá voltar a se entender se puder ver no outro um reflexo de si próprio. Por isso a reabertura agora para o público: é ele que vai ajudar a redefinir no indivíduo o seu lado privado, a sua identidade (Schittine 2004: 35).

Os diários e os *blogs*, por sua vez, são um meio de comunicação consigo mesmo e com os amigos e tal maneira de se comunicar pode ser classificada como pública e privada ao mesmo tempo, diferenciando-se das relações reais, face a face. Por outro lado, a mudança no meio da comunicação – do papel para a tela – altera o formato dos diários, que passaram de privados a públicos. A escrita individual abre-se para o mundo exterior, contrapondo com os valores do individualismo e do narcisismo atual, que é a proteção do espaço privado.

4.6. O isolamento

De acordo com Winnicott (1961a), o isolamento é característico na fase da adolescência e é visto como saudável na constituição da personalidade. Este isolamento necessário, com frequência, não é entendido pelos pais. Preocupados com os caminhos que o filho está tomando ou movidos por um sentimento de rejeição, por se sentirem afastados da vida do filho, não admitem que o filho tenha segredos e vasculham sua vida e suas anotações. O próprio adolescente, ambivalentemente, acaba deixando rastros (como drogas ou pílulas anticoncepcionais), de forma a ser encontrado, descoberto. Winnicott entende que a jovem a qual escreve um diário está estabelecendo um eu privado que não se comunica e, ao mesmo tempo, quer se comunicar e ser encontrado. Esse elemento não comunicável é sagrado e merece ser respeitado.

Contudo, também é prudente lembrar que houve diversas mudanças nas famílias e na sociedade nos dias atuais: as famílias ficaram reduzidas; de modo geral, o casal tem apenas um filho. Os adolescentes vão à escola, têm algumas atividades extracurriculares e, durante boa parte do tempo ficam sozinhos, sendo monitorados através do telefone pelos pais e, às vezes, pelas avós. A oportunidade para a troca

afetiva, o confronto e a competição com o irmão lhes foi retirada, sendo um obstáculo real para trocas afetivas e sociais. Todas essas mudanças contribuem para o isolamento do adolescente de sua família, além de que, muitas vezes os pais, mesmo estando em casa, não participam do cotidiano dos filhos, contribuindo para um isolamento muito maior que o necessário apontado por Winnicott.

Outras questões merecem ser abordadas. Vemos todos os dias que as pessoas, principalmente os adolescentes, mas não só, quando precisam estar com pessoas, com o público, seja na rua, seja em transportes coletivos ou mesmo em filas de banco, estão utilizando o seu MP4 *player* de forma a prolongar o seu tempo privado. Dessa forma, percebemos uma busca do indivíduo para estar sozinho.

Para Lobo (2007), o desenvolvimento das atividades sociais levou as pessoas a se afastarem de suas famílias. A autora acredita que a família já não se encontra entre as principais referências dos jovens, sendo mais raro o convívio com outros parentes, como avós, tios e primos, os quais compunham uma rede de identificação importante para o jovem. *Ela [a família] hoje se compõe, muitas vezes, de apenas uma mãe divorciada e um único filho. Não dá para fazer uma festa muito animada. [...] Ler os blogs das novas gerações é, para os jovens, muito mais interessante do que a vida em família* (: 110).

Seria possível especular que o sujeito do blog corresponde à ruína da família unicelular contemporânea – um núcleo burguês, ou imitando o burguês

Conforme salienta Lejeune (2000 *apud* Schittine, 2004),³³ os usuários de *blogs* formam uma rede de amigos que compensa as relações sociais e familiares. Segundo o autor, os usuários criam um compromisso prazeroso, uma sociabilidade segura expondo apenas o lado que se quer mostrar. *É uma maneira de conciliar o público e o privado sem que uma coisa se confunda com a outra, com a ajuda da mediação do computador* (Schittine, 2004: 59).

À medida que a comunicação virtual se torna comum nas vidas dos internautas e a visualização na rede cresce, há um aumento do isolamento social, um afastamento do convívio social e da relação face a face. Alguns constroem relações de

³³ Lejeune, Philippe, pesquisador francês, estuda sobre a escrita íntima. Criou em 1992 a APA – *Association Pour l'Autobiographie*, uma instituição que se propõe a ler escritos íntimos de anônimos.

amizade, relações amorosas e mesmo sexuais através do mundo virtual, chegando a se desinteressar pelas pessoas reais.

Schittine, (2004: 18) enfatiza que o computador, desse modo, aparece como o meio de comunicação que mais contribui para o isolamento, por meio do qual as relações reais se fecham para abrir relações para um segundo plano, o plano virtual. Como consequência, percebemos que, no mundo atual, onde o narcisismo é cultuado, o adolescente mais do que nunca é um isolado.

Winnicott (1961a) aponta que o isolamento é necessário para as descobertas novas que o jovem tem como tarefa, mas o que vemos atualmente não é só a oportunidade maior de os jovens terem seu espaço; o que vemos é uma solidão, provindo de um total abandono afetivo familiar.

Embora abordemos a necessidade do isolamento, a partir da teoria de Winnicott, em adolescentes, visto que ele se evidencia mais nessa fase, essa é uma necessidade humana em geral, pois nos indica o amadurecimento no desenvolvimento emocional. Para o autor, é um fenômeno altamente sofisticado que depende do início saudável da vida (Ver Cap I). A capacidade de ficar só, conforme tese de Winnicott, coloca-nos em paradoxo com o isolamento em demasia do jovem e a sua impossibilidade de ficar sozinho, como ocorre na atualidade. Senão vejamos, no artigo *Solidão impossível* (2009), é analisada a impossibilidade do indivíduo de ficar só. Segundo o Instituto Nielson³⁴, 70% dos Internautas brasileiros participam de comunidades virtuais, como o Orkut. Entretanto, *scraps* e pedidos de “*me add*” (pedidos para adicionar), junto com bate-papos no MSN, são apenas o “kit básico”. O autor indica que há pessoas que visitam álbuns virtuais, como Flickr e Picasa, para acompanhar outras vidas foto a foto. Além destes há o Twitter, cujo limite de 140 caracteres por *post* estimula o indivíduo a escrever mais. Há quem seja um usuário simultaneamente em todos os serviços citados, o que nos causa preocupações.

Com esses hábitos virtuais, podemos estar gerando pessoas incapazes de ficarem sozinhas e refletirem em si mesmas e, dessa forma, despreparadas para lidar com a solidão – um índice fundamental para o desenvolvimento emocional. A interação virtual sem limites pode levar os indivíduos a não saberem o que é ficar desconectados, ou, dito de outra forma, não conseguem suportar estar sozinhos.

³⁴ Empresa de pesquisa de mercado.

CAPÍTULO V

DIÁRIOS E BLOGS FALAM POR SI MESMOS, TÁ LIGADO?

Porque no fundo a juventude é mais solitária do que a velhice. Esta frase lida em um livro que já não recordo, ficou em minha cabeça porque a julgo justa.

(Texto encontrado no diário de Anne Frank, uma adolescente de descendência judia, durante o refúgio com a família, enquanto fugia à perseguição alemã.).

O termo “*tá ligado?*” ou “*se liga!*” significa: “Compreendeu?”

”Entendeu?” na linguagem cotidiana dos jovens. Usualmente, o verbo ligar é utilizado para significar pôr em funcionamento algum aparelho eletrônico. O termo indica um jovem “ligado”, “plugado” e conectado, ou seja, atento aos seus interesses e ao seu computador. Essa expressão substitui a antiga frase final: “*tá entendendo?*” (ou *.tá sabendo?*, ou ainda: *sabe?.*); entretanto, introduz um termo novo, menos vinculado ao saber, ao entendimento, e mais à ligação, à conexão com o Outro e à atenção. Ademais, embora seja pronunciado em tom de pergunta, o interlocutor, também jovem, em geral, nada responde ou responde “*Tô ligado!*”.

A expressão é muito usada nos dias de hoje e nos mostra a ligação com o computador, sendo este um objeto essencial na comunicação dos adolescentes, o que nos remete ao nosso trabalho: como os adolescentes se comunicam? Antes, porém de falar sobre a comunicação virtual, falaremos do diário de uma jovem – Helena.

Partiremos do tradicional diário escrito por uma adolescente de Diamantina – MG, nos anos de 1893/1895, até chegarmos à forma de escrita contemporânea, os *blogs*, escritos por adolescentes de idades variadas das cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília dos anos 2000. Devemos sublinhar, contudo, que os *blogs* poderiam ser de pessoas de qualquer lugar, pois há uma rede conectada e, por essa razão, será trabalhado mais de um *blog*.

A análise estará centrada em Helena e Natália. São as duas personagens centrais deste trabalho, apesar de aparecerem outros personagens os quais serão citados na trama. A trama nos ajudará a pensar em questões sociais e emocionais destas adolescentes, que emprestarão suas histórias para entendermos questões atuais sob a luz da psicanálise winnicottiana. Duas jovens que se diferenciam em diversas situações de tempo, espaço e cultura, mas que se encontram em uma atividade comum: a escrita de diários íntimos³⁵.

5.1. O diário de Helena Morley

Conheci o livro *Minha Vida de Menina* através de um livro didático de português de um dos meus filhos, que cursava a 5ª série. O material escolar trazia a discussão da adolescência através de alguns fragmentos do diário de Helena Morley. Ao ter contato com o livro, fiquei encantada com a riqueza de detalhes do cotidiano registrado por uma menina, nos anos de 1893 a 1895. Encontrei aí uma fonte bastante rica de material para pensarmos a adolescência, dentro do contexto da psicanálise, já que, a princípio, pensamos o diário como uma fonte fidedigna, pois é uma conversa de si consigo mesmo, uma comunicação verdadeira. Apesar de o diário trazer a ideia da menina de guardar seus segredos, traz também a ideia de que há o desejo de que alguém leia o seu diário, de forma a ser descoberta. A menina, cujo diário nós tomamos como objeto de estudo, levou muitos anos para deixar que as pessoas a descobrissem, visto que a autora, Alice Dayrell Caldeira Brant (1880–1970) publicou seus diários somente em 1942, com a idade de 62 anos, e utilizou o pseudônimo de Helena Morley. Sobre essa escrita, Schittine (2004, p. 143) nos aponta a dimensão temporal subjacente ao diário, afirmando que *a possibilidade de fazer uma leitura posterior, de deixar algo escrito para si mesmo, para os filhos ou netos pode não ser o principal motivo pelo qual se inicia um diário, mas, para muitos diaristas, é a razão que garante a sua permanência*.

A esse respeito, a autora do diário afirma em nota à primeira edição de sua publicação, em 1942:

³⁵ As citações das escritas dos adolescentes foram feitas *ipsis literis*, sem qualquer interferência de nossa parte, mantendo-se os erros gramaticais, os erros de concordância ou suas gírias e abreviações das palavras.

Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para as minhas netas. [...] Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje (Morley, 1998: p.13).

Na contracapa de seu livro, temos a informação de que a obra causou impacto imediato no meio dos escritores pelo seu valor histórico e literário e foi exaltada por Carlos Drummond de Andrade e Elisabeth Bishop (que o traduziu para o inglês). Assim, a menina do interior permitiu ser descoberta pelo mundo por essa sua única obra. Inspirado no diário publicado de Helena, foi realizado o filme *Vida de Menina*. O filme é lento, com longas cenas, realizado no cenário original do livro.

A história de Helena Morley se passa em Diamantina – MG, terra de mineração, uma cidade que se confunde entre o urbano e o rural. A cidade, no fim do século, começava a atravessar um período de decadência econômica grave. A protagonista, com formação britânica, protestante e liberal, vivia em um ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo.

O isolamento de Helena é amenizado pela satisfação em conversas consigo mesma através de suas escritas no diário dos 13 aos 15 anos de idade. Inicia a sua prática de escrita de diários por sugestão de seu pai, que lhe disse que todas as meninas inglesas tinham um diário. Sobre isso, Helena diz: *cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu caderno o que penso ou vejo acontecer. Ele me disse: Escreva o que se passa com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações* (Morley, 1998: 68). Há ainda os conselhos de seu professor: *o professor de português aconselhou todas as meninas irem se acostumando a escrever, todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer* (Morley, 1998: 26). O seu ambiente cultural era empobrecido e a menina dispunha de pouca liberdade. Sua convivência era com os pais, irmãos, a avó, as tias da Chácara, os primos, as colegas da escola, os ex-escravos, os vizinhos pobres e os personagens da cidade, como o soldado, as lavadeiras, os tropeiros, pessoas que povoavam os dias simples da menina inglesa.

Poderíamos ter diversos olhares para esta obra: o olhar literário, sociológico, histórico (início da República, final da escravidão, a relação estabelecida com os negros, as questões religiosas), mas o nosso olhar é direcionado à menina – uma menina solitária que encontra na escrita uma forma de desabafo do que acontece em seu cotidiano. Nosso olhar segue em direção às redes familiares, aos sentimentos e aos questionamentos feitos nos anos da adolescência.

Em sua história, conta que a família de sua mãe era rica, mas ela vivia na pobreza, pois sua mãe, ao contrário de outras irmãs, casou-se por amor, com o filho de um médico inglês protestante. O pai sonhador continuava tentando encontrar diamantes, porém as lavras da cidade nada mais produziam. O tio materno não permitia que a avó, que adorava Helena, ajudasse a filha e sua família em suas necessidades. Helena, com sua inteligência, sua aparência e sua língua ferina era odiada pelo tio, o qual desejava que as atenções da matriarca fossem dirigidas para a sua própria filha, a neta “perfeita” e bem educada em colégios de freiras.

A morte da avó deixou uma tristeza profunda em Helena e, de certa maneira, um amadurecimento emocional. Depois desse falecimento, Helena escrevia mais de sua tristeza e da falta que a avó fazia em seu cotidiano. Naquele ano, ela encerrou os escritos em seu diário.

a) Sobre a definição de si mesma

Helena se define como rebelde e impaciente, além de se considerar diferente de todos na família e, ao se comparar com sua irmã mais nova, afirma:

Por que todo mundo gosta de reprovar as coisas más que a gente faz e não elogia as boas? Eu e a minha irmã nem parecemos filhas dos mesmos pais. Eu sou impaciente, rebelde, respondona, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja. Luisinha é um anjo de bondade. Não sei como pode ser como ela, tão sossegada. Nunca sai de casa sem ir empencada no braço de mamãe. Não reclama nada. [...] Pois todos me chamam de menina rebelde e ninguém elogia Luisinha (Morley, 1998: 78).

Não sei por hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados. (Morley, 1998:137).

Ao falar de si mesma, a menina afirma que os adultos do seu entorno não a entendem, principalmente seus familiares. Há uma reclamação que todos cuidam dela e desse cuidado ela não mais necessita. Helena se considera diferente de seus familiares, o que caracteriza a própria adolescência e a sua mudança interna.

É uma coisa esquisita essa vida. Ninguém sabe o que a gente é por dentro, só querem falar o que entendem. Na família, do lado de mamãe, só há duas pessoas que gostam de mim, vovó e tia Agostinha. Pelo lado do meu pai eu sou querida de todos os tios, mas tia Madge também me atormenta a vida de cuidados (Morley, 1998: 89).

b) Sobre a relação com os pais

O casamento de Alexandre e Carolina – pais de Helena – parece ser uma exceção entre os casamentos da comunidade em que viviam. Houve uma escolha própria do casal pelos parceiros e uma luta para que ficassem juntos. Isso trouxe consequências na vida familiar em função dos poucos recursos financeiros e de discórdias entre os membros da família, pois os tios maternos de Helena não permitiam que a avó ajudasse a filha em suas necessidades básicas. Esse casamento parece ser uma referência positiva na vida de Helena, ao mesmo tempo em que o amor vivenciado entre os pais trouxe certo desconforto em comparação às primas, gerando sentimentos conflitantes.

Será que quando eu me casar vou gostar tanto do meu marido como mamãe do meu pai? Deus o permita. Mamãe só vive para ele e não pensa em outra coisa. Quando ele está em casa, os dois passam juntinhos o dia inteiro numa conversa sem fim (Morley, 1998: 107).

Eu gosto de mamãe querer tanto assim a meu pai, mas acho que a vida das minhas primas que têm mães menos agarradas aos maridos é melhor que a nossa. Nunca vi uma prima ter de largar a casa dela e vir ficar na chácara, como nós sempre ficamos, para mamãe ir atrás de meu pai (Morley, 1998: 82).

Na relação com seus pais, Helena remete a várias situações que a chateiam; uma delas é a comparação feita pelos pais entre elas (sua irmã e ela) com os primos. Helena discorda de seus pais, pois entende que as duas não são como os primos, em função da vida que levam e da ausência dos pais, trabalhando longe de casa.

Mamãe é uma que daria a vida para nós sermos como os filhos de tia Aurélia, que só vivem estudando. Mas ela mesma já se convenceu de que tudo que os filhos, da tia Aurélia, fazem mais do que nós, é porque o pai deles é comerciante e pode olhar os filhos. Nós, com meu pai vivendo fora, na lavra, e mamãe querendo ir sempre atrás dele, teremos mesmo de ser como somos (Morley, 1998:29).

Só de uma coisa eu tive inveja. Não estou bem certa se é mesmo inveja, porque a gente às vezes pensa que é uma coisa e é outra; foi de tio Conrado fazer a festa cedo e mandar os primos descerem às nove horas para estudarem suas lições, apesar de ser sábado. Se mamãe fizesse assim, eu seria boa aluna como eles são. Mas felizmente ela não se lembra disso (Morley, 1998:64).

Ainda sobre a ausência dos pais e sobre suas queixas de como é cuidada, Helena conta um episódio em que tinha um quisto no rosto que a incomodava muito, além de incomodar a avó e a tia Madge. Uma vizinha, também incomodada, resolveu o problema a sua maneira. Ela pegou uma brasa e um copo de água e colocou no quisto. A respeito deste episódio, Helena conta a reação da mãe:

Quando eu cheguei em casa mamãe me chamou de idiota, que deixa todo mundo fazer de mim o que quer. Eu lhe respondo: “Eu é que sei se sou idiota. O quisto estava crescendo e era capaz de ficar do tamanho de uma laranja, e a senhora e meu pai todo o dia dizendo que aquilo não era nada. Mas quem ficava cada dia mais feia era eu. Tudo que quiserem fazer para o meu bem eu deixo” (Morley, 1998: 138).

Apesar das queixas em relação aos pais, percebe sua família como adequada na sua educação, por serem os pais flexíveis e darem atenção aos filhos na área de lazer, em comparação aos primos. Em relação aos pais, aparecem sentimentos conflitantes. Helena afirma:

Eu queria que eles [os primos] passassem um dia com meu pai e mamãe no Rio Grande para verem o que é passeio no campo!

Tenho pena das minhas primas com aquele pai todo metódico, como elas dizem. Na casa delas tudo é na hora, tudo é na regra, até palavras, modos, tudo. Engraçado é que as primas vivem horrorizadas de meu pai e mamãe não nos darem educação, como elas dizem, e não fazem um passeio sem nós duas, eu e Luisinha. Mas quando chega de tarde, estou mais cansada do que se estivesse trabalhando o dia inteiro, de tanto fingir de educada perto delas. Não sei se minhas primas têm pena de mim como eu tenho delas. Com certeza (Morley, 1998:49).

Helena mostra, em seus escritos, ter sido uma jovem agitada, que queria aproveitar a vida – característica de muitos adolescentes. Isso provocava nos pais certa preocupação, em virtude da inexperiência juvenil. Sobre isso, a autora diz:

O dia pior para mim é o dia seguinte a qualquer festa. Mamãe é que tem pena de mim porque diz que eu não vou ser feliz com este gênio de querer aproveitar tudo; que a vida é de sofrimentos. Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos. Não posso continuar porque meu pai já está reclamando que são horas de dormir (Morley, 1998: 52).

Poucas são as vezes que entro em casa que mamãe não repita o verso:

*A mulher e a galinha
Nunca devem passear
A galinha bicho come
A mulher dá pra falar (Morley, 1998: 236).*

A mamãe diz: – Minha filha, quem sabe você acha que o mundo vai acabar? É o que eu penso quando vejo você nessa ânsia de se divertir. Você está começando a vida, minha filha. Não vá com tanta sede ao pote. Vocês hoje começaram a folia às seis horas da manhã. Eu estava lá dentro tomando café e vocês já na sala dançando. Isto está me amofinando muito; não é natural. Tudo que sai do natural escandaliza, minha filha. É preciso por um ponto final nessa vida e pensar também nos estudos (Morley, 1998: 319).

Helena ora se aborrece com as conversas dos adultos, ora sente muito prazer nas conversas familiares. Muitas vezes, ela tem por obrigação participar, principalmente quando o pai retorna da lavra, nos finais de semana. Seu pai conta as histórias de sua família, de quando era pequeno, e sobre os ingleses que vinham visitar o avô de Helena.

Os dias que ele [o pai] passa em casa são tristes para nós e alegres para mamãe. A segunda-feira é alegre para nós e triste para mamãe. Haverá na vida suplício maior do que este que temos de aguentar todos os sábados e domingos? Temos que ficar sentadas à mesa uma hora inteira, ouvindo os casos de meu pai. Já ouvimos todos mais de vinte vezes. [...] Eu desejo ser surda quando meu pai começa a contar (Morley, 1998: 52).

Estivemos todos até agora à roda do fogareiro, conversando. É um dos prazeres que eu tenho, quando meu pai está em casa, ficarmos todos, com este frio, à roda do fogareiro ouvindo histórias do tempo antigo e torrando amendoins. Eu gosto mais das histórias de mamãe, apesar de serem muito repetidas como as do meu pai (Morley, 1998:172).

Sempre que a família se ajunta, nos separamos os moços das velhas, pois tenho experimentado ficar, uma vez outra, no grupo das velhas, e é triste que se aguenta (Morley, 1998:53).

Em seus escritos, aparece claro que o novo, ou seja, o jovem, vem com a postura de mudança, principalmente nas relações familiares. A avó de Helena se alarmava a respeito de algumas situações cotidianas, afirmando que o mundo estava anarquizado. A avó da menina dizia que, antigamente, os filhos tinham medo de falar ou pedir algo aos pais. Helena comenta:

Eu estive dizendo a vovó que eu converso com meu pai o que quero, conto tudo a ele e juro que se ele fizesse alguma coisa malfeita eu lhe falava francamente. Eu vi que a vovó acha melhor assim porque ela só me disse: “É mesmo, minha filha. Os tempos estão mudados” (Morley, 1998: 77).

c) Sobre a relação com os parentes

c.1. A avó

A avó de Helena definitivamente tem um lugar especial em sua vida. Em toda a obra, a avó está sempre presente em suas histórias e nos emociona a forma como a jovem a admira e sente-se amada por ela. A relação foi suficientemente boa; é a avó que propiciava um ambiente acolhedor às demandas da menina, não só em sua meiguice, mas também em sua rebeldia.

Vovó mostra gostar mais de mim [...] Desde pequenina me fazia uns agrados que mamãe nunca fez e prestava atenção a tudo o que eu falava. Ela me diferencia tanto das outras que, sem sentir, fica me parecendo que ela é a mãe e mamãe é avó. Se penso uma coisa falo a vovó, se tenho alegria digo a vovó, se tenho raiva me queixo a vovó. [...] Se come uma coisa me dá o resto, se vai passear na horta me chama; se quer apanhar fruta sou eu que tenho de ir; na hora da reza, de noite, eu é que tenho que tirar o terço (Morley, 1998: 87).

Ontem foi dia de decorar pontos de Geografia. [...] Vovó abriu a porta umas duas vezes durante esse tempo para me dizer: “Chega, minha filha, isso cansa. Você é tão magrinha!” [...] Quando acabei já estava a vovó com um copo de leite e rosquinhas à minha espera. “Vem comer isto para não ficar fraca” (Morley, 1998:87-88).

Vovó fica toda inchada de alegria de ver as coisas que eu escrevo. Mamãe nunca olha o que eu escrevo, mas vovó quer que eu leia tudo para ela e também para as pessoas de fora. Quando estou passando dias na Chácara eu fico aflita para ir para casa só por isso. (Morley, 1998:114)

Vovó é muito inteligente. Ela nunca estudou e nunca a vi abrir um livro, só de orações. Depois de velha é que ela veio para a cidade e como ela compreende tudo bem! Interessa-se por tudo que eu lhe conto; olha minhas notas, coisa que mamãe nunca fez. Ela me conta a vida de moça e eu gosto muito de ouvi-la (Morley, 1998: 123).

Vovó, coitada, quando pensa que uma pessoa gosta de mim, não sabe o que fazer para agradar. Mesmo uma pessoa de quem ela não faz caso, se me trata bem; cai no gosto dela, como aconteceu com um genro (Morley, 1998: 182).

Sobre um episódio familiar, Helena critica o tio por ser padrinho de um de seus irmãos, mas nunca ter dado presentes a ele, e fala com indignação e ironia. Quando a avó soube do episódio, repreendeu-a, mostrando que a relação das duas não era só baseada em mimos. Fala Helena:

Como não temos sino, vamos bater mesmo uma lata. Hoje tem festa no céu. Tio Geraldo lembrou-se de dar um presente a Renato depois que ele está com quinze anos. Todos nós ganhamos presentes dos nossos padrinhos no dia de anos. Renato é o primeiro que ganha. Quem sabe se a sorte dele não vai abrir agora? (Morley, 1998: 93)

Ela disse: “Hoje eu devia era lhe pôr um ovo quente na boca para você não ser tão linguaruda. Já soube de seu falatório. Quando a gente pensa que ela já vai melhorando e ficando mais ajuizada com a idade, lá vem de novo com seus disparates. É preciso acabar com isso e deixar de ter a língua comprida”. Fiquei logo engasgada, com um nó na garganta e as lágrimas começaram a cair no prato. Saí da mesa chorando e corri para a casa. [...] Como não sou capaz de desobedecer a vovó, voltei. Já a encontrei na porta, aflita, com um livro na mão. Foi me entregando o livro da Imitação de Cristo, dizendo: “Leia isto para você aprender a ter paciência e saber que os mais velhos é que têm de corrigir os mais moços” (Morley, 1998: 93-94).

c. 2. A tia Madge

A tia Madge é vista como uma tia que gosta bastante de Helena, mas que, ao mesmo tempo, traz diversas complicações por esta dedicação. São vários os episódios em que Helena demonstra sentimentos contraditórios, como raiva e, depois, culpa em função de saber que o amor e dedicação que a tia tem pela sobrinha são verdadeiros. O episódio do chapéu de sol do vestido de um casamento levaram a jovem a experimentar esses sentimentos conflituosos.

Vou desabafar-me aqui do desapontamento, da raiva e da tristeza que sofri anteontem no casamento da prima Zinha. Ela é filha de meu tio rico e o casamento foi um acontecimento importante (Morley, 1998: 186).

Tia Madge chegou do Rio há pouco tempo e desde a sua chegada não tive mais sossego. Tenho de andar de guarda sol pra não me queimar, que as meninas do Rio não têm sardas. Tenho de andar de cabelo solto porque as meninas do Rio andam de cabelo solto. É constantemente a mesma amolação: as meninas do Rio se vestem assim, se penteiam assim. Não me importaria que o vestido fosse feito como os das meninas do Rio. Só queria que fosse cor de rosa (Morley, 1998: 186).

Para esse evento, a mãe de Helena comprou cortes de tecido de lã rosa para as duas filhas, embora as outras primas tivessem comprado de seda. A tia Madge, interessada em arrumar Helena, pegou o corte de tecido dela para fazer e o da irmã foi para outra costureira. A tia fez o vestido sem deixar a menina participar e só entregou no dia. E o vestido era azul. Além disso, depois que Helena tinha ido arrumar o cabelo, a tia molhou dizendo que ela era uma menina e não poderia se pentear como uma moça.

Eu me desabafo com a vovó. Sinto que só ela me compreende. Vovó então começou com as coisas dela: “É uma luta minha mais de Madge com esta menina! Ela não compreende que nós só queremos o bem dela. Ela sempre quer ficar igual às feiosas em tudo”. Nessa hora eu levantei a cabeça, ainda engasgada e disse: Eu sou a mais horrorosa, a mais magrela, a mais burra de todas, e tenho que ficar sempre inferior em tudo. Que inveja que tenho da Luisinha, porque tia Madge não gosta dela![...] Eu hei de entrar com este cabelo de doida de hospício, vovó? Vovó, a senhora é que não sabe o que estou sofrendo. Eu estava esperando meu vestido cor-de-rosa com tanta alegria e hoje vestir de viúva, vendo as outras todas de cor-de-rosa, azul-claro e tudo? Não, vovó, isto foi muita maldade demais de tia Madge. Não quero mais que ela se interesse por mim não, vovó. Chega! (Morley, 1998:188).

Outro episódio acontecido com a tia Madge é o do chapéu-de-sol. A tia não suportava mais ver Helena passar pela sua porta com a cabeça no sol e falava sobre isso todos os dias com seu pai. Como o pai não se incomodava com isso, a tia foi em alguns pertences antigos e conseguiu armações para fazer o chapéu, o que causou aborrecimentos. Helena afirma que não compreende a sua relação com a tia, pois sabe do amor da tia por ela, mas é ela, justamente, a que mais a aborrece.

O caso de tia Madge comigo é o mais esquisito que eu já vi. Ela é minha madrinha de crisma e eu sei que ela é quase como a vovó para me achar qualidades. Eu não posso lhe contar um caso que ela ri até mais não poder. Diz a todos que eu sou inteligente, espirituosa e boa. Tudo, que uma pessoa possa fazer por outra, tia Madge faz por mim. E eu posso dizer que quase todos os aborrecimentos que tenho tido na vida são causados por ela com essa mania de se interessar tanto por mim. Eu seria muito mais feliz se ela fosse como as outras tias, que nem olham o que eu faço. Mas ela, coitada, tudo o que faz de bom é para me dar um aborrecimento e às vezes sofrimento (Morley, 1998: 194).

Vieram os chapéus mas nós não gostamos e ficamos tristes, pois um ficou redondo como uma cuia e o outro chato. Saímos com eles e passamos na casa da tia Madge. Ela ficou radiante: “Agora, sim! Vocês não vão mais ficar cheias de sardas. Está ótimo! Vocês mostrem às colegas que estes cabos são de marfim e vieram da Inglaterra”. Nós seguimos e fomos para a escola. Estavam as colegas na porta e Luisinha ouviu um deles dizer para outro: “Olha só o que as inglesinhas arranjaram agora!” e caíram na gargalhada. Já entramos muito desconfiadas e eu combinei com a Luisinha: “Vamos escondê-los bem escondidos para as colegas não verem; depois nós consumimos com eles” (Morley, 1998: 195).

Se a gente pudesse pensar como os mais velhos, a vida para os moços seria muito melhor. (: 195).

d) Ser mulher

Helena, em algumas passagens de seu diário, afirma a sua insatisfação com a condição de ser mulher, o que certamente desagrade a sua mãe. Ela diz que sempre desejou ter nascido homem, mas, ao mesmo tempo, aceita sua condição quando lhe convém. Ao se machucar em uma queda de cavalo, ela afirma:

Mamãe diz que eu merecia este castigo para não querer mais virar menino homem. Foi mesmo castigo. Tudo que meus irmãos fazem eu invejo, e enquanto não faço não sossego (Morley, 1998: 116).

Eu sempre desejei ter nascido homem e só certas horas gosto mais de ser mulher. Ontem, por exemplo, fazia um

frio! Pois meu pai teve de chamar meus irmãos para levarem a besta para o pasto que é muito longe! Os dois foram tiritando de frio e eu fiquei na minha cama quente, contente de ser mulher (Morley, 1998: 75).

e) Crítica ao mundo adulto

Helena fala sobre a superstição que assola Diamantina. Diz que, desde pequena, ela sofre com superstições de todos os modos. Comenta que todos sabem que é pecado, mas preferem pecar, nesse sentido, e ir ao confessionário a fazerem uma coisa que alguém diz que faz mal.

Vou fazer quatorze anos e já raciocino mais de que todos na família. Comecei a tirar conclusões desde dez anos ou menos, eu penso. E juro que nunca vi uma pessoa da família de mamãe pensar nas coisas. Ouvem uma coisa e acreditam; e aquilo fica para o resto da vida. São todos felizes assim! (Morley, 1998: 174-175).

Desde que começou a mexer com o inventário a casa virou um inferno. Às vezes eu fico com medo que vovó, lá do outro mundo, veja o que está havendo na família por causa do dinheiro da herança. Só se fala em colação o dia inteiro; ata parece exame. [...] Só agora estou acreditando na conversa de mamãe de que dinheiro traz infelicidade. Mas ela também está brigando e não quer que as outras levem a parte a que ela tem direito (Morley, 1998: 312).

f) Os amigos

São poucas as referências a amigas em seu diário, apesar de que, em seus aniversários, por exemplo, ela convidava algumas amigas para um lanche. A relação com as amigas era marcada por competição e, muitas vezes, parece que a autora é discriminada por comportamentos diferenciados em relação às amigas da escola. Há poucas passagens que se referem ao tema de namorados, a não ser como críticas das amigas, por não se interessar por nenhum rapaz, o que é retratado em algumas passagens.

Por que minhas amigas se incomodam tanto com minha vida? Não sei porque se nunca me deram nada, e não me dariam se eu precisasse. Que vontade que eu tenho de lhes responder: “Não se intrometam comigo; tratem de vocês”. Sempre vem uma amiga com um recado do irmão ou do primo ou de um rapaz para mim. [...] Eu vou dizendo a todas que não quero ter namorado, que não gosto de ninguém e que me deixem em paz (Morley, 1998: 185).

Hoje elas começaram a bulir comigo e me chamar de facão. Mariana disse: “Você já tem quatorze anos. Se não for ajeitando o seu desde já, de mais velha ninguém querará e você ficará para tia. Você assim vai ficar facão. Respondi: “Mas se eu quero virar facão, que tem você com isso?”. [...] Biela disse: “Vocês não compreendem a Helena; ela quer se casar tanto como nós, mas é orgulhosa, quer peça fina. Afianço que se lhe aparecesse um doutor ela não mandaria para o bispo”. As outras disseram: “Então ela que fique mamando no dedo. Doutor aqui não há; só se ela está esperando os primos que estão estudando no Rio.” [...] Eu ouvia tudo calada. Para encurtar a conversa eu disse: “Não se incomodem tanto comigo, minhas amigas; lembrem-se do ditado: Casamento e mortalha no céu se talha” (Morley, 1998: 186).

Hoje já fui com meu vestido à Escola. Sei que está bonito pela inveja que causou. As colegas logo disseram. “Isso nunca foi uniforme nem aqui nem na China. O diretor é que devia ver isso e suspender. Daqui a pouco estão até fazendo uniforme de seda na escola. Você já fez de lã com colete de fustão?” Palavra que eu tive medo que elas fossem reclamar ao diretor e ele viesse mesmo me proibir o vestido. (Morley, 1998: 208)

Em certa ocasião, ao visitar a tia Madge, esta lhe falou que foi muito elogiada pelo padre. Este disse que Helena era uma das meninas mais simples e inteligentes com que ele já havia lidado. A tia, então, aconselhou Helena a continuar assim e causar uma boa impressão a todos. Helena responde:

Impossível, tia Madge. É muito diferente a gente deixar de lidar com os santos e entrar no inferno para lidar com os capetas. Na escola a gente tem de ficar ruim e viver horrorizada com tanta ruindade. Eu mesmo não sei como a senhora é tão boa, tendo frequentado a escola. Eu vou

sair dali uma demônia, bem contra a minha vontade (Morley, 1998: 204).

No último ano de seu diário, Helena contava com 15 anos de idade e a sua relação com as amigas parecia ser mais satisfatória. O tempo na escola em contato com as colegas, os passeios realizados em horário das aulas, as danças tomam mais os tempos de Helena.

A escola é tão alegre e eu passo ali os dias tão feliz que não faz mal. (Morley, 1998: 224)

Na escola tive vários apelidos [...] Briguei com Seu Emídio na aula de Aritmética e tomei o de Tempestade, e meu pai achou que estava muito assentado (Morley, 1998: 233).

As colegas às vezes passam lá (na casa da avó) para sairmos juntas e acham graça dela (a avó) ficar na sacada até eu entrar na Escola (Morley, 1998:262).

Por que eu e minhas amigas havemos de ser tão vadias. Todo fim de ano eu me arrependo de ter ficado na roda delas e faço tenção de me corrigir. No ano seguinte continuo na mesma (Morley, 1998:313).

g) Comunicação

No que tange à comunicação estabelecida pela adolescente em questão, tendemos a pensar que a escrita de Helena em seu diário seja vinculada ao verdadeiro *self* e que a comunicação seja predominantemente verdadeira, apesar de a autora utilizar um pseudônimo para a publicação do diário. Observando a escrita, vemos alguns momentos em que a confiança no diário é integral: *só confiarei a este caderno, que me guardará ainda por uns dias o segredo* (Morley, 1998 p. 2005). Vemos também, porém, que muitas de suas redações e impressões do cotidiano eram lidas em sala de aula ou para sua avó: *Mamãe nunca olha o que eu escrevo, mas vovó quer que eu leia tudo para ela e também para as pessoas de fora. Quando estou passando dias na Chácara eu fico aflita para ir para casa só por isso* (Morley, 1998:114).

h) Isolamento/solidão

A prática da escrita nos diários é retratada como a única forma de Helena se distrair, pois, na relação com as amigas, não há confiança. Ela escreve:

Este conselho que meu pai me deu de deixar de contar às minhas amigas a minha vida e os meus segredos e escrever no caderno é na verdade bom por um lado e ruim por outro. Bom porque depois do desapontamento que Glorinha me faz passar contanto a vovó que eu apanhei o pêssego do saquinho, que eu lhe contei em segredo, não precisei de lhe contar mais nada. Escrevo tudo neste caderno que é o meu confidente e amigo único. Mau porque me tem tomado tempo que eu não podia perder. Eu sou a única menina que escreve tudo o que pensa e que acontece, nas cartas e redações para seu Sebastião. Sei que ele não se incomoda e até gosta, mas mesmo assim há muita coisa que eu não tenho coragem de lê e levar para ele (Morley, 1998: 205).

Hoje vou contar aqui uma coisa que eu não quero escrever para Seu Sebastião e que só confiarei a este caderno, que me guardará ainda por uns dias o segredo e depois mamãe terá que saber (Morley, 1998: 205).

Depois deste conselho de meu pai de conversar com o caderno a minha vida piorou e penso que emagreci ainda mais. Todas as minhas amigas falam de minha magreza e eu queria que elas tivessem as minhas obrigações para ver se não seriam magras também. Se eu puder dormir bem, comer descansada, sei que engordaria. Mas há muito tempo não tenho meia hora para o almoço (Morley, 1998: 206).

i) Questionamentos sobre a vida

Os diários trazem passagens em que a autora faz questionamentos sobre a vida os quais assustam os adultos; ela duvida de posicionamentos cristalizados pela sociedade religiosa em que vive.

Hoje nos assentamos na frente do rancho, a família toda. Mamãe catava arroz, Renato fazia alcapão, Nhonhô

armava uma arapuca, eu cerzia minhas meias e Luizinha nos olhava trabalhar. Certa hora eu perguntei: Vocês não pensam para que a gente vive? Não era melhor Deus não ter criado o mundo? A vida é só de trabalho. A gente trabalha, come, trabalha de novo, dorme e no fim não sabe se ainda vai parar no inferno. Eu não sei mesmo para que se vive. Mamãe disse: Que horror, minha filha! Para que você passou tanto tempo no Catecismo, para agora vir me dizer que não sabe para que a gente vive? Não estudou lá todos os dias que a gente vive para amar e servir a Deus na terra e gozar dele no céu? Eu respondi: Estudei, mamãe, mas já vi que só a família de vovó e poucos outros podem viver só para amar a Deus na terra e esperar gozar da presença dele no céu (Morley, 1998: 121).

Os adolescentes buscam, em geral, uma não conformidade com os acontecimentos cotidianos e com o mundo ao seu redor. Parece ser esta uma característica das pessoas nessa faixa etária, independentemente da época e do ambiente em que vivem. Esse fenômeno Winnicott entendeu como uma necessidade saudável, de questionamentos e de uma preocupação de estar realmente no mundo e fazer parte dele. Veremos como encontramos, então, as adolescentes dos anos 2000 e como demonstram sua não conformidade e não tolerância com o mundo adulto.

5.2. Os *Blogs* de Biik e Lovelace

Tivemos dificuldades de encontrar *blogs* de garotas mais novas de forma a se aproximar da idade da adolescente do diário. Escolhemos duas meninas de 15 anos das cidades de Brasília-DF e São Bernardo do Campo – SP. Quando falamos de *blog*, é difícil pensar nos *blogueiros* isolados. As garotas se comunicam, formando uma rede de contatos. Tivemos ainda a necessidade de trabalhar com uma garota mais velha, Natália, 19 anos, a qual, no nosso entender, vai expor melhor as suas dificuldades na vida, por meio de um *blog* criado junto com outros amigos cujo objetivo é de expor suas queixas em conjunto – o nome do *blog* é *Me deixa*.

Começaremos, entretanto, pelos *blogs* das meninas mais novas. São *blogs* criados mais recentemente (eles têm em média dois meses) e trazem informações de como elas se divertem nos finais de semana, e todos têm que ser muito bons, com festas, badalações e meninos. São expostas brigas com irmãos e com os amigos, além de

descontentamentos com seus corpos ou a quantidade de espinhas no rosto. Em meio a esse cotidiano, aparecem algumas informações de suas vidas ou de seus pensamentos e insatisfações. Falaremos o que encontrei a esse respeito.

5.2.1 O *Blog* de Biik

Menina de 15 anos, moradora de Brasília-DF. Não aparece seu nome no *blog* ela se apresenta como Biik, mas aparecem várias fotos dela com amigas. O nome de seu *blog* é *Tipo certo de garota errada*. O *blog* é todo cor-de-rosa e, nele, a jovem conta muitas coisas do cotidiano, principalmente o que fez no fim de semana e as suas conversas com amigos. Ela preserva a identidade das pessoas; todos os amigos têm um apelido e ela tem um glossário para os leitores entenderem de quem está falando.

Os pais são separados, Biik mora com a mãe e o irmão, e passa alguns fins de semana com o pai, que mora com um primo dele, também separado.

a) Sobre a definição de si mesma

eu sou aquela que AMA ser surpreendida. que comete erros. que tenta agradar todo mundo e acaba não agradando ninguém. aquela que aprende com seus erros, mas nao poe em pratica o que aprendeu, aquela que VIVE cada dia de uma vez, tentando APROVEITAR ao máximo !

b) Sobre sua mãe

mamae: psicologa, de virgem, as vezes a melhor pessoa do mundo em outras a mais xata, como tda mae deve ser. adoro beeem jovem, sempre confundem ela como minha irmã mais velha. separada do papai ha uns tres anos. segura toda a barra aqi em csa.

c) Sobre o pai

Pai: sempre eh tao dificil falar do meu pai, as vezes acho qe sou mto indiferente com eles, em outra acho qe sou assim pqe ele me ensinou a ser assim, meu pai jah sofreu mto na vida, acho qe eh por isso qe eh tao cabeça-dura, diria ignorante, mas meu pai eh mto inteligente. Sempre sabe de tudo, nao daria pra ser um professor, explica mal, e repete mil vezes a mesma coisa, nunca aceita qe errou

(acho qe pucheí a ele) mas nunca consegue dizer nao, tem um coração bom... confesso qe nao sinto falta dele em csa, acho qe pelo fato de sermos tao parecidos acabamos brigando muito:~ gostaria realmente de ter uma relação melhor com ele !

c) Sobre a família

Sorte de hoje: Seu sonho é constituir família. não acredito mto nessas sorte de hje do orkut, mas essa eu tenho qe confessar, sempre foi meu sonho, constituir família. de vez em qndo, vejo minhas amigas reclamando qe suas familias sao uma bagunça, qe a vó eh implicante, qe os tios falam demais, qe odeiam reuniao em familia... e a vontade qe me dá, eh de pular no pescoço e mandar nunca mais falar assim, eu jah chegei a brigar sério com amigas minhas por causa disso.

eu sinto mta saudade e vontade de ter uma familia. aquela qe eu possa encher a boca pra dizer: essa eh minha familia. desde qe minha vó morreu [há 4 ou 5 anos atras] eu nao sei oqe eh ter uma familia de vdd. eu vivo meio qe clandestinamente nas familias alheias. nao vou dizer qe eh ruim, eu adoro... qq reuniao de familia qe me chamam eu sou a primera a aceitar, na maioria das vezes fico num canto observando as pessoas rindo, brincando, e até zoando com pequenas coisas qe ficaram no passado, essas coisas qe soh familia tem. a minha , ou melhor, a familia do meu pai, eu vejo de vez em qndo, mas eles sao todos de nariz em pé, cheios da grana, e confesso qe esse clima nao acho mto agradável. eu sei qe eh parte da minha familia, mas acho qe tanto pra eles, qnto pra mim, a unica ligação qe temos eh o sangue !

sabe oqe acho pior em nao ter família família !? eh o natal, nossa, é tão ruim vce ir passar na casa de outras pessoas, todo ano uma casa diferente... eh nessas horas qe eu mais almejo ter a minha familia, ao menos uma vó, ou um vô. qe lembre de mim no aniversario, qe eu va dormir na casa, sendo mimado, qe façam companhia qndo tah cansada do clima de casa, fica ouvindo historias da juventude deles [coisas qe eu fazia há 5 anos atras] eu sei qe esse assunto eh meio deprê, mas eu nao to reclamando da minha pequena familia, tem mta gnte por ai qe nao tem nem mae nem pai, e estou imensamente feliz de tê-los na minha vida. mas acho qe eu soh precisava botar isso pra fora, essa minha enorme vontade de ter familia. ;~ mas nada na vida eh como a gnte quer, e mesmo assim eu sou feliz, com tdo qe tenho. e agradeço a Deus todos os dias por isso !

d) Isolamento

desde pequena fui assim, nunca consegui ficar sozinha. minha mae sempre disse pra eu fazer comunicação, pois eh incrivel o dom qe eu tenho de me introsar hiper facil... nunca gostei de andar em grupinhos de mta gente, pra mim, tinha qe ter pelo menos aquela hiper amigona, pra o qe der e vier. e de uns tempos pra ca to sentindo falta disso. nao sei, pode ser noia minha, mas me sinto só ! sério, sabe oqe eh passar o dia todo querendo qe passe logo pra chegar a hora de ir pra escola ? soh pra nao ficar sozinha em casa ? eh isso qe tah acontecendo comigo... to passando mto tempo comigo mesma, até que não eh das piores companhias. Mas tem hora que eu preciso de algo mais. Confesso que as pessoas que conheci por agora tão me fazendo hiper bem, eu precisava disso, ter um mundo soh meu! E a nova escola ta me trazendo isso.

5.2.2 O Blog de Lovelace

Menina de 15 anos, moradora de São Bernardo do Campo – SP, não expõe seu nome no *blog*; ela se trata como Lovelace, apesar de postar fotos suas. O título de seu blog é “*Confissões de uma adolescente em crise*”. Além deste, ela mantém outro *blog*, com textos próprios. Mora com os pais e uma irmã.

a) Sobre a definição de si mesma

A menina que toma em suas mãos uma caneta e um pedaço de papel. Logo, a tinta toca a face do papel sensível criando histórias guiadas pelos pensamentos de uma cabeça que persiste em seus sonhos e acredita realizá-los antes da próxima lua. traduzindo...Uma adolescente em crise aborrecente não! Sou somente mais uma garota de quinze anos com espinhas na testa e que faz coisas sem pensar... Enfim, entre hormônios e pensamentos, faço algo errado e como boa adolescente entro em crise facilmente... Acompanhe meu dia-a-dia e meus ataques “hormônicos”:)

b) Por que fazer um *blog*?

*Missão BLogueira*³⁶

Provavelmente, você que já foi ou é adolescente tem uma história pra contar..Minha vida é cheia de bizarrices, então achei que seria uma boa criar um blog sobre minha adolescência... G.GO restante, você confere aqui!

c) Sobre os pais e religião

Hoje eu tenho crisma T.T pra quem não sabe, crisma é um sacramento católico, que serve para a confirmação de sua fidelidade ao catolicismo. O que eu mais acho ridículo é que eu não quero ser católica:@ Meus pais insistem, mas eu já estou seguindo o espiritismo, é o que eu gosto, pô! Claro, respeito todas as religiões, mas custa respeitar a minha? Oo aliás, minha mãe vai comigo nos cultos, pá... Meu pai é um ignorante que acredita que somente a religião dele é cert $\neg\neg$ 'Eu nem sou uma religiosa fanática, mas busco respostas. Infelizmente outras igrejas que já frequentei não me esclareceram algumas duvidas, mas sinto que essa é boa!Uma coisa que ODEIO são aquelas pessoas que ficam tocando a campainha de casa pra pregar a palavra segundo sua religião. Meus pais nem sabem, mas uma vez, uma mulher da testemunha de Jeová veio me encher o saco (mais uma vez) e eu falei que era satânica... mas só pra ela ir embora, claro! Pra quê... A mulher começou a gritar no meio da rua e a falar que eu não merecia e viver e panz eu racheeeeeeeeei de rir:}Lógico que sou cristã, mas ainda busco respostas. quem sabe o ser humano aprenda , um dia, a respeitar o outro, isso inclui a religião do outro

d) Sobre a família

Ontem fui OBRIGADA a ir no aniversário de uma tia avó (imagina a festa -.-') eu lá no canto desenhando minhas menininhas fofas enquanto um grande numero de pessoas com mais de 65 anos conversando... e pior: eram todas mulheres! Elas não paravam de falar! Enquanto as receitas de "família" rolavam de boca em boca, ou devo dizer, dentadura a dentadura, eu estava lá... Torcendo pra festa acabar e ir para minha caminha e sonhar com

³⁶ “Blogueiro (português brasileiro) ou bloguista (português europeu) ou ainda *blogger* são palavras utilizadas para designar aquele que escreve em blogues. O universo dos blogueiros (a soma de tudo o que está relacionado a este grupo e este grupo em si) é conhecido como blogosfera”. In: Wikipedia, a enciclopédia livre.mht

aquele show do Sugar Kane que teve do ladinho de casa, mas nãããã, meus pais queriam que eu fosse na festa de 50 anos de uma tia avó! Fala sério! pior foi ouvir minhas tias: " A ultima vez que te vi, você era desse tamanho! (apontando para os joelhos) "MAS tudo bem, toda família tem uma rebelde... é só fase!" "E os gatinhos? Você é uma moça tão bonita!" Fala sério! elas acham mesmo que vou contar minha vida pessoal? Acham mesmo que eu ligo qual era meu tamanho a 10 anos atras? WHATAHELL I'M DOING HERE! XOOOOOO sim isso foi o que pensei e gritei qndo me tranquei no banheiro... Gritei em inglês pq aí ninguém entenderia alias... elas ficavam fazendo piadinhas sobre minha paixão pelo Japão e soltavam piadinhas: "Vamos ter um sobrinho japonês!" pqp! Aqui não é MESMO meu lugar espero não ficar assim qndo velha' Sabe quando vc se imagina.

e) Sobre um episódio de briga com os pais

*Minha mãe chegou e entrei em casa. Pra quem não sabe, sou uma pessoa super descontrolada e me acalmo quando posto nos meus blogs. Amo escrever:) Infelizmente, meu pai decidiu me proibir de usar o PC , restando-me somente o notebook nos finais de semana. Lógico que uma semana sem terapia me deixaria louca, aliás... me deixou louca.; Hoje é sabado, dia de passar horas com a bunda sentada em frente a telinha interative, mas até isso me proibiram Tudo o que minha mãe havia prometido havia sido uma mentira... ela me iludiu DE NOVO! fiquei p***a da vida e comecei com mais uma crise minha.... Minha respiração falhava, comecei a gritar... pipipi, pápápá... Minha mãe chamou a ambulância pra me buscar, mas eu nem tava tãããã louca assim...(minha mãe adooooora um drama) a ambulância chegou e assim que a mulher viu meu estado percebeu que minha mãe estava dramatizando, e disse que eu poderia ficar em casa. lol Mas ela só foi quando prometi que iria ao psicólogo todas as segundas feiras... Ela disse que vou fazer uma terapia semelhante aos blogs, onde a gente escreve para se acalmar (nem é tão ruim) mas se vierem com agulhas (odeio agulhas) eu saio correndo! enfim...quem sabe assim meus pais enxerguem que escrever e compor musicas (o que faço de melhor) seja bom e não um vício...ps : estou na lan house enfim...obriguei meus pais a irem ao psicólogo tbm! tá pensando o que? que vou pgar esse mico sozinha? XD~~³⁷*

³⁷ Pagar esse mico: dar vexame.

f) Alguns comentários de blogueiros a respeito do episódio

Como dissemos anteriormente, os blogueiros possibilitam que os seus leitores comentem os seus *posts*. Trazemos alguns comentários feitos por outras adolescentes sobre o episódio acima descrito. Em virtude de ser uma rede de amigos virtuais que se identificam, normalmente os comentários vêm ao encontro das ideias do blogueiros. Se o blogueiro não gostar de um comentário, ele pode apagar.

A proibição do uso do computador ou os conflitos vividos com os familiares devem ser bem parecidos aos outros internautas. A proibição de usar o computador, apesar de ser negativa, leva a adolescente a buscar – e encontrar – formas alternativas, como as *lan houses*³⁸. A jovem diz que os pais devem entender que escrever e compor músicas são atividades que fazem bem a ela e não um vício, como os pais acreditam. Para tratar o que os pais veem como vício, entra em cena a psicologia. Na visão da adolescente, fazer terapia é constrangedor; por isso, ela solicita que os pais freqüentem um profissional.

1.Asaushausuahsuahsuahs Parece que toda pessoa inteligente que eu conheço tem seus atakes de loucura de vez em quando. Mas daí a chamar a ambulância, eh exagero. XD Tah bom jah linkei o love tbm. Bjnhus
2.nossa que história! Terapia?proibir de mexer no pc?isso deixa qualquer um doido mesmo.Vi o seu outro blog adorei os textos e a maneira como você escreve. Vou botar vocÊ na minha listinha de blogs prediletos

5.3. O Blog de Natália

Essa jovem participa de mais dois *blogs*, além do seu pessoal: o *Me deixa* e o *Jornal da Lua*. Pernambucana, 19 anos, foi morar no Rio de Janeiro aos três anos de idade. É universitária, faz o curso de Design. O seu *blog* tem o nome de *Cólica Mental*. Apesar de Natália ter 19 anos, sendo, então, bem mais velha que Helena, o fato de este *blog* ser um dos mais comentados na rede nos levaram a escolhê-lo. Para cada

³⁸ *Lan house*: estabelecimentos nos quais se vende o acesso à Internet por meio de vários computadores disponibilizados aos clientes. Há também alguns locais públicos que oferecem o serviço, tais como bibliotecas.

*post*³⁹ de Natália, ela recebe mais de 50 comentários, o que mostra que seu *blog* é muito lido e que ele possibilita o estabelecimento de intercâmbios entre os internautas. O outro motivo que nos levou a tomá-lo como objeto de estudo é a riqueza com que ela escreve sobre temas interessantes de sua vida e a respeito de suas angústias, indicando ser uma adolescente solitária. A escrita representa, nesse caso, o desejo de comunicar-se com o mundo para descobrir-se a si mesmo.

a) Sobre a definição de si mesma

Natália possui uma escrita diferenciada em relação às meninas trazidas até agora para este trabalho. É mais velha, universitária e escreve mais sobre seus pensamentos e angústias do que sobre suas atividades diárias ou saídas com amigas. Possui senso de humor e um sarcasmo dos acontecimentos cotidianos. No que se refere a si mesma, descreve-se como:

Um ser humano fantástico, com poderes titânicos... E que não se sente bem com pessoas efusivas. (Definição do perfil)

Sou persistente. Chata e persistente. Deve ser porque eu sou ariana.... Não, não é. Nem acredito nessas coisas. Quer dizer, só acredito quando me convém, e bem, no momento é indiferente. (Natália, 25/02/2008)

Dizem que toda mulher pernambucana possui sangue quente nas veias. Sim! Eu sou pernambucana! Vim de lá daquelas terras áridas do nordeste, no pau-de-arara, pra tentar a sorte grande aqui no Rio de Janeiro. É mentira! Eu vim de lá com 3 anos, porque meu pai, carioca da gema, resolveu trazer minha mãe pra vir morar com ele. Ai, ai... Alguém me traz um café com muita cafeína? (Natália 25/02/2008)

b) Sobre o escrever

Natália mostra toda a sua dificuldade de conversar com as pessoas, apesar de acreditar ter muitas coisas para serem ditas. A comunicação é restrita à escrita. Diz que se atrapalha quando está com pessoas; assim, a relação face a face é

³⁹"*post*", a forma substantiva do verbo "postar", refere-se a uma entrada de texto efetuada num weblog/blog. In: Wikipedia, a enciclopédia livre.mht

empobrecida. Afirma que a escrita lhe permite pensar muito antes de escrever e apagar aquilo que não convém. Diz que, se apaga, ninguém fica sabendo o que ela escreveu, só ela mesma e ela sabe guardar seus próprios segredos. Percebemos que a escrita possibilita ao autor pensar sobre o que escreve, podendo ele censurar os pensamentos e as emoções. Nas relações face a face, as emoções ficam mais evidentes e o verdadeiro *self* fica mais à mostra. Natália se protege pela sua escrita e vive o paradoxo de se esconder das pessoas reais e, ao mesmo tempo, possuir um *blog* muito comentado. Há uma necessidade da escrita como forma de contato consigo mesma, através de seus iguais.

Sabe, descobri por esses dias que não me sinto bem quando passo muito tempo sem escrever. Mentira, eu sabia disso há um tempão. Só queria escrever “descobri por esses dias”. Descobertas... Essas coisas. Então, eu poderia morrer se ficasse um grande período sem escrever uma linha que fosse. Não morrer de parar de respirar, morrer de verdade. Mas morrer por dentro, parar de respirar literariamente. Palavras ditas, pra mim, são as mais difíceis de fazerem e terem sentido. É que eu tenho muita (muita!!) coisa pra dizer, muita coisa pra expressar, e quando penso em falar tudo o que existe em mim, acabo me atrapalhando, e tudo o que sai são frases sem lógica. Totalmente atrapalhadas. E sem dizer o que eu realmente sinto, o que é pior. Tenho grande dificuldade em conversar. É que eu penso inúmeras coisas, todas de uma vez só...[Importante ressaltar: Eu consigo conversar decentemente com meu namorado, mas com ele é diferente... Sempre é diferente. Mas a explicação da diferença vem um outro dia, num outro post.] Já escrever não. Me permite pensar muito antes de desenhar qualquer letra. Deixa que eu me acalme, que eu sinta antes de expressar. E o mais importante: permite que o que me desagrada seja apagado, e pronto, ninguém vai saber que algo esteve ali registrado em algum momento. Só eu. E eu sei guardar segredos. (Natália, 17/02/2008)

c) Sobre o *blog*

Natália justifica a criação de seu *blog*, feita por meio de um amigo, meio por acaso. Afirma que não é só escrever que lhe dá prazer e sim “conversar” com as

peessoas do outro lado da tela, que seriam os comentadores. Afirmar ainda que seu *blog* é o seu diário.

*1 – Por que resolveu criar o blog? R: Meu amigo Vic tinha feito um blog, só que ~~a-mula~~ ele só permitia que usuários do blogger comentassem. Daí fiz, gostei e me viciiei. E, por acaso, ele nem usa mais o dele. 2 – O que te dá mais prazer em blogar? R: O fato de que posso escrever o que quiser, na hora que quiser e do jeito que quiser. E manter uma pseudo-conversa através dos comentários. Odeio admitir, mas esse blog é meu diário. *morre*3- Por que você deu esse nome ao seu blog? R: Porque Dor de Cabeça seria muito sem graça. (Natália, 30/03/2008)*

d) Sobre o isolamento e a solidão

Essa passagem do *blog* de Natália é importante no que diz respeito a sua solidão. Winnicott (1961a) comenta sobre o isolamento necessário no processo de identidade, mostrando que, muitas vezes, o adolescente precisa se refugiar na sua própria procura. Contudo, Natália não precisa se refugiar, não precisa buscar um espaço só seu; ela, em seu cotidiano, vive de forma solitária. Afirmar que fica sozinha em casa, todos os dias, até as 22h30min; diz gostar disso, pois pode cantar. Seus próprios amigos sentem o isolamento da menina, e ela afirma que ficar com pessoas é mais difícil. Os amigos (estaria ela falando dos amigos reais?) afirmam que ela é triste. A jovem fala que gosta de ser sozinha e de conversar com os amigos da Internet.

*Sabe, eu preciso dizer, agora é minha vez de ser sincera. Poucas pessoas me entendem, entendem o meu jeito de ser. Alguns não suportam a ideia d'eu ser autista por opção. Eu gosto de ser assim, é meu jeito, desde sempre. Ficar sozinha é mais fácil do que estar no meio de muitas pessoas. Falar sozinha soa mais sincero do que se eu contar o que penso ou sinto pra alguém. Às vezes eu sumo do mundo, não ligo pra ninguém, não dou sinal de vida, mas é assim que eu sou. Gosto dos meus momentos solitários e preciso deles. Mas quase ninguém entende, acham que eu sou uma garota triste, sem amigos. CARAL**, eu tenho amigos e não sou sozinha! Gosto de estar sozinha, é diferente. Tenho mais facilidade em conversar com pessoas através da Internet do que ao vivo.*

Cara a cara me sinto uma idiota. Parece que sempre vou fazer algo vergonhoso, mostrar um sorriso bobo, daqueles que te constrangem depois, quando você pensa neles. O que não quer dizer que eu não goste de ninguém, que não me apegue a ninguém. Pelo contrário, tenho uma facilidade incrível de amar. Não a qualquer um. Minha ideia de amor é muito grande e pura pra eu sair por aí oferecendo a quem quer que surja na minha frente. (Natália, 30/03/2008)

Não tenho lido livros. Nem visto filmes. Não quero fazer nada dessas coisas. Só quero escutar música. O tempo todo. O dia inteiro. Aprender a cantá-las. Aprender todas elas. Depois ficar andando pela casa, cantando mais alto que o próprio artista. Acreditando cegamente que minha voz é linda e que eu tenho performances encantadoras. (?) Pois tenho que aproveitar o fato de estar quase todos os dias sozinha em casa. Desde de manhã até umas 22:30. Não quero outra vida. Eu quero ser rockstar! (Natália, 7/03/2008)

e) Sobre a comunicação

Natália demonstra toda a sua fragilidade e a sua confusão. Afirma que o ato de escrever é para tentar se entender, decifrar-se. Há uma angústia que precisa ser decifrada para a continuidade da existência. Afirma que sua escrita fica também confusa; sabe que tem coisas para serem ditas, mas não consegue articulá-las. Diz que se tivesse que falar seria bem pior. Quer ser descoberta por alguém que a entenda; isso pode parecer um pedido de ajuda. Esse alguém poderia decifrá-la e contar-lhe quem ela é.

Daí que eu simplesmente não consigo falar o que penso, nem o que sinto....E as palavras ficam rodando e rodando e rodando incansavelmente pela minha cabeça. Parece que ela vai explodir. Que meu coração vai explodir. Que tudo vai explodir. Talvez fosse bom tudo ir pelos ares. Ou, pelo menos, só meus pensamentos presos. Pensamentos presos são tão ruins. Eles corroem a paciência. Corroem lenta e dolorosamente. Parece loucura, mas eu tento falar e tudo que sai é um suspiro longo e cheio de falta de esperança. Esperança de conseguir se expressar. Sabe quando você enche seus pulmões de tudo aquilo que deseja expor e de repente só sai ar? Ou então não sai coisa alguma? Nem ar? Sufocante...Eu consigo falar

*coisas inúteis durante horas. Não, inúteis não. Sem sentido. É, sem sentido é melhor. De repente eu vejo que escrevi milhares de caracteres e ainda não disse nada. Nada... Absolutamente nada. Mas, realmente, não tem nada para ser dito. É mentira! Mentira! Tem sim, tem muita coisa a ser dita. Só que estas coisas que estão aqui dentro resolveram não sair. Não querem parar de rodar pela minha cabeça. Aqui dentro deve ser bem interessante. Embora eu tenha quase certeza de que tudo seja esquisito. Sou um mistério pra mim. Alguém já disse isso, tenho quase certeza. Mas é bem verdade, sou um mistério pra mim. **Alguém podia me descobrir e me explicar. Talvez tudo ficasse mais fácil.** E isso não é dramático. Juro que não é. Aliás, é confuso. Estranho e confuso. Confusão demais nos últimos meses. Daí eu escrevo, escrevo e escrevo pra ver se entendo. Mas não, não entendo uma coisa sequer. E são muitas coisas. Muitas mesmo. E o texto vai ficar grande e ninguém vai querer ler e ainda por cima vão achar que sou uma louca desvairada. Me expresso "menos pior" com a escrita. Ela flui com uma facilidade incrível. E ainda assim não faz sentido algum. Imagina então o caos absurdo em que me encontro quando estou só com a fala? Não sei me expressar, não sei dizer o que quero de verdade. Insegurança...Daí que eu simplesmente não consigo falar o que penso, nem o que sinto....É confuso... Minha confusão. Não sei conversar. Quando eu crescer, quero conseguir falar tudo o que estiver dentro de mim. Amém. (Natália, 21/03/2008)*

f) Sobre a vida afetiva

Natália faz pouca referência a sua vida afetiva em seu *blog*. Se pensarmos na sua idade e que ela é universitária, praticamente não há assuntos referentes à festas, saídas ou mesmo à vida afetiva ou sexual. Trazemos um trecho que fala para seu namorado, uma espécie de declaração de amor. Apesar de parecer que possui uma vida afetiva e de ser importante para ela, esse post é um dos poucos que abrange este assunto.

Me responde uma coisa...

Como você conseguiu, hein? É, porque eu acho incrível essa coisa aí que você fez comigo. E não venha me dizer que não sabe, pois todos sabem. Sim, todos. É perceptível. "E até quem me vê lendo jornal na fila do pão, sabe que eu te encontrei." - Eu poderia ter escrito esse trecho da música. Culpa sua. É sim, todinha sua! Me diz: Por que

*mudar tudo desse jeito? E me fazer sorrir a todo instante? Mostrar que tudo pode ser bom, é só melhorar o ponto de vista? E ainda assim nunca me tirar da realidade. Você me transformou numa contradição ambulante. Hahaha. Ninguém nunca me mudou; **Eu** mudava as pessoas. Daí você chega, cheio de paciência e fofura, me encanta e *puft* transforma tudo. E me faz pensar em nome de filho, numa casa com quintal grande pras crianças e pro cachorro, nas bodas de prata, de ouro, de diamante e do que quer que seja. E eu só tenho 18 anos! Isso deveria ser um absurdo. Ai, como é que você fez isso? Lembra como eu era? Chata, sem paciência, totalmente fora de tudo o que eu achasse que tivesse um tom meio "nhé nhé nhé"? Então, daí que agora eu já acordo com sorriso no rosto. E isso sim é algo incrível. Eu, uma frustrada sem causa. Agora fico aí, olhando pro céu e pensando em você. Pensando num monte de coisas com as quais eu nunca me importei, que eu acreditava ser besteira. Achando tudo ótimo, mesmo que não seja perfeito. Dividindo minha vida. E eu gosto de estar com você, de beijar você, de apertar você, de brigar com você, de fazer as pazes com você. De te ver, ficar deitada na sua cama, conversar sobre milhares de coisas e sobre nós, apertar seu bumbum, mexer no seu cabelo, escutar os acontecimentos da sua vida, de te ver sorrindo, de pedir pra você fazer pipoca, de te deixar com raiva, te fazer sentir ciúme, de sentir uma penca de borboletas desvairadas no meu estômago, de deitar sua cabeça no meu peito e te cobrir de carinho, aprender coisas úteis e inúteis com você, de te ouvir falar sobre sua profissão e fingir que entendo tudo, de abraçar você... ai meu Deus... abraçar você...Sabe de uma coisa? Eu te amo. (Natália, 24/03/2008)*

g) Música

Neste post, Natália apresenta algumas músicas com que se ela identifica; escolhemos uma música brasileira. Ela afirma que parece que foi escrita para ela. A música tem uma melodia triste e mostra a solidão e o não contato consigo mesmo. É como se a pessoa não conseguisse encontrar-se a si mesmo, como se fosse um desraizamento.

Adriana Calcanhotto - Metade
"Eu perco o chão, eu não acho as palavras
Eu ando tão triste, eu ando pela sala
Eu perco a hora, eu chego no fim
Eu deixo a porta aberta

*Eu não moro mais em mim
 Eu perco as chaves de casa
 Eu perco o freio
 Estou em milhares de cacos, eu estou ao meio
 Onde será que você está agora?"*

Música certa em momentos de tristeza total. Parece que foi escrita por mim. (Natália, 11/04/2008)

h) Sobre sua angústia

Nem tenho certeza do que me incomoda tanto, só suspeitas. E eu nunca conversei tanto comigo mesma antes de dormir. Essa noite, por exemplo, eu devo ter pensado em 10.000 coisas, e nem é exagero (só um pouquinho). Sabe aquela frase do Friedrich Nietzsche que diz: "E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você."? Então, todas as noites eu tenho olhado fixamente pro escuro, que é componente principal do abismo, e ele tem olhado fixamente pra mim. E fica nessa troca de olhares infinita e eu pude perceber que o escuro é tão confuso quanto eu. E que existem muitas coisas lá, mas que não dá pra ver, só sentir. E eu queria saber como é o escuro....Ah, nem sei porque tô usando essas metáforas baratas de livro de auto-ajuda se eu odeio tanto isso! Ontem de noite, quando eu estava quase entrando em depressão (mentira), chega uma carta pra mim. Era da Raquel. Tinham umas palavras bonitas e fofas escritas numa letra miudinha demais, mas muito legível, e uma barra de chocolate. Eu sorri até as bochechas doerem horrores e devorei a barra de chocolate em 10 minutos (ou não, porque minha relação com o tempo é muito conturbada). Ah, menininha, você é bruxa! Tudo bem, não é porque eu sei que você tem medo dessas coisas. Mas, hmm, aí, parece que você mandou a carta num determinado dia pois saberia que o dia em que ela chegaria até mim estaria sendo um dos mais ruins desse ano. O pior de tudo é que parece que essa crise maldita está me deixando super triste, mas nem está. Só estou me sentindo sufocada, porque nem saber o que devo fazer eu sei. E isso nunca aconteceu. Só uma vez, ano passado, pra dizer a verdade. Mas tinha motivo, e eu estava realmente triste e eu sabia que era o pior momento da minha vida. E eram tantas coisas de uma vez só que por isso fiquei sem saber como deveria agir. Parece que o mundo está acontecendo em outra frequência e eu não estou conseguindo me ajustar, e, poxa, isso é tão ruim. Não que eu queira estar igual a todos, mas não quero me

sentir tão... tão... avulsa. Porque minha frequência sempre foi outra, só que de repente ela ficou toda desregulada (é assim que se escreve?) pra mim. E não se encaixar naquilo que você é, nossa, terrível. E... Ah! Já chega! Vou calar meus dedinhos. (Natália, 10/04/2008)

i) Sobre uma amiga virtual

É apresentada a nova forma de comunicação e de relacionamentos. Natália fala da amiga em sua página. É uma amiga virtual. Nunca se viram pessoalmente. Além de contatos através dos *blogs*, elas viraram amigas de contato diário através do MSN. A jovem diz não ser fácil entender a amizade entre as duas, pois nunca se viram, mas acredita na relação verdadeira e diz sentir amor pela amiga virtual.

Eu a imagino baixinha, já que ela disse que tem mãos pequenas. Aliás, imaginava, visto que ela me disse que provavelmente é mais alta que eu. Não que eu seja uma girafa, mas pensei que ela, pelo menos, fosse mais baixa, tipo 1,55m. Ia ser mais fofa ainda! Qualquer pessoa mais baixa do que eu é muito, muito fofa. E bem, não é fácil de entender porque eu gosto tanto dela, afinal, nunca nos vimos e o máximo de contato foram 25 minutos ao telefone (ou não, pois não tenho muita noção de tempo). Nos conhecemos a quase 3 meses e nosso contato é diário, via msn. Não faço ideia de como seja seu rosto e se ela tem alguma mania enquanto fala ou anda. Mas não importa, pois sinto como se nos vissemos todos os dias; Como se fossemos amigas de infância. Algo como: amiga de infância que me foi apresentada aos 18 anos. Eu sei que não é fácil entender, mas na verdade, nem precisa. Eu sinto. Sinto muito amor por ela. E pra mim, é isso mesmo o que importa. Amo você, menina fofa e mordível. (Natália, 12 /04/2008)

j) Sobre querer viver em outro tempo

Em muitas situações, Natália fala de seu sentimento de não pertencer ao lugar em que vive, ou ao seu tempo; um sentimento de exclusão da própria vida.

Eu sempre soube, sempre tive a certeza que dentro de mim habitava uma velhinha de 87 anos. O que eu não sabia é que esta adorável idosa ia começar a dominar meu estado físico e mental. Minha memória está pior do que nunca, estou sem paciência para aturar qualquer indivíduo que

se atreva a cruzar meu caminho, sinto saudades dos tempos de mil novecentos e lá vem bolinha (hahaha), reclamo de tudo o tempo todo, estou adorando, mais do que o habitual, ficar sozinha em casa escutando minhas músicas e as dores da idade se alastram pelo meu corpo. Sem contar que o tempo todo penso em como esta juventude está perdida, meu Deus! Estou vendo preço de bengalas e andadores. Na verdade não, porque a aposentadoria não me permite esses luxos. E por falar em bengala, meu sonho é ter uma igual a d'O Demolidor, sabem? Gente, faz até café! Mas O Demolidor tem uma vantagem sobre mim: Ele é cego; fora os olhos tá inteiraço. Já eu sou uma velha caindo aos pedaços, a bengala não me serviria pra nada. Além do mais, tudo o que eu quero neste momento é ter uma vida pacata, me dedicando por inteiro a casa, a família e a ser feliz com meu veio. Essa última frase inteira foi uma grande mentira, mas eu queria fazer alguma alusão ao dia dos namorados. Que aliás passarei **sozinha** porque meu broto vai estar estudando. Uma calamidade. (Natália, 12/06/2008)*

Mas então, eu tava falando com meu 'terapeuta' sobre o quanto eu queria ter nascido na década de 50. Sabe, tinham tantas inovações, tantas coisas surgindo. Não sei se era realmente uma época tão fervilhante quanto parece, mas ainda assim tenho uma saudade muito grande do que não vivi. Saudade daquela época. Principalmente depois que o Nx Zero apareceu na capa da Rolling Stones. E o pior: pelados. Nem me admira se a edição do próximo mês vier com a Joelma e o Chimbinha do jeitinho que vieram ao mundo na capa. Calypsooooooooooooooooooooo! (Natália, 14/07/2008)

I) Sobre a família

Considero um *post* importante para compreender a solidão de Natália quando ela fala de sua família. Há um distanciamento de sua família e um sentimento novamente de exclusão.

Não entendo porque parece ser crime contra a humanidade o fato de alguém não se dar bem com a família. Família que eu digo mais pai e mãe mesmo. Muita gente acha um sacrilégio. E eu acho um absurdo pensamentos como este Sabe, eu não sou a mais amada da família. Hahaha. Aliás, quase sempre que é dado um mal exemplo, meu nome tá no meio. Mas calma, não sou

traficante de drogas e nem aliciadora de menores. É que 60% da minha família é evangélica e eu sou ~~de-demonio~~ uma pessoa, digamos assim, sem crenças religiosas. Mas não sou atea, atoa ou sejá lá qual for o feminino de ateu. Pelo contrário, acredito em Deus, mas não da forma como a maioria acredita. Resumindo, me identifico demais com a Gnose. Bem, mas não é sobre religião que quero falar, e sim sobre relacionamentos. Então, daí que por esta diferença de pensamentos e atitudes, infelizmente fica bem difícil uma aproximação. Até porque eu não me esforço pra isso. Falo mesmo. Não acho que um filho seja obrigado a amar os pais. Aliás, ninguém é obrigado a amar ninguém. Assim, eu serei eternamente grata a eles por sempre terem dado uma importância enorme a minha educação e terem me dado o melhor ensino que nossas condições financeiras permitiam. Mas não sei, talvez nunca passe disso, de gratidão. Eu só não entendo o porque de quando falo isso, as pessoas ficam chocadas. Não entendo mesmo. Ok, seria lindo se todas as famílias fossem a perfeita réplica das famílias de comercial de manteiga. Todos saudáveis, com dentes perfeitos e se amando descaradamente. Mas, por sorte, perfeição não existe. E pra quem defende a obrigatoriedade do amor entre familiares, faz um favor: NÃO ME VENHA COM SUAS CRÍTICAS CONSTRUTIVAS! Obrigada. (Natália 25/07/2008)

m) Sobre pessoas

Neste exato momento (11/07 - 10:02min) minha casa está cheia de pessoas que eu não gosto. Que eu não gosto mesmo! Fui obrigada a ficar 7 segundos (novo recorde) sorrindo imbecilmente e fingindo amar as pessoas e a natureza. Eu não vou falar novamente sobre o fardo que é fazer a social. Mas que isso me irrita, irrita e muito. Eu não sei gostar das pessoas. É isso. Pessoas são chatas, tem manias irritantes, falam o que não devem, fazem brincadeiras idiotas, falam 'eu te amo' pra todo mundo, elogiam o tempo todo, sorriem o tempo todo e realmente acham que fingir ser feliz 24 horas por dia vai servir pra mudar alguma coisa em suas vidas patéticas (revoltinha mode on). Eu não me incluo no grupo 'pessoas'. Estou no grupo 'monstrinhos'. Mentira. Quer dizer, nem sei se é mentira mesmo. Por isso gosto tanto da Internet. Sem contato visual. Yeah! Se eu não quero mais falar com alguém, é só inventar uma desculpa qualquer, colocar um status ausente e pronto, tá resolvido. Sem constrangimentos ou peso na consciência. Mas, só pra deixar bem claro, eu não estou sozinha nesse grupo seletor.

De primeira, sem nem pensar, eu incluo minha [sócia-amiga-de-infância](#). É impressionante como somos parecidas e ao mesmo tempo, graças aos céus, tão diferentes. Sim, Babs, pra mim você é um monstrinho também. Amor, case-se comigo.

"Desde criança sou apaixonada por música. Lembro que quando chegava do colégio, pegava meus discos, colocava na vitrola e ficava a tarde inteira dançando. Era a parte mais legal do meu dia e eu não trocava por nada desse mundo. Lembro também que na antiga casa onde eu morava havia um quintal enorme. E também havia um porão e algumas árvores. Volta e meia eu inventava alguma história dentro da minha cabeça onde havia monstros no porão e eu corria por entre as árvores pra fugir, e escorregava num aglomerado de pedras que tinha do lado da casa do meu avô e eu gritava "Eu vou acabar com você, monstro!!"... E vencia meu medo e entrava no porão e falava umas palavras sem sentido e depois dizia "puft, você já era!". E daí eu voltava pra casa e outra vez colocava os discos e dançava por mais algumas horas. Mas sempre sozinha. Nunca fui de ter muitos amigos, mas eu sempre gostei disso, pra ser sincera. Achava as pessoas estranhas desde criança. Certa vez, isso na 2ª série do primário, se não me engano, algumas meninas chegaram e disseram: "Amanhã vamos trazer nossas Barbies. Traz alguma sua. Você pode ser nossa amiga." E eu disse: "Pois eu vou trazer meu álbum dos Cavaleiros do Zodíaco e não quero saber o que vocês vão pensar!" E saí de cabeça erguida. Hahaha. As meninas sempre faziam muitas intrigas entre elas mesmas. Eu achava aquilo tudo muito sem graça. Por isso andava muito com os meninos. Eles tinham umas brincadeiras tão legais. Aliás, meninos são muito mais legais do que meninas. Hahaha. Sempre pensei isso e sempre vou pensar."

Pedaco de um e-mail que mandei pro meu 'terapeuta', anteontem se não me engano. (Natália, 11/07/2008)

Há uns meses atrás eu estava no ápice da felicidade por estar voltando a postar no blog. Porém, há alguns dias, penso praticamente o tempo todo em assassiná-lo friamente. Só que não consigo, não sei, é como se ele fosse parte e mim. E, céus, isso é sério! E é sério também minha facilidade de amar (sim, amar) coisas materiais, como meu computador, e abstratas, como este blog, e não conseguir me apegar as pessoas. E não tem nada a ver com acontecimentos passados, pessoas que me fizeram sofrer horrores e essas coisas tristes e traumáticas. Não, não é isso. Já nasceu comigo, não sei. Algo do tipo. O que não quer dizer que não me importe com as pessoas. Pra

falar a verdade, eu me importo com todo mundo, e muito. Se vejo alguém na rua chorando, sinto uma dor no peito e vou lá tentar ajudar, nem que seja pra ouvir o que a pessoa tem a dizer, só para que ela se sinta mais leve. Sempre tento fazer com que os outros se sintam bem. Não sei, não sei explicar minha dificuldade de amar, de me apegar. Sinto que existem muitas pessoas dentro de mim. Daí um dia, conversando com minha consciência, fiz a auto-análise e descobri que sustento 10 personalidades. Claro que auto-análises não são nem 70% confiáveis. Mas eu tentei ser o mais imparcial possível e, bem, tô beirando a esquizofrênia. Iupi! Minha mãe diz que sou muito inconstante e que é sempre difícil conseguir me agradar. Diz também que se eu não mudar isso vou terminar meus dias sozinha, porque não há quem aguente uma pessoa tão incerta, tão "variável". Mas que eu posso fazer? Ontem vi um filme em que a menina estava sentada no balanço em uma árvore olhando pro chão e pensando na vida. Eu faria tudo pra ser aquela menina. E usar as roupas dela porque, nossa, um charme. Gosto de acordar e encontrar o silêncio absoluto. Sinto um mal-humor gigantesco pela manhã. Fico muda. Odeio que venham falar comigo e, principalmente, me abraçar. Odeio! Odeio! Tenho medo de virar uma velha rabugenta. Uma velha rabugenta que mora em um apartamento escuro com mais 3 gatos. E só. (Natalia, 05/05/2008)

Me expliquem? Pra que isto serve? Pra ficar com cara de idiota constrangido? Provavelmente. Não há nada pior nessa vida do que sua casa estar cheia de pessoas que você mal conhece e, por educação, você ter que ficar fazendo sala. Minhas sociais duram 10 segundos e eu ainda estou tentando bater meu próprio recorde. Algum dia será:- Oi... Tchau. \ó/ Não gosto muito dessas obrigações sociais. Fazer o quê?... Esse é meu jeito. É porque, sabe, você fica lá, com o sorriso amarelo em stand by, respondendo monossilabicamente, rindo das piadas sem graça... Essas coisas. E como eu sou tão sutil quanto um elefante bêbado, todos percebem que estou achando um martírio ficar ali presente, me fingindo de boa-moça-sociável. Lembro quando minha mãe entupiu a casa com as amigas do trabalho. O pior dia da minha vida.

Mãe: Ah, fiquem a vontade. A casa é de vocês.

Eu: (Vão embora, vão embora) Oi! Tudo bom

Amiga 1: Como você cresceeeeu! (aperta minha bochecha quase inexistente)

Amiga 2: Olha que linda! Os olhos azuis! Que gracinha! (aperta minha bochecha)

Amiga 3: Lembra quando ela era piquitinha e ficava lá atrapalhando a gente a trabalhar? (aperta minha bochecha)

Eu: Hahaha, eu fazia isso? Juuuuuura? Ui, que vergonha...

Amiga 3: E ficava gastando folha da máquina de escrever. Uma graça.

Eu: Ah sim, sei... Que coisa. (Daí um avião passa e eu penso: Avião... Cai aqui avião...)

Amiga 1: E aí, Marlene (minha mãe), ela é muito namoradeira?

Eu: Er... Vou pro meu quarto.

Mãe: Fica aqui!! Ah, que nada. Uma santinha essa minha filha. Pelo menos eu acho. Anda, filha, diga.

Eu: Ah, sou muito quietinha. Um anjo. Pois é. Vou pro quarto, mãe.

Mãe: Fica aqui!

Amiga 2: Deixa ela ir, mulher! Tá vendo que ela tá de saco cheio da gente, não?

*Eu: *bastante vermelha* Não, não é isso não! Por favor. Não é isso. É que tenho que estudar (não, não tinha)... Com licença. Cara, que vontade de fugir pra bem longe dali. Terrível! Ou então matar a todos. Não, isso não. (Natália, 1 /06/2008)*

5.4 O *Blog Me Deixa*

O blog *Me deixa* foi criado por Natália e mais dois amigos: Ciça, 21 anos, estudante de Biologia, mora em Belo Horizonte, seu *blog* é *O Céu o Sol e o Mar*; e Felipe, 21 anos, de Belo Horizonte, seu *blog* é “*O Ritmo da Chuva*”. O *Me deixa* foi criado em 2007, para que as pessoas pudessem desabafar sobre o seu cotidiano. Eles explicam o porquê da criação:

Por que?

Nem sempre podemos sair falando tudo que pensamos e, principalmente, com quem queremos. Mas aqui tá tudo liberado. Podemos xingar, gritar, falar palavrão, ser sincero e desabafar. Então... Me deixaaaaaaaaa!

Apresentamos alguns *post* colocados por blogueiros, o que representa para eles um desabafo. São, em sua maioria, expressões de cansaço de aceitar questões que não são suas e sim de um mundo adulto, o qual começa a cobrar posturas mais responsáveis diante da vida, seja na área afetiva, na área social, ou mesmo em relação

ao seu próprio corpo e em relação a questões familiares. Esses desabafos nos mostram que há um desgaste na tentativa dos adolescentes de se esforçarem muito para ganhar o *status* de adulto, ficando desconfortáveis nessa nova condição. Além disso, fica evidente a tentativa de uma existência própria, mas que não é possível por conta de convenções sociais ou familiares, prevalecendo o falso *self*. No entanto, em função da irreverência do adolescente, este busca um local protegido do olhar do adulto por meio do qual possa se expressar. O *blog* configura-se como um espaço só deles, onde buscam dividir com outros a pressão que sentem diante da vida.

To cansada de gente me dizendo o que fazer ou o que não fazer... Falando da minha responsabilidade e tals...Aaaai, ai. Que saco! To sem paciência. Me deixa !
(Ciça, 09/11/ 2007)

To cansada de ter que dar satisfações pras pessoas do porque eu estar solteira. To cansada de sair com amigos e namorados de amigos. To cansada de ouvir que arrumo namoradinhos fantasmas, que ninguém nunca vê, só ouve falar. Sei lá, tô muito sem paciência.
(Ciça, 24/04/2008)

Tô cansado de sorrir sem querer. De dizer que está tudo bem, sem estar de fato. Quer saber?! Me deixaaaaaaaaaaaaa... E não me pergunta porra nenhuma, caralho!
(Felipe, 4/11/2007)

Odeio ficar menstruada! Odeio ter TPM, odeio ficar chata, odeio ter cólicas e dores nas costas. Odeio ficar triste, ficar pessimista, ficar chorona. Odeio odiar todo mundo, achar tudo um saco, não ter nenhuma paciência para absolutamente nada. Odeio sangrar muuito, odeio absorvente, odeio todo o desconforto que menstruar me causa. Adoro quando tudo isso acaba, adoro conseguir conversar novamente com as pessoas, adoro ficar de bom humor, adoro acreditar que o mundo pode ser bem melhor. Odeio pensar que em 28 dias começa tudo de novo...
(Deb, 8/07/de 2008)

Não é um absurdo você se dispor a ajudar alguém e não ouvir sequer um obrigado?E, depois de dias fazendo tudo

o que a pessoa te pede, ouvir muita reclamação? Falando que você não faz nada certo e etc e tal. Aaah! Não aguento isso! É impressionante a falta de sensibilidade de algumas pessoas. Inclusive eu achei que o fato d'eu estar ajudando, assim, o tempo todo, fosse fazer com que nos aproximássemos, mas a minha mãe-darth-vader não é normal! E eu sei que mães sempre nos trazem dores de cabeça fortíssimas, mas a minha está proporcionando sequelas por todo o meu lindo corpinho...Me deixa! E saiba reconhecer meus esforços... Hunf!
(Natália, 29/04/2008)

Gente, posso falar? Eu odeioooooo neguinho que fica tomando conta da vida dos outros. Mas odeio muuuuito mais neguinho que, além de tomar conta da vida dos outros, inventa mentirada e fofoca. Pau no cu dessa galera toda. E ó: vou tomar conta da minha saúde... Porque da minha vida tem muita gente pra cuidar! Pronto, falei!
(Felipe, 21/05/2008)

CAPÍTULO VI

ANÁLISE CLÍNICA

Somos muito pobres se somos apenas são.
(Winnicott, 1945d apud Phillips, 2007[1988]: 123)

A análise deste presente trabalho parte de uma situação clínica e baseia-se na teoria psicanalítica de D. W. Winnicott, assim como em nossa vivência como psicoterapeuta e psicanalista que tem experiência no cuidado com adolescentes e suas famílias. Partimos das duas principais personagens deste trabalho, Helena e Natália, mas comentamos sobre as escritas de Biik e Lovelace, adolescentes mais novas e que vivem as suas angústias. Falamos também do *blog* coletivo mencionado, uma novidade em termos de expressão sobre o que os adolescentes pensam de si e do mundo, de uma forma compartilhada.

Helena

Sobre a definição de si mesma, parece que a personagem mostra-se como uma menina típica do interior de idos anos, mas a personagem vive os conflitos e momentos típicos da fase da adolescência. Define-se como rebelde e diferente de seus familiares; acredita que a família é conformada e resignada com a vida e com o mundo. Não entende porque ela foi criada nessa família e, mesmo assim, tem o gênio diferente. Afirmar que os familiares não a entendem. Além disso, a mãe dizia que a filha queria aproveitar tudo da vida e que isso não era certo, ao passo que a menina não entendia que a vida seja feita só de sofrimento. Para Winnicott, essa rebeldia é inerente à saúde e está presente independentemente da época em que o indivíduo esteja (Winnicott, 1961a: 125).

A relação com os pais parece tranquila na maior parte do tempo. O casamento dos pais é uma boa referência quanto ao aspecto afetivo, diferenciado dos costumes de seus familiares. Apesar disso, Helena queixa-se da ausência dos pais, visto que o pai trabalhava longe e a mãe trabalhava muito em casa, não tendo tempo para

dedicação exclusiva aos cuidados com os filhos. Em relação aos pais, Helena tem opiniões opostas em diferentes momentos de sua escrita, quando o assunto é a reunião familiar. O encontro familiar parece ser constante e ora aborrece a menina, devido às histórias infinitas do pai, ora ela descreve que tais reuniões são um de seus maiores prazeres.

Além dos pais, a rede familiar era de constante presença na vida da menina. Mesmo com problemas e conflitos, a família reunia-se em festas, permitindo um convívio afetivo. A avó de Helena era referência positiva e dava à jovem a sensação plena de pertencer àquele lugar e de ser amada. A relação é suficientemente boa e a menina sabia que poderia voltar e pedir ajuda a essa avó, pois o ambiente era acolhedor e confiante. A tia mencionada em seus diários também aparece como uma pessoa afetuosa com Helena, embora a cobrasse para ser como as outras meninas inglesas. Isso a aborrece, porque a menina não aceita soluções para sua vida, vindas de fora, que não sejam suas e autênticas; ela precisa fazer suas buscas internas. Helena ainda fala de seu descontentamento em ser mulher e diz invejar as coisas que os meninos podem fazer. É interessante esse posicionamento, pois Natália também o faz em relação aos meninos.

Winnicott (1967: 7) afirma que os jovens têm uma desilusão pessoal a respeito ao mundo dos adultos e identificam falsos valores. Isso pode ser visto com a crítica que Helena faz da comunidade em que vive em relação às crenças desta. Ademais, houve uma grande decepção diante de inventários e herança quando da morte de sua avó. Ela questiona o mundo e os posicionamentos religiosos, desafiando os costumes da família e da comunidade em que vive.

Em relação às amigas, Helena só fala mais no último ano de sua escrita, já com 15 anos. Acreditamos que nesta fase houve uma identificação com as amigas da escola. Antes desse período, parece que Helena era rechaçada pela sua diferença cultural entre as meninas da região. A menina entrava em conflito com suas amigas no que diz respeito aos namoros, e esse tema não é muito retratado (não é retratado no diário ou não havia ainda interesse).

A prática da escrita em diários permitia à Helena um refúgio em si mesma e uma possibilidade da privacidade. Não havia espaço para um isolamento em seu cotidiano, e também não havia confiança em alguém com quem pudesse dividir suas angústias e conflitos. Dessa forma, entendemos que o isolamento era necessário para que essa jovem pudesse fazer suas descobertas pessoais. O tempo em que passava

escrevendo era o tempo dedicado a si mesma e, de alguma forma, esse hábito solitário era valorizado pela família.

As pessoas eram muito presentes na vida de Helena e havia uma rede social e contato direto com a família, além das festas familiares e o envolvimento de todos em tudo o que acontecia. Essa rede de proteção familiar permite ao jovem as descobertas pessoais.

Quanto às questões afetivas/sexuais, Helena fala da pressão externa que sofria por não se interessar por algum garoto. Não existe o tema do sexo em seus escritos.

De acordo com Lobo (2007), a escrita dos diários tinha como perspectiva impossibilitar que as jovens entrassem em contato com questões de domínio “público” – era uma estratégia de mantê-las no espaço privado familiar, preparando-as para a manutenção da família através da aprendizagem e desenvolvimento das habilidades relativas aos afazeres domésticos. Isso pode explicar que a prática da escrita era incentivada em meninas. Entretanto, podemos vislumbrar, com o diário de Helena, que este tem outras funções – e a principal delas é a possibilidade do autoconhecimento, do reconhecimento de seu processo de construção de si circunscrito por um contexto marcado por um tempo específico (fim da escravidão), num contexto sócio-cultural e familiar específico.

A escrita de Helena é ritmada como os seus dias, uma vida lenta e pacata. O fato de a escrita ter um tempo pequeno (três anos) nos mostra que esse tempo foi necessário as suas buscas internas; depois, houve o abandono da escrita em diário.

Natália

A escrita de Natalia é diferenciada, contemporânea e de um humor proeminente; o texto é rápido e informal, porém, ao mesmo tempo, é denso, recheado de angústias. Sua solidão é muito evidente em suas palavras, assim como o seu afastamento social. Afirma não saber estar em contato com as pessoas e se define como “autista por opção”. Sua relação face a face é empobrecida no que diz respeito à família e aos amigos. Prefere escrever a conversar com as pessoas, visto que precisa pensar no que diz e a escrita a protege dos constrangimentos das relações reais. Natália vive o paradoxo de se esconder das relações pessoais reais e de possuir um *blog* muito comentado, no qual conta a sua vida e suas angústias. Na perspectiva winnicottiana,

aproximamo-nos do paradoxo do adolescente de viver o dilema que pertence à coexistência de duas tendências: a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado. Com dito anteriormente, segundo Winnicott, *é um sofisticado jogo de esconder em que é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado* (1965j[1963]: 169).

O paradoxo de Natália é justamente o medo de não ser encontrada, de não ser vista, ao mesmo tempo em que necessita se esconder das pessoas ao seu entorno. Afirmo que morre por dentro se ficar sem escrever, pois tem muita coisa para falar, mas, para a menina, palavras ditas são as mais difíceis e saem de forma atrapalhada. Ela reconhece que seu mundo interno é imenso e que, ao utilizar a escrita, tem chance de pensar e apagar as inconveniências. O nome de *blog* é *Cólica Mental*; ela afirma que deu esse nome porque *Dor de Cabeça* seria muito sem graça. Apesar disso, um ou outro nome revelam a identidade de uma menina com muitas coisas para serem ditas a respeito de si, o que traz, de alguma forma, uma dor ou sofrimento, e mostram que é solitária a ponto de revelar-se apenas para o seu computador.

Para Schittine (2004), o motor que move a escrita de um diário é a vaidade do autor e que este sempre precisou de um interlocutor, todavia a espera que seus escritos despertassem a curiosidade do outro era reprimida. *Sendo assim, o diário na Internet vem assumir o pecado da vaidade no escrito íntimo Ele é a prova de que o diarista pretende falar sobre si e espera que um grupo de pessoas se interesse e goste do assunto* (Schittine, 2004: 12). Se formos pensar nestes termos, em todo aquele que escreve diário ou *blog* prevalece do uso do falso *self*, e não a verdadeira comunicação, por conta da vaidade de ser lido. Contrapondo-se a essa ideia, Lobo (2007: 71) afirma que só na sociedade virtual pode-se ser sincera; a autora entende que, no mundo virtual, é possível às pessoas dizerem mais livremente aquilo que pensam, o que vivem e o que são.

Natália afirma que gosta de estar sozinha, mas que as pessoas não a entendem. Também expõe que gosta de seus momentos solitários e que às vezes some do mundo, não querendo ver ou falar com ninguém. Passa os seus dias sozinha, em casa, e diz que o tempo todo só escuta músicas. Sente-se confusa e estranha e, em muitas situações, embora haja coisas demais em sua cabeça, não consegue falar. Em um trecho afirma: *alguém podia me descobrir e me explicar*.

A escrita é necessária para fugir da solidão, quando se pode efetivar a busca de si mesma. A solidão muito intensa e contínua leva o indivíduo a ir ao encontro

do outro para ver a si mesmo. Como comentamos anteriormente, o indivíduo que se afasta das relações com os outros, para Winnicott, experimentou inicialmente fortes impactos, necessitando isolar-se, a fim de poder preservar o núcleo do *self* de uma violação (Abram, 2000: 251). A solidão pode ser uma consequência ativa do abandono afetivo que os pais exerceram no início da vida do filho e que continua à época da adolescência. A solidão efetiva, ou seja, aquela em que a pessoa não tem contato com outras pessoas no seu cotidiano, causa retraimento afetivo.

A não possibilidade de viver em um ambiente que favoreça a capacidade de ficar só inviabiliza o estado de efetiva solidão, o qual Winnicott considera sofisticado (Winnicott, 1958g [1957]: 32). Assim, Natália apresenta mais uma contradição, compreensível do ponto de vista da teoria winnicottiana, que é a sua incapacidade de ficar só, pelo fato de ficar muito tempo sozinha, ou seja, a capacidade de ficar só está ligada a alguém que sempre teve pessoas presentes. Natália afirma em suas falas que gosta de ficar sozinha e de que sempre foi assim, desde criança. Contudo, em outros momentos, afirma que fica muito com seus pensamentos e que isso a aflige. Ela diz, em uma de suas escritas: *eu nunca conversei tanto comigo mesmo antes de dormir*. O computador entra no lugar dessa incapacidade de ficar só; ela tem que estar “ligada” em seu computador (ou a alguém). Afirma Natália: *é sério a minha capacidade de amar (sim, amar) coisas materiais, como meu computador, e abstratas, como este blog, e não conseguir me apegar as pessoas*.

Como explica Winnicott (1961a: 124), a vida dos indivíduos deve ter sentido próprio e, quando tal sentido de si não parece seu, ele pode parecer falso e enlouquecer o ser humano. A adolescência é o momento em que essa busca por si está mais intensa e há o desejo de encontrar soluções autênticas para o seu crescimento. Natália mostra em seus escritos muito momentos nos quais sua vida não tem sentido e a ideia que sua vida não é verdadeira, ou é muito confusa. Registra Natália: *e se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você? Então todas as noites eu tenho olhado fixamente pro escuro, que é componente principal do abismo e ele tem olhado fixamente para mim. E fica nesta troca de olhares infinita e eu pude perceber que o escuro é tão confuso quanto eu. E que existem muitas coisa lá, mas não dá pra ver, só sentir. E eu queria saber como é o escuro*.

Outra passagem de Natália que mostra seu desajuste é: *parece que o mundo está acontecendo em outra frequência e eu não estou conseguindo me ajustar, e poxa, isso é tão ruim. Não que eu queira estar igual a todos, mas não quero me sentir*

tão...tão...avulsa. Porque minha frequência sempre foi outra, só que de repente ela ficou toda desregulada. Natália também fala do sentimento de não pertencer ao seu tempo, ela diz: eu sempre soube, sempre tive a certeza que dentro de mim habitava uma velhinha de 87 anos (...) tenho uma saudade muito grande do que não vivi. Saudade daquela época.]

O momento em que Natália aponta para um desenraizamento de sua vida e uma profunda tristeza é quando se identifica com a música Metade (Adriana Calcanhoto). É uma música que fala de perdas, de um si mesmo fragmentado, que não está inteiro (está em cacos). Conforme aponta Winnicott (1963: 72), poderíamos identificar tais sentimentos como as *agonias impensáveis*, os medos que o homem sente da quebra da linha do ser ou o medo da perda do contato com a realidade, assim como da sua integridade de ser no mundo. A música melancólica mostra a fragilidade do indivíduo e do sentimento de não pertencer, do sentimento de estrangeiro de si mesmo. A letra termina com a personagem em busca de alguém (*Onde será que você está agora?*)

As músicas, a poesia, os filmes e livros são as referências apontadas pelos adolescentes, de forma geral, que se veem refletidos em seus percursos no momento de sua *zona de calmaria* (1961a:122). Flórido (2000) diz que o uso pessoal dos objetos da cultura compartilhada faz uma ancoragem, tomando os jovens contato com a capacidade criativa de si mesmo. Para a autora, tais objetos amenizam de alguma forma a dor do exílio. Safra (2004) traz a perspectiva em que o rosto humano não é para ser encontrado apenas pela mãe, mas ainda na cultura e no aspecto social. A poesia, por exemplo, tem um valor semelhante ao ícone: devolve o rosto humano ao ser humano. É possível encontrar um poeta antes de alguém como interlocutor. É uma estética que revela o ser. Dessa forma, Natália, utiliza-se de objetos, formas, cores e ritmos com seus amigos virtuais, tão perdidos ou sensíveis quanto ela, para encontrar uma interlocução no seu processo de continuidade do *self*.

Loparic (1996) propõe que a obra winnicottiana pode ser interpretada como aquela que entende as angústias do homem quando este se vê diante do encontro com o mundo inesperado e incompreensível, o que levaríamos a confirmar que o ponto central teórico do adolescente é o amadurecimento humano e não a sexualidade freudiana. Sendo assim, Natália mostra-se em seu *blog* como uma menina que vive intensamente suas perdas e sua falta de integridade com o mundo. Podemos pensar em uma descentralização da sexualidade em seu processo de amadurecimento pessoal.

Natália é uma adolescente que, antes de poder fazer algo, precisa *ser* e criar a capacidade de *ser* para chegar a sua identidade pessoal. Natália fala pouco de questões afetivas e sexuais, apesar de deixar claro em seu *blog* da existência de seu namorado e que este é uma pessoa importante em sua vida. Apesar disso, a característica central de sua escrita é a procura de si mesmo, assim como de suas angústias.

Sobre a sua família, Natália fala de uma forma distanciada e com um sentimento de exclusão. Afirma: *não entendo porque parece ser crime contra a humanidade o fato de alguém não se dar bem com a família. Família que eu digo mais pai e mãe mesmo*. Fala que não tenta uma aproximação com os pais. Assegura não acreditar que necessariamente os filhos devam amar os seus pais, mas que será eternamente grata ao fato de os pais terem dado importância a sua educação. A forma como se manifesta mostra o sentimento de gratidão, assim mesmo ela define; ela não possui o sentimento de amor pela família. Tal *post* gerou 88 comentários a respeito da fala de Natália; muitos desses comentários reafirmavam os sentimentos em relação à família e a elogiavam pela coragem e não hipocrisia, comentando também sobre os conflitos com seus pais. Outros tantos pareciam amenizar as suas palavras dando conselhos, mas de forma a entendê-la ou defendendo a instituição familiar. A fala de Natália parece gerar um desconforto nos blogueiros que a seguem. Ela quebra tabus ao falar dessa maneira de seus pais; é possível afirmar que essa coragem só foi possibilitada pela proteção da Internet.

Natália afirma que parte do sentimento de não pertencer ou de se sentir excluída é pelo fato de a maioria dos familiares ser evangélica e ela não se considera religiosa. Parece ser um ponto de conflito que envolve não só os pais, mas os familiares também. É como, segundo Winnicott, (1961a:124), se os adolescentes necessitassem de novas alternativas para os seus questionamentos, pois as soluções devem ser próprias. As soluções prontas ou impostas são rejeitadas, pelo menos por hora, porque parecem falsas. Muitas vezes o afastamento temporário do adolescente das crenças familiares é o isolamento saudável e necessário para que aconteça a descoberta pessoal. Por outro lado, por não aceitar soluções prontas, pode querer não demonstrar uma bondade fácil em relação aos seus familiares. Apresenta uma moralidade feroz e busca criar em cima do que destrói. A destrutividade, diz Winnicott,(1939: 101), embora compulsiva e enganadora, é mais honesta que a construtividade, quando esta última não está fundada no sentimento de culpa decorrente da aceitação de seus impulsos destrutivos pessoais. Para o autor, é mais fácil chegar à *destrutividade que está em nós mesmos, quando ela*

está ligada à raiva resultante de uma frustração ou ao ódio de alguma coisa que reprovamos, ou quando é uma reação ao medo. O mais difícil é assumir a sua própria destrutividade e responsabilidade de seus sentimentos e ideias de forma integrada. (Winnicott, 1960: 154)

A maneira de Natália falar sobre as pessoas também mostra um distanciamento preocupante. Afirma: *Eu não sei gostar de pessoas. É isso. Pessoas são chatas, tem manias irritantes, falam o que não devem fazer brincadeiras idiotas, falam “eu te amo” pra todo mundo, elogiam o tempo todo, sorriem o tempo todo e realmente acham que fingir ser feliz 24 horas por dia vai servir pra mudar alguma coisa em suas vidas patéticas.* Natália diz, então, que em função de sua relação com as pessoas, prefere a Internet à relação interpessoal face a face. Diz que na rede não há constrangimentos, pois não há contato visual, e que, quando não quer falar com alguém, é só colocar o *status* ausente e pronto. Fala que sempre brincou sozinha e que desde criança já achava as pessoas estranhas, principalmente as meninas. Achava o mundo feminino sem graça e as brincadeiras dos meninos bem mais interessantes. Fala com superioridade em relação às pessoas, trata-as como banais e demonstra que não sente os mesmos sentimentos que os outros. É um sentimento de exílio. Lembramos de uma paciente adolescente descrevendo, em uma sessão, o seu sentimento em relação a sua família. Dizia se sentir como se fosse uma estrangeira que conhece pouco a língua falada pelas pessoas ao seu redor. Dizia estar ali, mas não participar efetivamente nem entender os que as pessoas falavam, e que estas também não se esforçavam para integrá-la.

Safra (2004: 24) nos fala desse sentimento de exclusão. Com base em Winnicott, o autor afirma que o indivíduo, a partir da solidão essencial, entra no mundo na condição de exilado surpreendido, acolhido no braço e no olhar de alguém para que um lugar se estabeleça e um iniciar-se possa acontecer. *É preciso encontrar o outro, mas é fundamental o retorno à solidão. É preciso chegar e ir-se, alcançar e recolher. Viver para morrer* (Safra, 2004: 25). Safra explica que a queda plena no oculto, na solidão, no escuro, leva o indivíduo às agonias impensáveis, ao sofrimento sem morte, ao fora absoluto que o torna andarilho sem sombras. Por outro lado, o deslizamento para o dito, para o desvelamento, para o mundo, para o claro, leva-o à agonia do totalmente pensado (Safra, 2004: 25) *A impossibilidade do acontecer humano, pelo excesso de claridade ou de escuridão, leva o indivíduo a um sofrimento sem entorno e, portanto*

enlouquecedor. (Safra, 2004 p.26) Safra afirma que a travessia pela vida somente é possível pela presença do outro.

Podemos apontar, desse modo, a importância do outro e do ambiente na travessia pela vida sentida como verdadeira, de forma que cada indivíduo consiga *ser*. Fulgencio (2009) nos fala a respeito da defesa que Winnicott fez sobre a psicanálise ser uma psicologia científica que pudesse fornecer um conhecimento objetivo da natureza humana; a saúde significa "continuidade do ser". *Ser*, aqui, tem um sentido muito específico: significa ser por si mesmo e não como uma reação (Fulgencio, 2009: 82/83). Cabe ao ambiente fornecer a possibilidade de o indivíduo continuar sendo. Fulgencio afirma que a concepção winnicottiana não é ingênua e que o autor sabe ser a vida difícil, a existência infantil e adulta repleta de ambiguidades e sabe haver dificuldades nas relações do ser humano consigo mesmo e com os outros, mas sabe também que é próprio da saúde experimentar a vida como algo que vale a pena (Fulgencio, 2009 p. 83).

Vemos no material virtual de Natália que o afastamento em demasia do outro e de suas referências aproxima os jovens de uma comunicação mais rápida e de maneira virtual. Não devemos, no entanto, concluir que a forma atual de comunicação seja a única utilizada e que seja sempre negativa. A escrita em *blogs* pode ser vista como uma brincadeira e pertencer ao verdadeiro *self*, mesmo havendo a utilização de personagens, por meio dos quais o adolescente pode experimentar vários *eus* nele mesmo ou conhecer vários *eus* através de amigos virtuais, com quem se identifica. Há uma possibilidade de falar de si para alguém que vai vê-los ou ouvi-los. O ser lido pode significar ser visto.

Biik

O nome de seu *blog* nos chama a atenção, pois é como se fosse a sua própria identidade: *Tipo certo de garota errada*. Por que errada? A jovem fala da condição de seus pais, que são separados, e de seus sentimentos contraditórios em relação a sua mãe, *ora a melhor pessoa do mundo, ora a mais chata*. Comenta o fato de que às vezes a sua mãe é confundida com sua irmã. Fala também da dificuldade de relação com seu pai e que sente a sua falta. Afirma que gostaria de ter uma família e que vive clandestinamente na família de suas amigas. Ela diz que, em festas familiares, passa todo ano em uma casa diferente. Fala ainda que, com a morte de sua avó, houve

uma desintegração familiar. Sobre o isolamento, a adolescente afirma que não consegue ficar sozinha, mas que neste momento sente-se muito só; passa o dia esperando o horário de ir para a escola. Ela diz estar passando muito tempo consigo mesma.

A escrita de Biik nos chamou a atenção por ela escrever muito sobre a sua família. A menina está desenraizada, como se não pertencesse a nenhum lugar. O fato de viver próximo às famílias das amigas não a faz membro destas e o sentimento de não pertencer fica mais evidente. A menina não possui a capacidade para ficar só, por ter muito tempo para isso no seu cotidiano. O paradoxo winnicottiano fica evidente em Biik: não há uma rede de proteção; a menina não precisa pedir por espaço e isolamento para crescer, porque ao ficar muito sozinha, ela vive a experiência da solidão. Houve falha no ambiental inicial e um desamparo familiar no momento da adolescência. A menina sofre com esse abandono e possui um desejo real de constituir uma família.

Lovelace

Já com a moradora de São Paulo, a relação com a sua família é diferente de Biik. De início, chama seu *blog* de *Confissões de uma adolescente em crise*, e afirma que faz coisas sem pensar e coisas erradas como toda adolescente. Fala de seu conflito com os pais em relação à religião e a sua falta de paciência no encontro com os seus familiares. A impressão é que ainda não é respeitada em sua condição de adolescente e é tratada de forma infantilizada. A menina conta um episódio em que afirma ser descontrolada e que só se acalma quando está com seu *blog* e que seu pai a proibiu de usar o computador nos dias de semana. Com a chegada do final de semana, a mãe novamente a proíbe, e a menina afirma, então, que entrou em uma crise a qual foi desencadeada pela chamada de uma ambulância por sua mãe. A crise gera a promessa da frequência da menina a um psicólogo e ela faz os pais prometerem que também frequentariam o profissional. A jovem diz se acalmar quando está no computador, quando escreve e compõe músicas; ela não considera isso um vício, como os seus pais veem. Apesar de toda a proibição, a menina escapa da vigilância e frequenta *lan houses*.

É comum a percepção das adolescentes que a escrita apareça como um hábito terapêutico. Mika (15 anos) escreve em seu *blog*: *quando escrevemos para nós mesmos, como um diário ou reflexões, estamos usando a escrita para pensar. É um ótimo método para esclarecer questões, visto que no papel mesmo as situações mais complicadas vão se organizando. Não é à toa que tantos terapeutas sugerem a seus*

clientes escreverem um diário. É muito bom para a cabeça produzir textos sobre o que é importante para nós (Mika, 15 anos em 16/02/2009 In: Braga & Fulgencio, 2009).⁴⁰

A família de Lovelace, preocupada com seus novos hábitos, pode perceber a sua filha adolescente está se distanciando e pode não entender que há uma necessidade de tal afastamento para a busca de si mesmo. A forma de resolução é que aparece de forma confusa, ao menos pelo olhar da menina. A proibição do uso do computador parece ineficaz e traz vivências desagradáveis, como a relatada em seu *blog*. Por trás desta relação conturbada, em torno do tema do computador, existem diversos conflitos de geração, como a não liberdade de escolha religiosa e a forma infantilizada como é tratada pelos familiares.

O psicólogo entra nessa família com um papel de possibilidade de negociação entre a filha e os pais, mas é visto como um “castigo” ou como um “*pagar mico*”. Há uma identificação dos blogueiros que comentam o episódio citado e comentam sobre a proibição de uso do computador.

A diferença entre Biik e Lovelace se encontra no ambiente em que as duas vivem. O tema família é relevante para as duas. A primeira nos deixa a impressão que a falta da família gera a solidão e a segunda, que a família a atrapalha em seus afazeres. É importante entender as preocupações dos pais de Lovelace, mas a maneira como eles o fazem torna o ambiente intrusivo, como se a menina ainda não tivesse a prontidão necessária para o amadurecimento individual; os pais adiantam as coisas, não permitindo a ocorrência de fatos da adolescência ocorram no seu devido tempo, gerando angústias na menina. Como consequência, temos os exageros vividos pela família em questão.

A família deve oferecer uma sustentação ambiental oferecendo um ambiente propício à confiabilidade e à comunicação. Confiabilidade significa comunicação, previsibilidade e não invasão.

O *blog* “Me deixa”

O *blog Me deixa* pode ser visto como um espaço potencial em que há uma experiência lúdica entre pessoas jovens de quem o mundo já cobra atitudes adultas

⁴⁰ Retirado do texto apresentado em XIV Colóquio Winnicott, 2009 Comunicação e isolamento em escritas de *blogs* de adolescentes: uma leitura winnicottiana. Braga, Carla & Fulgencio, Leopoldo.

e eles as cumprem de forma ainda meio desajeitada. Buscam preservar o seu lado social e profissional e sabem que algumas coisas já não podem falar socialmente, mas, por outro lado, cultivam a irreverência dos adolescentes, mesmo que seja em um *blog*, o qual, apesar de ser público, é acessado apenas por eles mesmos. É uma forma de dividir com pessoas com quem se identificam suas angústias e vivências, as quais, embora sejam reais e sérias, são escritas de uma forma lúdica e, dessa forma, compartilhada. É interessante a escrita de um rapaz (já que não são tratados neste trabalho) sobre o fato de ser questionado. Diz: *não me pergunte nada*. Essa questão nos remete à intrusão muitas vezes cometida pelos familiares e professores que tanto aborrece os adolescentes. Como escreveu Winnicott (1961a, p.119): *aquele que faz perguntas deve estar preparado a ouvir mentiras*.

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber *quem sou* é uma questão difícil e nem sempre respondida, já que só podemos ter esta resposta quando passamos por um longo processo de autodescoberta, o que nos leva ao sentimento de existir como alguém real e verdadeiro. Winnicott alerta que a conquista do EU Sou é uma das mais perigosas, porque, ao alcançar um estado de ser individual, revela-se uma negação do não-eu, o que gera uma grande ansiedade. Afirmar Winnicott: *Se eu sou, então o caso é que consegui agrupar isto e aquilo e reivindiquei que isto sou eu, e que repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, insultei o mundo, por assim dizer, e posso aguardar um ataque* (Winnicott, 1984h [1968] p. 42).

Essa experiência se intensifica na adolescência em razão de o adolescente estar em busca de uma identidade pessoal e corporal, estar em busca de sua aparência e das suas questões no processo de mudança. Paralelamente, a sociedade e os pais que querem definições (carreira que vai seguir, o que pretende na vida, namoros sérios) e levam muitos adolescentes a, apressadamente, tomarem decisões falsas (ou seja, que não são conquistas ou descobertas pessoais, advindas de si mesmo) para acalmar a própria angústia e a ansiedade dos pais.

Esse momento pode ser carregado de um sentimento de futilidade, depressão e angústia pelos adolescentes, e a rapidez nas decisões pode acarretar uma não descoberta de si e um apropriar-se de um falso *self* de forma a agradar os adultos a sua volta, ou mesmo para aplacar a angústia dessa procura neles mesmos. A luta pela identidade pessoal pode ser vivida mais dramaticamente conforme a dinâmica de cada família. Algumas famílias precisam que o adolescente cresça logo, exigindo respostas que ele ainda não têm. São famílias que não conseguem lidar com a luta que o adolescente trava contra os ideais já determinados e que ele precisa saber se também são seus. Esse caminho leva um tempo, pois se trata de encontrar os valores como seus. Outras famílias acreditam que os adolescentes não precisam de uma boa conversa, de atenção ou de presença. Outras ainda acreditam no estar sempre juntos, causando uma

dependência, para proteger seus filhos dos percalços da vida. De qualquer maneira, são famílias que poderão ter alguma dificuldade na comunicação com os adolescentes, mas estes não vão ter *cura* (no sentido que Winnicott dá ao termo, ou seja, amadurecerem para chegar à vida adulta) a não ser com a passagem do tempo (desde que, nesta passagem, as experiências e descobertas próprias possam ocorrer sustentadas pelos ambientes em que vivem).

Como sabemos, o ambiente continuado e adequado aos bebês favorecerá todo o aspecto de amadurecimento emocional, protegendo-os de uma psicose, mas os cuidados ambientais devem ter uma continuação. Na adolescência, há uma repetição de padrões infantis, e o menino e a menina precisam ter a sensação de estarem fazendo suas descobertas únicas, porém sabendo que têm um olhar protetor ao redor de si. Se não houver a rede de proteção e uma forma de comunicação adequada, o indivíduo não fica protegido de uma dos diversos tipos de distúrbios psíquicos que podem aí ocorrer (depressões, manias, episódios psicóticos, atitudes anti-sociais, etc.). O isolamento, entendido pela teoria winnicottiana, favorece o desenvolvimento individual, principalmente na adolescência; entretanto, a solidão e o retraimento do indivíduo podem ser considerados como fruto de um abandono afetivo e, muitas vezes, é o que vemos atualmente. O fato de o adolescente ter vários amigos virtuais ou de viver conectado não o protege deste tipo de solidão e abandono.

Para Coelho Jr & Barone, (2007), os estudos de Winnicott permitem superar o binômio “presença-ausência” ao proporem a necessária *presença potencial*. Ao fazer uso do objeto transicional, o bebê recorre a uma presença potencial da mãe ausente: sua ausência, naquele momento, dado o grau de maturidade desse bebê, não gera um sentimento de esvaziamento porque existe uma presença potencial. A presença potencial da mãe ausente é sustentada pelo bebê de maneira variada, em relação direta com o grau de maturidade ou de dependência em que o bebê se encontra. Winnicott reconhece que o bebê pode suportar a ausência da mãe se isso ocorrer dentro de um limiar de tempo X ou, no pior dos casos, em um espaço de tempo X + Y. Contudo, se a ausência materna perdura por mais tempo do que é possível ao bebê manter sua imagem viva, o bebê experimentará uma quebra em seu sentido de existir. A presença potencial se desvanece, dando lugar apenas a um violento sentimento de esvaziamento.

Dito isso a respeito dos bebês, podemos pensar na relação mãe-filho adolescente. Para a proteção de uma depressão e de um estado de isolamento patológico, o adolescente deve ter também um limiar de tempo X ou uma distância Y de

seus pais e de um olhar protetor. Tal como o bebê na cena em que ele brinca sozinho na presença da mãe, os adolescentes devem manter uma distância capaz de fazerem suas descobertas sozinhos, mas com o olhar dos pais por perto, sem estes serem, no entanto, invasivos. É a chamada *presença potencial*. Esta *presença potencial* pode ser representada por algo que contribua (como instrumento de expressão ou comunicação) para seu espaço do brincar, seu ser criativo e espontâneo, o que, numa situação extrema, poderia ser pensado de forma análoga ao que ocorre quando a criança cria-encontra o objeto transicional como algo que faz as vezes da mãe (considerando a mãe como presente). Considerando o “lugar em que vivemos” como o lugar onde ocorrem os fenômenos transicionais, caberá aos adolescentes uma procura por este lugar, uma procura por um lugar onde encontrem a si mesmos, o que ocorre de forma variada, em função das características pessoais, da riqueza dos ambientes, da situação familiar e da maturidade do adolescente. Assim, aqueles que cuidam dos adolescentes (desde o casal parental, os irmãos, os educadores, os terapeutas, etc.) teriam que se abster de comportamentos invasivos para não destruir a capacidade do adolescente de se contatar à realidade de forma criativa.

Dado que, na adolescência, a comunicação e a não-comunicação aparecem muitas vezes de forma paradoxal e enfática e que representam um aspecto saudável do diálogo entre a mãe e o bebê ou da mãe e seu filho adolescente, assim Winnicott enfatiza que a comunicação silenciosa é saudável e fundamental às relações humanas. A presença implicada e reservada dos pais em relação ao filho adolescente vem a facilitar a comunicação e o silêncio do adolescente em casa. Ele necessita saber que pode falar (se quiser falar), mas que necessariamente será escutado.

A análise dos *blogs* nos indica a importância da função social e clínica do psicólogo na atualidade. A referência de Lovelace nos faz refletir sobre o papel do psicólogo como aquele que irá resolver os problemas familiares (sob a visão da família) e que, pela visão, da menina, é uma vergonha ou uma situação de *pagar um mico*. Todavia, a referência de Natália nos remete a outra perspectiva do profissional. Apesar da descrença da jovem nas pessoas e o seu isolamento, de sua fala ser sempre na direção de não gostar de relação face a face, além da sua dificuldade em estar com seus familiares e amigos, ela apresenta, de maneira rápida, sobre seu psicólogo ou terapeuta. Escreve a menina (ver p. 120): *pedaço de um e-mail que mandei pro meu ‘terapeuta’ anteontem se não me engano*. Em outro momento: *mas então, eu tava falando com meu ‘terapeuta’ sobre o quanto eu queria ter nascido na década de 50*. Nessas falas rápidas e

despretensiosas, Natália mostra que existe alguém em sua *presença potencial*. Entendemos que além de ser paciente, ela tem liberdade de escrever aquilo que aparece em seu *blog* e enviar ao seu psicólogo. Podemos arriscar a elucubrar sobre a postura ética do profissional que a atende e *brincar* no sentido de pensar que este atendimento não tradicional (pois envolve *e-mail* e *blog*) poderia ser pensado em termos winnicottianos. O terapeuta, ao permitir o envio de *e-mail* pela sua solitária paciente, abre um espaço de uma relação verdadeira, mesmo que profissional. O terapeuta, neste caso, pode fazer um trabalho no hiato criado pelos pais, que não fizeram este papel acolhedor. E Helena? Bem, parece que apesar de toda a presença física dos pais na vida dela, a pessoa que resgata o *ser* de Helena e a aceita de forma incondicional é a avó, sem transparecer sentimentalismo. Tal sentimento Winnicott não via como positivo, pois sua concepção é a de que o sentimentalismo esconde um ódio recalcado ou inconsciente, não sendo saudável (Winnicott, 1946b: 128).

A presença implicada e reservada, agora, do terapeuta permite manter integrados os aspectos comunicáveis e a privacidade do *self*. Desse modo, a posição do analista (ou dos pais ou de professores) deve, paradoxalmente, ser capaz de estar aberta às comunicações do paciente e ao seu silêncio. É uma presença paradoxal que contempla uma espécie de ausência: a posição do analista deve, sem desistir de buscar o paciente, respeitar sua necessidade de se esconder. A ética do método psicanalítico sustenta-se nesse equilíbrio paradoxal entre comunicar-se e não se comunicar.

Coelho Jr & Barone (2007) apresentam uma fala de Thomas Ogden,⁴¹ que retrata a sua visão na relação analítica, a qual podemos adotar na relação do ambiente com o seu adolescente e na tarefa de tornar o ambiente acolhedor e confiável para a construção da identidade de um adolescente ou um adulto saudável. Afirmo Ogden (1994 apud Coelho & Barone, 2007): *É tão importante para o paciente saber que ele é livre para estar em silêncio, quanto é importante que saiba que é livre para falar. Privilegiar a fala sobre o silêncio, a revelação sobre a privacidade, a comunicação sobre a não-comunicação, parece ser tão não-analítico quanto privilegiar a transferência positiva sobre a negativa, a gratidão sobre a inveja, o amor sobre o ódio.*

⁴¹ Ogden, Thomas. Personal isolation: the breakdown of subjectivity and intersubjectivity. In T. Ogden, *Subjects of analysis*. London: Karnac: 167-181. 1994. Apud Coelho & Barone. A importância da teoria de Winnicott sobre a comunicação para a construção do significado ético da psicanálise. *Rev. bras. psicanál.* [online]. set. 2007, vol.41, no.3 [citado 14 Julho 2009]:88-100.

Não podemos pensar apenas no aspecto negativo e patológico do uso do computador e da Internet. Se pensarmos em termos de saúde como *a capacidade que o indivíduo possui para brincar e de ter um viver criativo, poder ocupar o espaço potencial, e estabelecer relações com o mundo exterior e para tanto a participação do ambiente deve ser efetiva* (Winnicott, 1971g: 95; p:20 deste), esta também deve ser contemplada aos adolescentes que fazem uso dos atuais meios de comunicação. O adolescente saudável terá uma opção a mais de se comunicar com as outras pessoas e a Internet será uma ferramenta no estabelecimento de suas relações com o mundo. Se não pensarmos dessa forma, corremos o risco de atribuir uma causa única ao comportamento dos jovens atuais, e toda a discussão sobre a participação ambiente, ausência/presença da mãe ou a capacidade de ficar só *cairiam por terra*. Deixar hoje um jovem longe do computador é algo impossível, mesmo para a classe social desfavorecida. O computador é uma realidade e é uma ferramenta útil que pode ser utilizada de forma criativa.

Dias-Romão (2003) contribui para essa visão positiva da Internet, através de sua tese. Ela propõe a Internet como um espaço da brincadeira e do espaço potencial, onde as exigências da realidade externa estão mais livres e, ao mesmo tempo, está sob controle total da realidade interna. Exercendo o brincar, o indivíduo encontra uma via de saúde para a vida, porque tem a sensação de que ele está vivo e que ele existe em algum lugar.

A possibilidade de possuir amigos virtuais, escrever para muitas pessoas sem conhecê-las e de criar personagens no mundo on-line através de *nicks* permite a entrada em um mundo diferenciado do mundo *off-line*. Para Dias-Romão, o *nick* dispensa qualquer formalidade e, dessa maneira, dá o tom do lúdico de que o indivíduo, ao escolher um apelido, comprou uma passagem para o universo da brincadeira. Duas de nossas personagens, Lovelace e Biik, utilizaram *nicks*, certamente; já sobre Natália não sabemos, pois muitos usam seus próprios nomes, mas como isso não é retratado por ela, torna-se um assunto irrelevante. Dias-Romão afirma em suas pesquisas que, no mundo virtual, não há referências, não há rostos, não há corpos ou vozes, são simplesmente *nicks*. Um detalhe, porém chama a nossa atenção: Helena também é um *nick*, visto que o verdadeiro nome da autora dos diários era Alice, como foi exposto anteriormente. Nesse sentido, o espaço potencial pode ser considerado como sagrado, na medida em que é nele que se oficia a experiência da vida criativa, aprimorando-se,

então, ali o uso de símbolos que valem tanto para os fenômenos do mundo exterior quanto para os da vida interior.

Segundo Winnicott, (1968i[1967]: 63), a possibilidade de brincar, jogar e de se comunicar torna o indivíduo capaz de empenhar o seu *ser* inteiro. A criatividade permite à criança e ao adulto descobrirem seu *self* verdadeiro. A comunicação silenciosa e com os objetos subjetivos faz parte da constituição de sua personalidade. Sendo assim, é possível, a partir desse momento do processo de maturação, distinguir entre isolamento e comunicação, solidão e presença.

Podemos vislumbrar ainda uma dimensão da relação do adolescente com os *blogs* no que diz respeito à constituição do si mesmo e, mais especificamente, à construção de sua memória. A memória se efetiva nas relações que os indivíduos estabelecem com seus pares. É uma função psicológica estritamente humana que se constrói e se reconstrói, em função das situações que o homem vivencia ao longo de sua vida, ao longo de suas relações. Trata-se de uma “composição”, de um acúmulo de sentidos e significações que subsidiam os indivíduos na percepção de sua identidade.

A experiência dos adolescentes na confecção dos *blogs*, por sua vez, remete-nos para a imediatez das experiências, para a rapidez na construção e desconstrução da memória, para a efemeridade, uma vez que as informações ali contidas podem ser descartadas/eliminadas/refeitas a qualquer momento. Assim, essa experiência pode se confundir com a própria efemeridade da adolescência, dando-nos a impressão de que adolescentes não têm memória, de que suas experiências, suas impressões da realidade, são elaboradas no calor do *aqui-e-agora*, na solução imediata da vivência de suas inquietações. O que está escrito hoje num *blog*, amanhã pode não estar mais. Amanhã, a configuração subjetiva pode ser outra. A memória é frágil, ela escapa, é fugidia como a própria experiência do adolecer. Contudo, podemos dizer que o mais importante entre esses meios e o viver dos adolescentes é a capacidade destes de fazerem uso de instrumentos para serem espontâneos e criativos, brincando e se comunicando, na procura de si e do outro e, nesta intersecção entre as diversas áreas do brincar, conseguirem encontrar-se a si mesmos, amadurecendo e ultrapassando suas próprias experiências em direção ao constituir-se como adultos, ou seja, com independência e autonomias relativas, adaptando-se ao mundo sem perda demasiada da espontaneidade.

Sendo assim, podemos discorrer sobre o homem saudável. Para Winnicott, *significa uma maturidade relativa à idade do indivíduo* (Winnicott, 1967: 4).

Quanto ao uso da palavra normal ou saudável, *quando nos referimos a pessoas (...) corre-se o risco de dizer o óbvio ou de descobrir que não conhecemos a resposta. Seja lá como for, nosso ponto de vista se modifica através das décadas* (Winnicott, 1967:4). Ainda conforme o autor: *Espero não incidir no erro de pensar que se pode avaliar um homem ou uma mulher sem levar em conta seu lugar na sociedade.* (Winnicott, 1967:4). Feita tais considerações, afirmamos que o estudo da adolescência traz algumas inquietações e que a visão de Winnicott permite ver a adolescência de uma forma mais leve, por enfatizar toda a beleza da descoberta da idade e, conseqüentemente, da sua saúde. A visão positiva da adolescência nos faz pensar sobre a não saúde da sociedade ou o não preparo dos ambientes que cercam os nossos adolescentes, independentemente da época em que vivem. Os sentimentos e necessidades universais da adolescência o fazem mais próximos de si mesmos e de sua busca para o crescimento. Apesar disso, o ambiente precisa ajudar o adolescente e este tem como maior necessidade a de ser visto. Para Winnicott, *alguns adolescentes sofrem muito, e não oferecer ajuda pode ser crueldade* (Winnicott, 1967:7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Reveinter.
- Accioly Lins, M. I. (2006). *Consultas terapêuticas: uma prática clínica de D.W.Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aiello Vaisberg, T. (1999). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de Livre Docência USP, São Paulo.
- Aiello Vaisberg, T. (2001) A função social da psicologia clínica na contemporaneidade. Conferência de abertura do I Congresso de Psicologia Clínica, São Paulo. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_3_-_Numero_1/v3n1_art7.pdf
- Aiello Vaisberg, T. M., M.C.Lousada Machado & Baptista, A. M. (2003). Sofrimento humano e Psicanálise contemporânea. I: Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Vaisberg_132161003_port.pdf Acessado em 29/08/2007.
- Araújo, Conceição. A. Serralha de. (2005). O ambiente em Winnicott. *Winnicott e-Print*, 4, 21-34. Disponível em http://www.centrowinnicott.com.br/winnicott_eprint/ Acessado em 05/05/2009
- Araújo, Conceição. A. S. de. (2007). Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott., Tese de Doutorado PUC, São Paulo.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara.
- Artières, P. (1998). Arquivar a própria vida. In: *Revista Estudos Históricos*. [Tradução Dora Rocha] n. 21. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>. Acessado em 09/12/2008
- Birman, J. (1999). As alquimias do mal estar da atualidade. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, ano II, 1, 35-49.
- Bleger, J. (1984). *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braga, C. M. L. (1997). Ansiedade, Nervosismo, Stress. Como os adolescentes vivenciam a época do vestibular? Uma análise psicanalítica. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR.

- Braga, C.M.L. & Fulgencio, L. (2009) *Comunicação e isolamento em escritas de blogs de adolescentes: uma leitura winnicottiana*. [Resumo] Programa e Caderno de Resumo do XIV Colóquio Winnicott Internacional: O psíquico, o mental e o simbólico. p. 26
- Breton, D. (1991). *Passions du risque*. Paris: Métailié.
- Cairolí Lopes, P. & Poli, Maria Cristina. (2005). Os adolescentes e a escrita íntima em blogs. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional do Adolescente, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br>. Acessado em 10/06/2008
- Ceccarelli, P. R. (2001). Pesquisa em Psicanálise. Trabalho apresentado no / I Simpósio: o homem e o método/II Encontro de Psicologia de Belo Horizonte. PUC/MG. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/metodo.htm> Acessado em 9/07/2009.
- Coelho Jr., N. E. & B., Karina Codeço. (2007). A importância da teoria de Winnicott sobre a comunicação para a construção do significado ético da psicanálise. *Revista Brasileira de psicanálise* V.41, p.88-100. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rbp/v41n3/v41n3a09.pdf> Acessado em 14/07/2009.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dias-Romão, D. (2007). Brincando de ser na realidade virtual: uma visão positiva da subjetividade contemporânea. Tese de Doutorado PUC, Rio de Janeiro.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Flórido, F. (2000). *Compaixão. Estados Gerais da Psicanálise*. Disponível em <http://www.estadosgerais.org/historia/168-compaixao>. Acessado em 30/06/2009.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 5(1), 127-164.
- Fulgencio, L. (2006). Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D.W.Winnicott. Trabalho apresentado na I Jornada de D.W.Winnicott, Campinas.
- Fulgencio, L. (2007). Winnicott e Freud: diferenças na concepção de cultura do ponto de vista da psicanálise. Trabalho apresentado nos Anais do VIII Simpósio CEFAS (Centro de Formação e Assistência à Saúde) e Jornada FLAPAG (Federação Latina de Associações de Psicanálise de Grupo). O trabalho com grupos no cotidiano das práticas Institucionais. Disponível em: www.cefes.com.br.

- Fulgencio, L. (2008). O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 124-136.
- Fulgencio, L. (2008). Notas sobre o interesse da psicologia dinâmica de Winnicott para a educação. *Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Ano VI, 11, p. 75 - 108.
- Fulgêncio, L. (2008). *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Educ.
- Grossman, E. A. (1998). A adolescência através dos tempos. In: *Adolescência Latinoamericana*, 1(2), 68-74.
- Blog Adolescente em crise – Disponível em <http://adolescenteemcrises.blogspot.com>. Acessado no período de setembro a outubro de 2008.
- Blog Beijo me liga – Disponível em <http://bejomeliga.blogspot.com>. Acessado no período de setembro a outubro de 2008.
- Blog Cólica Mental – Disponível em <http://colica-mental.blogspot.com>. Acessado no período de setembro a outubro de 2008.
- Blog Me deixa – Disponível em <http://medeixa.blogspot.com>. Acessado no período de setembro a outubro de 2008.
- Knobel, M. (1981) A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury A. & Knobel, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lima, Maria Celina P. (2006). Sobre a escrita adolescente. *Estilos da clínica*. 20, 58-71.
- Lobo, L. (2007). *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Loparic, Z. (2003). De Kant a Freud: um roteiro. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 5(1), 231-245.
- Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza humana*, 7(2), 311-358.
- Loparic, Z. (2001). Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 11(2), 7-58.
- Loparic, Z. (1996). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*. Ano IX, n. 17 p. 41-47 Disponível em: www.centrowinnicott.com.br/modules/mastop_publish/
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 8 (Especial 1), 21-47.
- Loparic, Z. (2008). O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 137-150.
- Lowenkron, T. S. (2005). A investigação psicanalítica está ameaçada de extinção? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(3), 159-168.

- Moraes, Ariadne A. R. E. (2005). Contribuição winnicottiana para a teoria e clínica da depressão. *Tese de Doutorado* PUC, São Paulo.
- Morley, H. (1998). *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nicolaci da Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos e uma nova configuração psíquica. *Cadernos Cedes*, 25(65), 71-85.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. A. & Araújo, S.M.B. (2001). Winnicott e a adolescência. In: *Winnicott seminários paulistas* (pp. 325-359). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, J. H. (2001). *Curso básico de teoria da comunicação*. Ed Quartet.
- Phillips, A. (2007 [1988]). *Winnicott*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Recuero, R. (2004). Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. *Cibercultura*, 11, 19-27. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webringseredes.pdf>. Acessado 12/05/2007.
- Safra, G. (2004). *A pó-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 35-41.
- Schittine, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Urbim, E. (2009). Solidão impossível. *Superinteressante*, edição 265 p 61-63.
- Wagner, A. et all. (2005). Estratégias de Comunicação Familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexões e Críticas*, 18(2), 277-282.
- Wallbridg, D. D. M. (1982). *Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott⁴², D. W. (1939). Evacuação de crianças pequenas. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes 2002.
- _____ (1945d). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 [1958a].
- _____ (1946b). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1984a].

⁴² As referências à obra de D.W. Winnicott foram feitas segundo a classificação estabelecida por Knut Hjulmand (1999) professor de Departamento de Psicologia da Universidade de Copenhagen. As letras minúsculas, por exemplo, 1965b, referem-se à ordem em que os artigos foram publicados. Esta bibliografia está presente na Revista Natureza Humana, Vol 9, número especial 1, maio de 2007, revista esta publicada pelo Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas da PUC-SP.

- _____ (1947e). Tratamento em regime residencial para crianças difíceis. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1984a].
- _____ (1953a). Psicoses e cuidados maternos. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1953c [1951]). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975 [1971a].
- _____ (1955a). A adolescência das crianças adotadas. In: *Pensando sobre Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997 [1996a].
- _____ (1955d [1954]). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico. In: *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 [1958a].
- _____ (1957d [1939]). Agressão e suas raízes. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1984a].
- _____ (1958a). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____ (1958c [1856]). A tendência anti-social. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fonte, 1995 [1984a].
- _____ (1958g [1957]). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983 [1965b].
- _____ (1958j). O primeiro ano de vida: uma nova visão sobre o desenvolvimento emocional. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1965a].
- _____ (1958n [1956]). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 [1958a].
- _____ (1959). Uma abordagem clínica aos problemas familiares: a família. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes médicas 1997[1996a].
- _____ (1960). Agressão, culpa e reparação. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____ (1961a). Adolescência. Transpondo a zona das calmarias. In: *A família e o desenvolvimento individual* 1997.
- _____ (1962a [1961]). A luta para superar depressões. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____ (1964). Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com um adolescente. In: *Explorações psicanalíticas* (pp. 249-259). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- _____. (1964a). A juventude não dormirá. In: *Privação e delinquência* (pp. 177-179). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. (1964a). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- _____. (1965a). *Família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. (1965b). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1965j [1963]). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1965m [1960]). Distorção do ego em termos de falso e o verdadeiro *self*. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1965u [1963]). Atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. (1965q [1962]). A criança de 5 anos. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. (1965r [1963]). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1965vf [1960]). O relacionamento inicial da mãe com o filho. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. (1965vc [1962]). Provisão para a criança na saúde e na crise. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. (1966). O que sai da boca dos adolescentes. In: *Pensando sobre crianças* (pp. 66-67). Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1967). O conceito do indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa* (pp. p. 3-22). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. (1967c). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1968b). Imaturidade do Adolescente In: *Tudo começa em casa* (pp. 145-163). São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. (1968b). O aprendizado infantil. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- _____ (1984h [1968]). Sum: eu sou. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____ (1968g). Inter-relacionar-se independentemente do impulso instintual e em função de identificações cruzadas. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro Imago, 1975.
- _____ (1968i[1967]). O Brincar: uma exposição teórica. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro Imago, 1975.
- _____ (1969a [1968]). Morte e assassinato no processo do adolescente. In: *O brincar & a realidade* (pp. 194 - 203). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____ (1969i [1968]). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____ (1971a). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior e Imaturidade do adolescente. In: *O brincar & a realidade* (pp. 187-194). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____ (1971g). A criatividade e suas origens. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____ (1974). O medo do colapso. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____ (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1987b). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____ (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____ (1989). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____ (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____ (2002). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)